

UNIVERSIDADE  
**AbERTA**  
www.uab.pt

**Literatura para Crianças**  
**Panorâmica Atual na Região Autónoma dos Açores**

**Flávia Medeiros**

Lisboa, 2019



**Mestrado em Arte e Educação**

**Literatura para Crianças**  
**Panorâmica Atual na Região Autónoma dos Açores**

**Flávia Medeiros**

Dissertação apresentada para obtenção de Grau de Mestre em  
Arte e Educação

Orientadora: Dr<sup>a</sup>. Glória Bastos

Lisboa, 2019



## RESUMO

A existência de uma Literatura Açoriana, com características e traços próprios, é tema de debate desde a primeira menção do termo em 1852. No entanto, nos vários séculos em que esta discussão já se prolonga, ainda não houve tentativa de explorar a Literatura Açoriana destinada ao público infantil. Esta dissertação parte, assim, do propósito de tentar averiguar a existência de uma Literatura Açoriana para Crianças, bem como a sua panorâmica atual na região.

Os objetivos que nortearam este trabalho foram a análise do panorama atual da Literatura Açoriana para Crianças, para além da identificação do contributo das bibliotecas públicas e escolares para a promoção dessas obras.

Para alcançar estes objetivos recorreu-se a uma abordagem mista (qualitativa e quantitativa), através da aplicação do método de levantamento, para obtenção de uma listagem das obras de Literatura Açoriana para Crianças publicadas entre os anos de 2000 e 2017, e sua posterior análise, e um método de recolha de dados por inquérito para uma análise do contributo das bibliotecas da região para a promoção da Literatura Açoriana para Crianças.

A partir da análise dos resultados obtidos, é possível concluir que, neste momento, dado o ainda reduzido número de obras publicadas, será difícil considerar que existe uma Literatura Açoriana para Crianças, mas que a longo prazo esta poderá vir a estabelecer o seu lugar na Literatura Açoriana. O papel das bibliotecas neste panorama e o seu contributo para esta Literatura carece de uma consciencialização da importância destas obras e, conseqüentemente, de uma promoção eficaz das mesmas junto do público infantil.

**Palavras-chave:** Literatura Açoriana para Crianças; Açorianidade; Promoção de Leitura; Bibliotecas.

## ABSTRACT

The existence of an Azorean Literature, with its own characteristics and traits, has been the subject of debate since the first mention of the term in 1852, by Vitorino Nemésio. However, in the several centuries of this discussion, there has not yet been an attempt to explore the Azorean Literature aimed at children. This dissertation has the purpose of trying to ascertain the existence of an Azorean Literature for Children, as well as its current panorama in the region.

The objectives that guided this work were the analysis of the current panorama of the Azorean Literature for Children, besides the identification of the contribution of the public and school libraries for the promotion of the Azorean Literature for Children.

To achieve these objectives, a qualitative and quantitative methodology was used, through the application of a survey method, in order to obtain a listing of Azorean Literature for Children published between the years 2000 and 2017, and its subsequent analysis, and a method of data collection by survey to evaluate the contribution of libraries in the region for the promotion of Azorean Literature for Children.

From the analysis of the obtained results, it is possible to conclude that it's not yet possible to affirm the existence of an Azorean Literature for Children, due to the still small number of published books, but in the long term it can establish its place in Azorean Literature. The role of libraries in this panorama and their contribution to this Literature requires an increased awareness of the importance of these books and, consequently, of an effective promotion of those among children.

**Keywords:** Azorean Children's Literature; Açorianidade; Reading Promotion; Libraries.

## **DEDICATÓRIA**

Dedico este trabalho

a todos os escritores açorianos que consagram a sua escrita aos mais novos;

a todos os profissionais da educação que ensinam a arte de ler e escrever;

a todos os bibliotecários que medeiam a leitura em prol da construção de hábitos de leitura nas crianças;

a todas as entidades públicas e privadas que têm vindo a apoiar os livros infantis;

e, principalmente, a todos os pais que levam o livro às mãos dos seus filhos.

## **AGRADECIMENTOS**

Verdadeiramente grata,

Ao professor Amílcar Martins, pelo suporte académico e afetivo que me tem prestado ao longo deste mestrado;

À professora Daniela Barros, pela motivação que me foi inculcida numa fase menos positiva da minha vida;

E por fim, à professora Glória Bastos que, pela admiração que tenho pelo seu percurso na Literatura para Crianças e Jovens, me encheu de orgulho e confiança na realização desta dissertação.



## ÍNDICE GERAL

<b>RESUMO</b> .....	V
<b>ABSTRACT</b> .....	VI
<b>ÍNDICE DE FIGURAS</b> .....	3
<b>ÍNDICE DE GRÁFICOS</b> .....	4
<b>INTRODUÇÃO</b> .....	5
<b>PARTE I</b> .....	10
<b>ENQUADRAMENTO CONCEPTUAL</b> .....	10
<b>1. Literatura Açoriana – elementos para uma definição</b> .....	11
<b>1.1. O conceito de Açorianidade</b> .....	20
<b>2. Literatura para Crianças: caracterização e perspectivas de análise</b> .....	22
<b>2.1. Percurso em Portugal</b> .....	27
<b>2.2. Os géneros textuais</b> .....	30
<b>2.3. A ilustração nos livros para crianças</b> .....	44
<b>3. A Promoção da Leitura</b> .....	50
<b>3.1. Mediação de Leitura para Crianças</b> .....	55
<b>3.1.1. Os Grupos Etários</b> .....	58
<b>3.2. O papel das Bibliotecas Públicas e Escolares</b> .....	64
<b>3.3. O Plano Regional de Leitura</b> .....	67
<b>PARTE II</b> .....	74
<b>ESTUDO EMPÍRICO</b> .....	74
<b>1. Apresentação do Estudo Empírico</b> .....	75
<b>2. Aspetos metodológicos</b> .....	76
<b>2.1. Caracterização do tipo de estudo</b> .....	76
<b>2.2. Desenho do Estudo</b> .....	78
<b>2.3. Procedimentos</b> .....	79
<b>2.3.1. Levantamento das Bibliotecas Públicas e Escolares dos Açores</b> .....	79
<b>2.3.2. Elaboração e aplicação dos Inquéritos dirigidos às Bibliotecas dos Açores</b> .....	80
<b>2.3.3. Levantamento das Obras de Literatura Açoriana para Crianças</b> .....	80
<b>3. Literatura Açoriana para Crianças</b> .....	81
<b>3.1. Uma proposta de definição</b> .....	81
<b>3.2. Análise do panorama atual da Literatura Açoriana para Crianças</b> .....	84

<b>4. Contributo das bibliotecas públicas e escolares para a promoção da Literatura Açoriana para Crianças.....</b>	<b>91</b>
<b>CONCLUSÕES.....</b>	<b>101</b>
<b>BIBLIOGRAFIA.....</b>	<b>103</b>
<b>APÊNDICE I – LISTAGEM DAS OBRAS DE LITERATURA AÇORIANA PARA CRIANÇAS.....</b>	<b>I</b>
<b>APÊNDICE II – LISTAGEM DAS BIBLIOTECAS ESCOLARES DOS AÇORES .....</b>	<b>III</b>
<b>APÊNDICE III – LISTAGEM DAS BIBLIOTECAS PÚBLICAS DOS AÇORES.....</b>	<b>V</b>
<b>APÊNDICE IV – INQUÉRITO DIRIGIDO ÀS BIBLIOTECAS PÚBLICAS DOS AÇORES.....</b>	<b>VII</b>
<b>APÊNDICE V – INQUÉRITO DIRIGIDO ÀS BIBLIOTECAS ESCOLARES DOS AÇORES.....</b>	<b>VIII</b>
<b>APÊNDICE VI – FICHA DE ANÁLISE DAS OBRAS DE LITERATURA AÇORIANA PARA CRIANÇAS .....</b>	<b>IX</b>
<b>APÊNDICE VII – ESTUDO DAS OBRAS DE LITERATURA AÇORIANA PARA CRIANÇAS.....</b>	<b>X</b>
<b>APÊNDICE VIII – RESPOSTAS AOS INQUÉRITOS DIRIGIDOS ÀS BIBLIOTECAS PÚBLICAS DOS AÇORES .....</b>	<b>XLVI</b>
<b>APÊNDICE IX – RESPOSTAS AOS INQUÉRITOS DIRIGIDOS ÀS BIBLIOTECAS ESCOLARES DOS AÇORES .....</b>	<b>LXXXV</b>

## **ÍNDICE DE FIGURAS**

Figura 1: Géneros da Literatura Para Crianças.....	31
Figura 2: Relação entre os diversos participantes num projeto de promoção de leitura (NEVES, 2008). .....	51
Figura 3: Desenho de estudo. ....	79
Figura 4: Árvore representativa da Literatura Açoriana para Crianças.....	91

## ÍNDICE DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Obras publicadas entre os anos de 2000 e 2017. ....	85
Gráfico 2: Na biblioteca existe um espaço/sala infantojuvenil? .....	92
Gráfico 3: O espaço/sala tem animadores ou responsáveis específicos? .....	93
Gráfico 4: Os livros de Literatura Açoriana para Crianças encontram-se separados das restantes obras? .....	93
Gráfico 5: A biblioteca realiza iniciativas para a promoção de obras de Literatura Açoriana para Crianças? .....	94
Gráfico 6: Quais as iniciativas realizadas pela biblioteca para a promoção de obras de Literatura Açoriana para Crianças? .....	95
Gráfico 7: Qual a frequência das iniciativas de promoção de obras de Literatura Açoriana para Crianças? .....	95
Gráfico 8: As iniciativas são da exclusiva responsabilidade da biblioteca ou há articulação com as escolas? .....	96
Gráfico 9: Como se processa a articulação entre a biblioteca e as escolas? ...	97
Gráfico 10: A biblioteca recorre ao PRL para a aquisição de obras açorianas para crianças, bem como para o desenvolvimento de atividades de promoção de leitura? .....	97
Gráfico 11: A biblioteca mantém-se a par das obras de Literatura Açoriana para Crianças, que vão sendo editadas? .....	98
Gráfico 12: De que forma a biblioteca se mantém a par das obras de Literatura Açoriana para Crianças, que vão sendo editadas? .....	99

## INTRODUÇÃO

Desde o século XV, aquando do povoamento do Arquipélago dos Açores, que se tem vindo a reconhecer o Homem açoriano, pelo seu peculiar modo de vida. Sobre esta forma distinta de ser, desenvolveu-se uma escrita inspirada neste povo. Todavia, só a partir do século XIX se iniciou a formação de um conjunto de obras literárias relevantes, que originou o debate, ainda atualmente alvo de perspectivas divergentes, acerca da Literatura Açoriana (GARCIA, 1953).

Nestas discussões são debatidas questões relativas à sua existência, designação e conceito, bem como o que faz de uma obra ser considerada ou não, açoriana. Nomes como Vitorino Nemésio, Ruy Galvão de Carvalho, Onésimo Teotónio Almeida, entre outros teóricos, prestaram o seu contributo para a evolução desta temática. De uma forma geral, as discussões ramificam-se em dois sentidos principais. Por um lado, a defesa de que existe uma Literatura Açoriana constituída por um leque de obras que abordam a temática açoriana ou, caso não o façam, contêm uma essência açoriana derivada de determinados traços que a tornam característica. Neste lado da questão, após a justificação desta realidade, surge a dúvida de qual a melhor designação para este conjunto de livros. Por outro lado, opiniões contrárias defendem a não existência de uma Literatura Açoriana pela diminuta quantidade de obras que apresentem esses ditos traços ou, ainda, pelo facto de o Arquipélago dos Açores não ser uma região independente, o que faz com que a literatura aí produzida seja englobada na Literatura Portuguesa.

Como natural dos Açores e assentando a minha vida profissional na Educação pela Arte, junto de crianças e jovens, tive a oportunidade de explorar as diversas expressões, inclusive a expressão literária, o que me conduziu à escrita de obras infantis. Este percurso instigou em mim a vontade de estudar, de forma mais aprofundada, o campo da Literatura para Crianças e Jovens. Afunilando este estudo à realidade açoriana, verifiquei uma lacuna nesta área, na medida em que constatei uma ausência de bibliografia referente a esta temática.

Por este motivo, encarei esta dissertação, inserida no Mestrado em Arte e Educação, por duas vertentes. Em primeiro lugar, como uma oportunidade de

abrir uma porta para a criação de um possível debate em torno desta questão, como também futuros estudos, teorias e ensaios nesta área. Em segundo lugar, fazer pensar acerca deste tema e da sua panorâmica atual e motivar a valorização do trabalho literário que tem sido produzido nos Açores, dando a conhecer às crianças e jovens estas obras e encaminhando-as para a sua leitura. Estas poderão ser encaradas como uma fonte de conhecimento de si próprio e do meio que os rodeia, desde as suas raízes, à sua cultura e sociedade em que estão inseridos. Do mesmo modo, estaríamos a contribuir para a aprendizagem da valorização do nosso património literário.

Tratando-se de um tema ainda não explorado do ponto de vista teórico, este estudo pode ser classificado como sendo um estudo exploratório e descritivo, que pretende criar uma base reflexiva acerca desta temática. Para alcançar os objetivos aqui propostos, seguiu-se uma abordagem mista (qualitativa e quantitativa) que consideramos como a que melhor se enquadrava com este processo de estudo, aplicando, numa primeira fase, uma metodologia de levantamento, seguida, numa fase posterior, de uma recolha de dados por inquérito. O levantamento efetuado incidiu numa recolha de obras de Literatura Açoriana para Crianças, publicadas entre 2000 e 2017, e que permitissem estabelecer uma panorâmica atual desta Literatura, por meio da análise destas obras tendo em conta diversos fatores. Restringimos, assim, a nossa análise a obras de autores contemporâneos. Neste sentido, a literatura tradicional, nas suas diversas formas, e que tem um papel relevante junto das crianças, ficou fora do nosso estudo. Reconhecemos igualmente a importância de outras dinâmicas de escrita, nomeadamente a produção realizada por crianças e jovens, sobretudo em contexto escolar, e que tem sido, em alguns casos, publicada, mas que não se integra no quadro editorial que pretendíamos estudar. A metodologia de recolha de dados por inquérito foi escolhida no sentido de permitir uma perceção da postura das Bibliotecas Públicas e Escolares da região perante as obras infantis de autoria açoriana.

Com base na ausência de pilares para a elaboração deste trabalho, senti a necessidade de executar uma abordagem à teoria da Literatura Açoriana e ao que se entende por Açorianidade, de modo a conseguir não só um ponto de partida, como termos de comparação e extrapolação para a Literatura Açoriana

para Crianças. De modo, não só a expor a panorâmica que propomos, como estudar e analisar as obras de Literatura para Crianças produzidas nos Açores, foi necessária uma abordagem, nomeadamente ao que é discutido acerca da ilustração, dos géneros em que as obras podem ser classificadas e o percurso da Literatura para Crianças em Portugal, com o intuito de enquadrar essa panorâmica açoriana no percurso nacional.

Com vista à melhor interpretação dos resultados dos inquéritos e compreensão do papel das Bibliotecas Públicas e Escolares na promoção e mediação de leitura, foram explorados estes conceitos, como igualmente a importância das medidas específicas aplicadas na região para o processo de divulgação, através do Plano Regional de Leitura. Como complemento desta promoção das obras literárias e a quem se destinam, de forma geral, foram tidos em conta os diferentes grupos etários que podem ser encontrados na fase que se conhece por infância.

Perante um tópico que não se encontrava explorado no contexto geográfico referido, muitas questões surgem no decorrer da sua exploração. Porém, foi fulcral seleccionar aquelas que se revelaram mais pertinentes e que apresentavam maior relevância para o estudo que pretendíamos realizar.

**Questões-problema:**

Qual o panorama atual da Literatura Açoriana para Crianças?

Qual o contributo das bibliotecas públicas e escolares para a promoção da Literatura Açoriana para Crianças?

**Objetivos gerais:**

- Analisar o panorama atual da Literatura Açoriana para Crianças;
- Identificar o contributo das bibliotecas públicas e escolares para a promoção da Literatura Açoriana para Crianças.

**Objetivos específicos:**

- Estimar o volume de obras de Literatura Açoriana para Crianças publicadas entre os anos de 2000 e 2017;
- Identificar os escritores e ilustradores que se dedicam à Literatura Açoriana para Crianças;
- Avaliar a evolução do número de obras de Literatura Açoriana para Crianças publicadas entre os anos de 2000 e 2017;
- Identificar algumas características da Literatura Açoriana para Crianças, nomeadamente: géneros literários representados; grupos etários; relações entre texto e imagem; temáticas;
- Identificar se nas temáticas abordadas existe uma predominância de obras com elementos que remetem para o conceito de Açorianidade e quais os elementos mais utilizados;
- Analisar o papel das bibliotecas públicas e escolares açorianas em relação à divulgação das obras de Literatura Açoriana para Crianças, nomeadamente: obras que possuem; atividades de promoção dessas obras;
- Aferir se as bibliotecas públicas e escolares recorrem ao Plano Regional de Leitura para a aquisição de obras açorianas para crianças e jovens, bem como para o desenvolvimento de atividades de promoção de leitura.

Para se cumprir o percurso investigativo, numa primeira fase, procedeu-se ao levantamento das obras açorianas para crianças, editadas entre os anos de 2000 e 2017, tendo em vista conhecer o volume de obras que foram editadas neste período, evidenciar as suas características e aferir quais os temas abordados e géneros publicados. Por esta via, pretendeu-se também saber quais os autores e ilustradores que se têm dedicado ao público infantil e juvenil.

Posteriormente, realizou-se uma listagem das Bibliotecas Públicas e Escolares dos Açores para, através de um inquérito dirigido a estas, aferir o seu contributo para a promoção da Literatura Açoriana escrita a pensar nos mais novos e se esta é feita recorrendo ao Plano Regional de Leitura como ponto de referência.

Com o propósito de responder às questões colocadas anteriormente e atingir os objetivos enunciados, este trabalho foi organizado em duas partes.

Na Parte I, dedicada ao enquadramento conceptual, debruçamo-nos sobre os conceitos basilares inerentes a este trabalho, nomeadamente o conceito de Açorianidade, termo proferido, pela primeira vez, por Vitorino Nemésio, por ocasião da sua participação na revista *Insula*, nas comemorações do V centenário do descobrimento dos Açores, tornando-se um vocábulo e um conceito que tem vindo a ser debatido e associado a outras artes para além da Literatura. Também se abordará a Literatura Açoriana, por meio de pontos de vista que se apresentaram como importantes contributos para a evolução da discussão ao redor desta matéria, e ainda as suas características, géneros, temáticas e marcos literários. Seguidamente, falar-se-á da Literatura para Crianças abordando termos e conceitos sob perspetivas teóricas, que foram desenvolvidas com base na literatura, para este público-alvo, em todo o território português, como também mostrar as suas características, géneros e temáticas, aspetos que irão nortear a discussão deste trabalho. Por fim, faz-se referência ao Plano Regional de Leitura e às suas particularidades. Ainda neste tópico, aborda-se o papel das bibliotecas públicas e escolares na promoção e mediação da leitura para crianças.

A Parte II é dedicada à apresentação do estudo empírico. A nossa opção foi por uma abordagem de natureza qualitativa, com um objetivo exploratório e descritivo. Apresentamos um capítulo com o desenho de estudo e explanação dos procedimentos metodológicos utilizados de forma a responder aos objetivos propostos, nomeadamente o levantamento das obras açorianas para crianças, bibliotecas públicas e escolares dos Açores, a elaboração dos inquéritos e, finalmente, o tratamento dos dados recolhidos.

Com base na análise realizada será apresentada uma proposta de definição de Literatura Açoriana para Crianças, tal como os critérios de inclusão e exclusão de obras nesta Literatura, que se fundamentaram na análise das obras de autoria açoriana aqui exploradas e no estudo desenvolvido ao longo deste trabalho. Identificamos igualmente os contributos das bibliotecas públicas e escolares para a promoção da Literatura Açoriana para Crianças a partir da análise dos questionários aplicados.

Terminamos este trabalho com um capítulo dedicado às conclusões no qual sistematizamos os elementos mais relevantes que foram identificados e examinados.

## **PARTE I**

### **ENQUADRAMENTO CONCEPTUAL**

## 1. Literatura Açoriana – elementos para uma definição

O termo 'Literatura Açoriana' surgiu pela primeira vez em 1852, quando um redator da *Revista dos Açores* serviu-se desta designação para intitular uma notícia bibliográfica. (ALMEIDA, 1983) A partir desta data, diversos teóricos e ensaístas têm exposto as suas perspetivas, no sentido de contribuírem para uma aproximação ao termo e conceito mais adequados a atribuir a este conjunto literário.

Debruçaram-se sobre este tema nomes como Eduíno de Jesus, Pedro da Silveira, João Gaspar Simões, Santos Barros, Victor Rui Dores, Borges Martins, Macedo Fernandes, Maria José de Castro, Ruy Guilherme de Moraes, José Enes, João de Melo e Vasco Pereira da Costa.

As teorias expostas de seguida, nomeadamente a de Vitorino Nemésio, Ruy Galvão de Carvalho, Onésimo Teotónio Almeida, António Machado Pires, entre outros, foram selecionadas por considerarmos as que melhor dão a conhecer a evolução desta discussão e de conferirem uma noção dos diferentes pontos de vista acerca do tema.

Em 1923, Vitorino Nemésio, ao ser entrevistado por Rebelo de Bettencourt, defende que não existe Literatura Açoriana, no sentido de que os poetas e escritores «estão fora da alma açoriana», ou seja, não dão uso à sintaxe e expressões típicas a fim de se conseguir sentir e transmitir, por meio da leitura, a essência do povo, afirmando que, por este motivo, não são capazes de despertar o interesse fora do arquipélago. Todavia, incentiva à luta pela autonomia literária e artística (ALMEIDA, 1983).

Nemésio faz referência a alguns nomes que se aproximam de uma literatura regionalista, entre os quais João de Matos Bettencourt e P<sup>o</sup>. Nunes da Rosa, por terem sido capazes de mostrar o povo da forma como fala e sente e de representar a paisagem e o mar açoriano, de modo estilizado, elegante e artístico.

Ao referir nomes como o de Antero de Quental, Gaspar Frutuoso, Alfredo Bensaúde, Azevedo Neves e Gervásio Lima, admite serem poetas e escritores

com grande valor, porém falta-lhes entrar na alma das gentes açorianas (ALMEIDA, 1983).

Posteriormente, Luís da Silva Ribeiro, em 1940, alude à influência do mar na vivência açoriana verificada nos versos dos poetas eruditos e populares, ora criando uma analogia entre os estados de espírito humano e a condição do mar, ora contrastando-o com a rocha vulcânica, o infinito horizonte e as nuvens em movimento entre vendavais e tempestades. Outros elementos também poderão ser encontrados no cancionero popular, como, por exemplo, animais marinhos, a vida marítima e costumes relacionados com o mar, que apesar de serem fonte de inspiração poética são indiferentes aos olhos do povo (RIBEIRO, 1940).

Por sua vez, cerca de uma década depois, Eduíno Borges Garcia (1953) defende que, invocar na Literatura, elementos como gaivotas, o cheiro a maresia e ânsias hereditárias de emigrar ou o recurso ao pitoresco, não fazem destas obras Literatura Açoriana.

Para Borges Garcia, o ponto de viragem da Literatura Açoriana é conseguido por Vitorino Nemésio com os títulos *Mau Tempo no Canal* e *Mistério do Paço do Milhafre*, na medida em que o regional se torna universal. Considera ainda, relativamente a Armando Cortês-Rodrigues, que a sua poesia se tornou mais humana e mais açoriana quando o poeta contactou com a alma do povo, na sua forma mais genuína.

Ao referir-se a Pedro da Silveira, fala-nos de um conhecedor da gente dos Açores, na sua profunda forma de ser e estar, por outras palavras:

O 'burgo' que é assim triste e morto desde o princípio do mundo, os baleeiros antigos, valentes e ingénuos, os que emigram e constituíram cidades e ajudaram países estrangeiros a serem grandes, os que trabalham nos campos e cantam a Chama-Rita, os que desesperam porque os navios os não levam para as *terras da fartura*, os que voltam com o coração cheio de ternura por tudo o que deixaram e que encontram sem alteração e os que num momento sonham que *alguma coisa diferente vai acontecer*, todos, toda essa multidão de gentes que constitui o nosso pequeno mundo, lá estão autênticos e tristes como se fossem vivos. (GARCIA, 1953, p. 11)

Após reflexão, este autor afirma que não é fácil identificar qual o caminho a seguir pelos futuros escritores para uma autêntica Literatura Açoriana. Ainda assim, indica que é indispensável o estudo da técnica de escrita, o conhecimento aprofundado do caso açoriano, nas suas diversas vertentes – histórica, geográfica e económica - e a procura de um estilo próprio. Acredita também que uma Literatura Açoriana será, pelo ambiente e pela forma, uma Literatura Regional, sendo o ambiente compreendido como o meio geográfico, o homem e a sociedade e como forma a estética de mostrar o homem e o meio social. Será universal pelo seu sentido, isto é, pela perspectiva do escritor.

Sumariamente, Eduíno Borges Garcia (1953) declara que, para surgir uma verdadeira Literatura Açoriana, é fulcral a existência de uma mentalidade açoriana, ou seja, uma autêntica Literatura Açoriana associada à mentalidade açoriana e ambas, em paralelo, articuladas a uma visão universal.

No ano de 1956, Ruy Galvão de Carvalho (citado em Almeida, 1983) discute a existência de uma Literatura de Significação ou Expressão Açoriana, que tanto tem sido tema de debate a nível regional como continental.

Independentemente da existência desta Literatura, este ensaísta postula que o povo açoriano, entre todos os outros de origem portuguesa, é o que, devido à sua condição geofísica, envolvendo a insularidade, a paisagem, o isolamento e o mar, possui características únicas, sobretudo o modo peculiar de pensar e agir, de sentir e ver o que o rodeia e o mundo em geral, assim se dissemelhando da nação lusitana. Trata-se de um povo que conserva as suas tradições e em simultâneo recetivo à inovação, ajustando-se às novas e externas circunstâncias, advindo daí o seu humanismo e universalismo. Deste jeito se expõe nas suas manifestações literárias, em especial, e artísticas, em geral.

Segundo ainda Ruy Galvão de Carvalho, para que se crie uma Literatura inteiramente açoriana é necessária uma língua viva, que sirva de instrumento e de comunicação expressiva, e que os escritores recorram à temática local. Que estas obras possuam a capacidade de suscitar o interesse tanto regional como universal. Refere-se ao mar, incontestavelmente, como o influenciador do homem açoriano, criando-o à sua «imagem e semelhança» e com uma essência mística. Por estes motivos, considera que a insularidade tornou os açorianos

num povo independente, com mentalidade autónoma, diferenciado e bem definido.

Com base no exposto, surge a ideia da criação de uma Literatura de Significação Açoriana, ainda que partilhando o tronco comum da pátria portuguesa, uma vez que somos historicamente portugueses (ALMEIDA, 1983).

Cristóvão de Aguiar, em 1979 (citado em Almeida, 1983), deixa-nos uma entrevista na qual expressa o seu parecer acerca da Literatura Açoriana afirmando que esta é um equívoco e que o homem açoriano é um mito. É por esta razão que prefere a designação de Literatura de Expressão ou Ambiência Açoriana, já que não existe uma história açoriana própria e uma unidade do espírito açoriano, não podendo surgir, por isso, uma Literatura amadurecida, autónoma e original. Como consequência destes aspetos, o homem açoriano não é viável.

Todavia, defende que terão de ser criadas as condições basilares para que surjam os escritores capazes de construir essa literatura, que seria de expressão açoriana, capaz de se auto recriar e globalizar. Salienta Vitorino Nemésio que, recriando a realidade dos Açores na sua obra, se destacou como um dos maiores nomes do romance português, colocando-o em contraste com Antero de Quental, que atingiu a dimensão universal sem limitar a sua escrita ao regional.

Alerta para o risco da literatura escrita nos Açores se circunscrever a um «regionalismo estreito», sem qualquer projeção na literatura portuguesa ou universal. É ainda defensor que o escritor açoriano só conseguirá recriar a realidade que pretende transmitir, quando for além dos «limites acanhados das ilhas». Nomeia Roberto de Mesquita, como sendo o único escritor capaz de se evidenciar na Literatura Portuguesa, sem nunca ter saído da sua ilha natal.

Questiona também acerca da pertença de Raúl Brandão e a sua obra *Ilhas Desconhecidas* a uma Literatura Açoriana, na medida em que, por unicamente esta se dedicar à realidade açoriana, faz dela, ou não, obra constituinte dessa mesma literatura.

Cristóvão de Aguiar entende que é desejável a presença de uma Literatura de Expressão Açoriana, no sentido que este conjunto de obras poderão ser elemento enriquecedor do todo que é a Literatura Portuguesa (ALMEIDA, 1983).

O professor Onésimo Teotónio Almeida, em 1983, inicia a sua obra exatamente a referir que “é complexo e problemático falar-se de entes cuja existência é duvidosa no sentido mais original do termo: não se sabe se. Ou ao menos há quem negue, ou não tenha a certeza da sua existência” (ALMEIDA, 1983, p. 13). Independentemente desta problemática, vê neste debate um rico leque de elementos, tais como dados, ideias, perspectivas, conceitos, especulações, interpretações, explicações e análises que traduzem mundividências, posições teóricas sobre estética e ângulos de visão sobre a realidade humana e geográfica açorianas, de onde floresceram diversos nomes da literatura que tem sido criada nos Açores. Onésimo Teotónio Almeida refere-se à Literatura Açoriana como sendo um percurso distinto no contexto literário português, associado a um meio tanto geográfico como também cultural, díspar do continental português.

Diz ainda que parte considerável das teorias que se opõem à Literatura Açoriana advêm de um grupo político que crê que a autonomia literária conduzirá à independência cultural e, conseqüentemente, à independência política. Apesar disto, a utilização da expressão ‘Literatura Açoriana’ não deixa de ser legítima, mesmo que no seu significado se considere a autonomia, quando nos referimos a um conjunto de obras que:

- a) falam dos Açores;
- b) usam os Açores como pano de fundo;
- c) são escritas por açorianos;
- d) são escritas por não açorianos, mas que falam deles ou neles se passam;
- e) usam regionalismos açorianos;
- f) não os usam, mas usam personagens ou temas que o são;

- g) revelam, expressam e defendem a mundividência cosmológica e ética açoriana;
- h) revelam, expressam e defendem a primeira e recusam a segunda, ou vice-versa, ou recusam ambas;
- i) fazem algo ou tudo o dito de a) a h).

A existência desta Literatura, para Onésimo, constitui um fator importante e valorativo para a Literatura Portuguesa, tornando-a menos monocórdica e monótona.

Com o intuito de se precisar uma panorâmica da nossa Literatura, nomeia aqueles que poderão representar cinco diferentes formas de relacionamento entre o escritor e o espaço cultural açoriano, como também a cultura e literatura portuguesas, sendo estes Antero de Quental, Teófilo Braga, Roberto Mesquita, Armando Cortês-Rodrigues e Vitorino Nemésio, como protótipos para a escrita das gerações futuras.

Mencionamos nos parágrafos seguintes as reflexões, a este propósito, apresentadas por Onésimo Almeida (1983).

Embora os Açores estivessem presentes na vida de Antero de Quental, a sua escrita era universalista. Na sua poesia, de caráter metafísico, explorava as questões do sofrimento, da morte e de Deus, sem fazer abertamente referência aos Açores, deixando transparecer o legado de uma tradição romântica e o seu pessimismo filosófico. Na sua vertente socialista, refletiu sobre o país, tanto quanto ao seu passado, como à sua relação com a Europa.

Contrariamente a Antero de Quental, Teófilo Braga, autor positivista por natureza, incorporou nas suas obras a vivência açoriana, por meio de imagens e elementos ligados à cultura arquipelágica. Em 1863, na obra *Contos Tradicionais do Povo Português* e em 1867, nas obras *Contos Populares do Arquipélago Açoriano* e *Cancioneiro Popular*, reuniu um espólio de folclore açoriano.

Roberto de Mesquita, natural da ilha das Flores, seguiu, na sua escrita, a corrente do simbolismo. Decorrente do isolamento e monotonia típicos da

insularidade, tornou-se prisioneiro da ilha e de si próprio. Inspirando-se em Verlaine e em Eugénio de Castro encontrou a sua forma de libertação, expressando o seu sofrimento e tédio, bem como a paisagem humana e natural das ilhas.

Armando Cortês-Rodrigues, colaborador da Revista Orfheu, teve a oportunidade de trabalhar com Fernando Pessoa, Mário Sá Carneiro e Almada Negreiros. Posteriormente, regressou à sua ilha natal e nela viveu até ao final da sua vida, alheando-se da escrita nacional, mas relacionando-se com as gentes da ilha encontrou sublimação na sua escrita popular, onde dá primazia à visão do povo em detrimento da sua.

Finalmente, Vitorino Nemésio, apresenta a sua ficção num estilo integralmente açoriano. Em 1950, constitui a sua *Festa Redonda* com quadras ou cantigas com essência popular, todavia estilisticamente trabalhadas com mestria. Apesar do próprio frisar a influência das ilhas na sua obra, viu-a universalizar-se, ainda que a sua escrita se dividisse entre o mundo português e o mundo insular, garantindo um lugar cimeiro na Literatura Açoriana.

Onésimo Teotónio Almeida conclui a sua teoria defendendo que o facto de se insistir na Literatura Açoriana não é em vão, uma vez que esta existe e é por meio dela que se manifesta e expressa um «complexo mundo temático, imagético e emotivo (estético e ético) sobre o qual se não pode passar, sem mais, um apagador» (ALMEIDA, 2011, p. 136).

Mais tarde, no ano de 1988, António Machado Pires desenvolve uma vasta reflexão onde refere a Literatura Regional como sendo a que se dedica a uma região com determinadas particularidades. Ainda assim, defende que não é suficiente escrever sobre a região para ser considerada parte desta literatura. Reforça esta ideia afirmando que, quanto mais fiel à regionalidade, mais universal consegue ser, na medida em que a sua singularidade é aspeto de interesse universal. Seguindo a mesma linha de pensamento, a presença de uma verdadeira literatura regional não é sinónimo de quantidade, mas sim de qualidade.

Para ele não são considerados autores açorianos somente os que nascem nos Açores ou que deles se ocupam, mas todos os que criam, transmitem ou apelam a uma especificidade açoriana, possuidora de qualidade literária.

Na caracterização que faz, Machado Pires (1988) debruça-se sobre:

- a) literatura relativa à região;
- b) autores nascidos na região;
- c) autores não nascidos na região, mas que dela se ocupam;
- d) autores açorianos que, estando fora dos Açores, deles se ocupam sistematicamente, de modo direto e indireto;
- e) autores que, estando dentro dos Açores, deles se ocupam nesse ou naquele sentido particular;
- f) autores que, vivendo dentro dos Açores, se preocupam com a insularidade como prisão e poetizam a evasão.

Na primeira alínea, fala-nos de um sentido de região que não se prende pelo conceito geográfico, político ou nacionalista, mas pelo fenómeno literário associado aos Açores, ou seja, à obra ou ao conjunto de obras que se prendem à região pelo seu conteúdo, naturalidade do autor, sentido global da obra e produção editorial ou atividade institucional, entre outras.

Açoriana é aquela Literatura que se concebe dentro ou fora da região, independentemente do género e da língua. Como exemplo, indica o *Boletim do Instituto Histórico da Ilha Terceira* de Gaspar Frutuoso e o *Corsário das Ilhas* de Vitorino Nemésio, escritos em português, e *Home is an Island* de Alfred Lewis, escrito em inglês.

Na alínea b), afirma que a naturalidade do autor não é fator suficiente para determinar que uma obra é regional. Grande parte dos escritores, apesar de terem nascido na região, acabam por se ausentar e provavelmente, por este motivo, apelem a uma escrita que recorre a elementos regionalistas, nomeadamente, Antero de Quental e Teófilo Braga, que simplesmente apresentam subtis alusões ao mar e à subconsciente sensação de insularidade.

Na alínea seguinte vê Raúl de Brandão, com a obra *As Ilhas Desconhecidas*, editada em 1926, como modelo de um autor não nascido na região, mas que, no

entanto, consegue transmitir a essência paisagística e humana dos Açores. Da mesma forma, o francês André Siganos, com a obra poética *Açoréennes*, escrita em francês e português, dividida em dois volumes, manifesta um âmago açoriano revestido numa expressão francesa. Por outras palavras, a língua utilizada não compromete a nacionalidade literária, assume-se, sim, como via de transmissão da Açorianidade.

Na alínea d), utiliza os nomes de Vitorino Nemésio e Cristóvão de Aguiar como casos paradigmáticos de autores açorianos que se ocupam sistematicamente da região, direta ou indiretamente, mesmo estando fora dela.

Já na alínea e), considera como exemplo de literatura regional José Dias de Melo nas obras *Mar Rubro e Pedras Negras*, de 1958, *Mar pela Proa*, de 1976, e *Vida Vivida em Terras de Baleeiros*, de 1983, como autor, que estando a viver nos Açores, deles se ocupa num ou noutro sentido particular, conferindo aos seus escritos um cunho de oralidade e estilo únicos.

Na última alínea, quando menciona autores que estando a viver nos Açores, se dedicam à insularidade como prisão e poetizam a libertação, salienta Manuel Ferreira, com *O Barco e o Sonho: Conto Açoriano*, de 1979, o poema *Ilha*, presente na obra *A Ilha e o Mundo*, de Pedro da Silveira, editado em 1952, ou o conto *Viagem Certa*, de Diogo Ivens, publicado na revista *Viagem*, em 1949.

Tendo em vista o mencionado, Machado Pires prefere utilizar a expressão Literatura de Significação Açoriana, para sustentar a ideia da existência de uma literatura associada ao característico açoriano, por acreditar que a designação Literatura Açoriana como demasiado genérica, ambígua e incaracterizante.

Também, porque entende esta como sendo um fenómeno descontínuo, por resultar de incidências isoladas e não de uma progressão histórica devidamente afirmada ou de um movimento global insular.

Enquanto fenómeno literário, a escrita açoriana não poderá cingir-se a um ciclo fechado. Pelo contrário, deverá entrar num circuito aberto, nascendo na sua singularidade e reclamado pela coletividade que o aprova ou reprova. Neste circuito, esta escrita deverá ser lida, respeitada e valorizada pelo próprio açoriano, para que possa ser reconhecida fora dos Açores, isto é, só a procura

consciente por parte dos leitores açorianos dessa suposta literatura a validará e tornará universal (PIRES, 1988).

Vamberto Freitas (1992), último autor a ser abordado neste capítulo, afirma que a Literatura Açoriana é tão real como o sangue que lhe corre nas veias, por defender que esta literatura não é inferior em qualidade ou qualquer outro aspeto às restantes. Nesta ordem de ideias, não é fundamental haver uma aprovação por parte de alguma entidade, seja ela universidade ou grupo de críticos, mas sim a aceitação de cada leitor servindo-se da sua capacidade intelectual e sabedoria pessoal. Para Vamberto Freitas, «a literatura açoriana define e restitui-nos a voz que a história e a política, durante séculos, nos tentou negar» (FREITAS, 1992, p. 250).

Face às teorias e ensaios apresentados neste capítulo, pode-se constatar as diversas opiniões, convergentes em determinados pontos e divergentes noutros, ou até mesmo totalmente opostas, onde se agrupam as que defendem que há Literatura Açoriana, nesta ou noutra qualquer designação, e outras que negam esta existência. Portanto, verifica-se a complexidade do tema, permanecendo o debate em aberto e suscetível ao fluir de novas perspetivas.

### 1.1. O conceito de Açorianidade

«A minha casa é concha. Como os bichos  
Segreguei-a de mim com paciência:  
Fachada de marés, a sonho e lixos,  
O horto e os muros só areia e ausência»  
(NEMÉSIO, 1938)

A expressão 'Açorianidade' foi proferida, pela primeira vez, num artigo da *Revista Insula*, em 1932, por Vitorino Nemésio, aquando das Comemorações do V Centenário do Descobrimento dos Açores. Nesse artigo subentendemos as características deste termo, através das palavras poéticas de Nemésio, tais como: «consciência de ilhéu», «apego à terra», «sentimento de uma herança étnica que se relaciona intimamente com a grandeza do mar», «quando se nasce mais do que junto ao mar, no próprio seio e infinitude do mar, como as medusas

e os peixes», «embriaguez do isolamento impregna a alma», «existência sobre tufos vulcânicos» e «somos de carne e pedra». Palavras que nos imergem no ser-se ilhéu, mas que não alcançam o mais profundo dos «segredos do ser açoriano» (NEMÉSIO, 1932).

Esta designação não surgiu a partir de qualquer pretensão política ou reivindicativa, mas sim como forma de Vitorino Nemésio expressar o seu sentimento pessoal e experiência de afastamento interior do seu arquétipo de ilha. Nas obras *Le Mythe de M. Queimado* (1940) e *Mau Tempo no Canal* (1944), veio a expandir este conceito, utilizando-as como meio de difusão do ser açoriano. Esta difusão promove, tanto um conhecimento externo e uma perspectiva de fora para dentro, como uma expansão às fronteiras do cidadão açoriano, transformando-se de cidadão de ilha, em cidadão de arquipélago e, por sua vez, de cidadão do país, em cidadão do mundo. Esta ordem sucessiva de abertura ao exterior poderá dar origem à ética necessária para alcançar o mundo moderno e este, por sua vez, se aperceba e aprecie a nossa existência (PIRES, 2013).

Desde o surgimento desta expressão, vários ensaístas se têm debatido com o seu conceito. Mais do que os debates sobre a Literatura Açoriana, tem-se verificado uma positiva evolução de opiniões em relação à sua aplicação, na medida em que a Açorianidade poderá ser compreendida em outros campos artísticos além da Literatura.

Neste sentido, Onésimo Teotónio Almeida, na obra *Açores, Açorianos, Açorianidade: um espaço cultural* (1989), diz-nos que a questão da Açorianidade é mais complexa do que propriamente a questão da Literatura, por nos transportar para um campo mais abrangente, como o da identidade cultural e nacional. Onésimo faz a divisão do que se poderá entender acerca de Açorianidade em duas vertentes: uma referente aos comportamentos que caracterizam o povo açoriano e outra referente à consciência assumida com orgulho da dissemelhança cultural.

Vago ou aberto é o conceito de Açorianidade e assim se deve manter, amplificando-se em camadas teóricas, sempre suscetível ao aparecimento de uma nova perspectiva pessoal de quem cá vive do que é ser-se açoriano ou uma

nova perspetiva pessoal externa a esta mundividência, garantindo desta forma um alargamento do açoriano em simultâneo a um alargamento do conceito. Em três conjugações verbais poderá dizer-se que a Açorianidade reúne aquilo que foram, o que são e o que serão, enquanto açorianos (ALMEIDA, 1989).

Em vista o exposto neste tópico, fica a questão: será possível verificar manifestações da Açorianidade ou insularidade açórica, como sugere Carreiro da Costa (citado em Almeida, 1983), nas obras literárias açorianas? Neste sentido, José Enes (citado em Almeida, 1983) menciona a frequente presença do mar em relação com a vida. Um mar que se reveste de uma essência única e diferente do mar que banha o continente português. O mesmo mar ambíguo que ora constitui um obstáculo, ora convida ao infinito. A porção de terra adornada em paisagem, as coisas simples e o quotidiano dos corações bons que nela vivem, são descritos de forma direta, com termos próprios e objetivos, num estilo simples e breve, onde a emoção é personificada em expressões fisionómicas. O recorrer a palavras ou frases orais típicas das ilhas é um complemento enriquecedor desta construção literária. A melancolia e a saudade como resultado do isolamento vivido na pequenez das ilhas. Os aspetos climatéricos, como os terramotos e as fortes tempestades acentuam tanto o sentido de solidão e abandono, como promovem a sociabilidade, o afeto familiar, num ambiente de paz e sossego, transpostos na escrita. A fusão entre os estados anímicos e a paisagem e coisas exteriores salienta-se entre as muitas características da Açorianidade (ALMEIDA, 1983).

## **2. Literatura para Crianças: caracterização e perspetivas de análise**

*«Hoje, longe de ser vista como um “gênero menor” em relação à área global da Literatura, a Infantil vem sendo reconhecida como um valor maior. Como verdadeiro ponto de convergência das realizações, valores, desvalores, ideais, ideias ou aspirações que definem a Cultura ou a Civilização de cada época.»*

(COELHO, 1982)

O conjunto de obras escritas dedicadas aos mais novos é comumente designado por Literatura Infantil e Juvenil, Literatura Infantojuvenil, Literatura para a Infância e Adolescência, Literatura para Crianças e Jovens, entre outras. Todavia, tanto a designação como o conceito, desde a sua génese até aos dias de hoje, continuam a ser alvo de discussão, que se prende, por um lado, com a própria dificuldade em definir o que se entende por 'literatura', devido à ambiguidade inerente às formas de arte, mas também com a questão de como definir o que se compreende por 'criança', estudo esse realizado por historiadores, antropologistas e pedagogos, que se deparam com diferentes definições ao longo da História, e de cultura para cultura. Neste sentido, as teorias desenvolvidas enformam uma aproximação ao cerne da questão, porém não uma definição consensual.

De modo a obtermos uma visão geral acerca deste tema, bem como da sua complexidade, iremos abordar diferentes perspetivas teóricas elaboradas no último século, que não se limitam a definir a Literatura para Crianças como expõem ainda características que se consideram presentes nas obras que constituem esta Literatura.

Segundo Henriette Bicchonnier (citada em Bastos, 1999) o termo Literatura para Crianças engloba duas realidades, na medida em que estamos a tratar de Literatura e Criança. Isto é, a Literatura, como forma de arte, é entendida como uma expressão que se quer livre e meio que o autor utiliza para transmitir uma mensagem, sem o intuito de ir ao encontro de um público em específico. O autor não deverá adulterar essa mensagem de forma a adequá-la a este determinado público. O 'para Crianças' presente nesta designação obriga necessariamente que o autor contrarie o referido anteriormente, para que possa adaptar a sua escrita a um público alvo.

Sérgio Paulo Guimarães de Sousa faz referência, na sua *Teoria Breve da Literatura Infantil*, que até à década de 70 o objeto Literatura Infantil era considerado um subproduto rejeitado do âmbito do conceito de 'literatura'. A narrativa infantil era considerada uma forma literária menor, uma vez que a sua função é mais pedagógica que propriamente literária, passando ainda por uma desconsideração da sua estética artística. No entanto, é inegável, por parte de diversos teóricos, a defesa de um sistema semiótico literário com destinatário

específico. Assim, a Literatura Infantil adquire um lugar dentro do sistema semiótico literário, por possuir determinadas características diferenciadoras. Ainda assim, continua omissa da história literária, está pouco presente na crítica e continua a suscitar reservas, por ser qualificada como uma literatura ambígua na atitude dos adultos para com as crianças. Esta definição existe no sentido de demarcar a produção literária que é destinada a recetores infantis e não a produção textual da própria criança. Esta literatura é uma forma de comunicação histórica que se localiza no tempo e no espaço, que existe entre um emissor, locutor ou escritor adulto, e um recetor, um destinatário criança, que dispõe parcialmente da experiência da realidade e das estruturas linguísticas, intelectuais, afetivas, entre outras, que são características da adultez. (citação apresentada nos anos 70 por Marc Soriano, citado em Bastos, 1999).

Ainda nos anos 70 do século passado, Manuel Breda Simões (1978) referia que as Literaturas para Crianças e Jovens constituem um fenómeno social resultante da sua existência, como da existência de um público que as consome e solicita, determinando uma produção que se baseia maioritariamente na quantidade mais do que na qualidade. Defende esta literatura como sendo um fenómeno recente, uma vez que, anteriormente ao final do século XIX existiam reduzidas obras de educação formal e coleções de narrativas de transmissão oral, partilhadas no seio familiar. Citando Rousseau, menciona que a Literatura Infantil e Juvenil deverá servir para formar o coração e o espírito, para isto, deverá estar adequada ao leitor, para que este possa entender o que lê, visando uma resposta ao que foi lido, deverá partir da experiência da criança e basear-se numa moral de ação e não numa moral formal, deverá ainda adequar-se aos progressos e faculdades do seu espírito, evitando qualquer ensino direto e intencional, mascarado pela roupagem da diversão.

Para a professora Bárbara Vasconcelos de Carvalho, na sua visão histórica e crítica sobre A Literatura Infantil (1985), a Literatura é a arte de ouvir e de dizer, por meio do uso da palavra. Esta defende que a evolução da Literatura se projetou numa longa trajetória e num complexo manancial indispensável ao homem, pelo poder das suas mensagens. É uma Literatura que se identifica com a criança e desperta nela uma curiosidade estética na sua vida artística. É, também, fonte de enriquecimento da imaginação da criança, de libertação do

espírito e meio para trabalhar o raciocínio. A autora refere que as obras que constituem esta Literatura permitem ao adulto conseguir sensibilizar a criança para os valores estéticos e humanos, como para a recreação-aprendizagem. Nesta ordem de ideias, permitem ainda cativar a criança sob todos os seus aspetos, desde intelectual, emocional, social, ambiental, psicológico, entre outros. Por este motivo menciona que não é recomendado entregar à criança qualquer livro sem o conhecer, para que este não se torne inócuo ou mesmo prejudicial.

Ainda segundo Bárbara Vasconcelos de Carvalho, a Literatura Infantil é ludoterapia, suporte de cultura, meio de comunicação e instrumento de diálogo entre a criança e o adulto. Poderá ser encarada como um método eficiente no diagnóstico de complexos e neuroses infantis, na medida em que ela representa uma ação catalisadora no descobrimento das causas dos conflitos da criança. Também reflete sempre a sua época e o clima em que foi escrita. Os fatores conjunturais condicionam qualquer literatura, inclusive a Literatura Infantil, contrariamente à fantasia, que transita livremente acima de qualquer censura. Ainda assim, esta realidade não significa que devemos impor à criança uma realidade com que ela não se identifique. Esta investigadora acrescenta igualmente que a Literatura Infantil está em paralelo com a Literatura tradicional, mas nunca a substituirá. Literatura é evasão, prazer estético, embora comprometido com toda a expressão de arte, com a educação, com o real, com a experiência cognitiva. Literatura em geral é sinónimo de comunicação, fonte de conhecimento e veículo de formação (CARVALHO, 1985).

Segundo Karín Lesnik-Oberstein (citada em Hunt, 2005), a Literatura para Crianças é uma categoria de livros cuja existência depende de supostas relações com uma audiência de leitores em particular, as crianças. Assim sendo, encontra-se sustentada por um propósito. Pretende ser algo em específico, que a ligue a essa audiência de leitores com a qual se declara estar intencionalmente preocupada. Logo, a Literatura para Crianças compreende os livros que são benéficos em diversos domínios para este público, nomeadamente valores emocionais e morais. Estes benefícios contribuem para expansão dos horizontes da criança e para o incutir nela o sentimento da complexidade da vida. Esta

importante via de conhecimento fornece, de modo prazeroso, a mente da criança com símbolos, padrões e possibilidades da civilização (HUNT, 2005).

Para o professor de estudos culturais Fred Inglis, a Literatura Infantil é proposta como um género literário, com características e convenções próprias, uma vez que os autores dedicados à escrita de Literatura para Crianças desenvolveram um leque de convenções que orientam a sua escrita. Este desenvolvimento é uma extensão natural do elaborado e implícito sistema de regras, ortodoxias, improvisações, costumes, formas e ajustes que caracterizam a forma como qualquer adulto conta histórias ou fala com crianças, definindo, deste modo, o que é a Literatura para Crianças. Estas convenções incluem fazer das crianças as personagens principais da narrativa, conferindo-lhes traços que a criança reconheça, sem que necessariamente se identifique ou reveja, e um despreendimento da probabilidade e suscetibilidade da narrativa e das circunstâncias em que esta ocorre, tendo em conta a necessidade da criança de se sentir livre do controlo exercido pelos pais no dia-a-dia. (INGLIS, 1981)

Um dos aspetos que recebe maior ênfase nesta discussão é a diferenciação dos livros utilizados com fins didáticos ou educacionais da Literatura para Crianças. Harvey Darton delineou esta separação de forma clara, postulando que Literatura para Crianças são todas as obras produzidas com o objetivo de conceder à criança um prazer espontâneo, e não com o objetivo primário de educar, nem tão pouco de as tornar boas pessoas. A característica fundamental deste tipo de Literatura é falar com a criança leitora através da diversão e não através de mensagens primordialmente didáticas, meramente instrutivas e intrusivas para a criança (DARTON, 1982).

Opiniões mais recentes, nomeadamente no *E-Dicionário de Termos Literários*, de Carlos Ceia, defendem que, apesar dos muitos estudos e debates, a Literatura para Crianças continua a sofrer de um estatuto de minoridade e de marginalização dos cânones, comparativamente à restante Literatura, por ser encarada como pertencente ao campo da ficção popular, recurso pedagógico ou ainda fonte de rendimento económico. Por outras palavras, vai ao encontro dos interesses adultos como apoio na educação e formação da criança e dos interesses da indústria de comercialização de livros para crianças. A Literatura para Crianças depende assim da complexa relação entre adulto e criança,

determinada pela concepção cultural de infância, que varia de época para época e de cultura para cultura. Contudo, a vertente Literária deste conjunto de livros infantis propõe que estes sejam vistos como um capital cultural e estético, a combinar com o da família e o da escola, duas instituições chamadas formalmente a construir a noção de criança e de infância.

## **2.1. Percurso em Portugal**

Neste ponto sintetiza-se o percurso da Literatura para Crianças em Portugal seguindo os apontamentos apresentados por José António Gomes (1998). Tendo por base a evolução do conceito de criança, no século XVIII, deparamo-nos com alterações decisivas em paralelo com as verificadas na educação, na estrutura familiar e social. Por este motivo, neste século, surgiram esforços que direcionaram determinados livros para as crianças. Assim, encontramos traduções, textos formativos e de doutrinação, que nos nossos dias são considerados de interesse apenas histórico.

Apesar do retrocesso na produção literária, a difusão do livro e avanços na educação, provocados pela Revolução Francesa, no final do século XVIII, no século XIX, encontramos o verdadeiro ponto de partida para a Literatura para Crianças em Portugal. Com a revolta iniciada no Porto em 1820, atingimos um ponto de abertura às alterações na sociedade, ao pôr em causa as estruturas do antigo regime, e abrindo portas aos valores do Liberalismo. Em 1851, com a Regeneração atingimos um período de estabilidade política, económica e administrativa. Contra esta falsa imagem de paz e progresso, manifesta-se a Geração de 70. A gradual implantação do Liberalismo promove na educação profundas modificações, resultando no aumento considerável de leitores infantis. Por todos estes motivos, diferentes autores defendem que esta literatura surge e ganha autonomia em Portugal no século XIX, como já referido. Prova desta teoria, encontramos um crescente número de publicações destinadas às crianças, ao longo destes cem anos.

Em paralelo com as traduções, verificam-se muitas obras de autores portugueses, escritas com o intuito de prestar o contributo à formação de carácter e ao intelecto, colocando de parte a natureza e os interesses do público a que se destinava. Estas obras não procuravam deleitar os leitores, mas sim ensinar e educar para os valores.

Um leque de escritores da Geração de 70, entre os quais Adolfo Coelho, Guerra Junqueiro, Eça de Queiroz e Antero Quental, fizeram parte destas tentativas literárias para a infância, apesar de caracterizadas por um estilo retórico, elevado e sentencioso, inadequado às capacidades ou aos interesses das crianças. A estas obras acrescentam-se as traduções e adaptações de Perrault, Irmãos Grimm, Andersen e Condessa de Ségur, e destacam-se os poemas de João de Deus, com a obra *Contos para a Infância* (1877), Guerra Junqueiro *Contos para os Nossos Filhos* (1882), Maria Amália Vaz de Carvalho e Gonçalves Crespo *Contos Nacionais para Crianças* (1882), *Jogos e Rimas Infantis* (1883) de Francisco Adolfo Coelho, Antero de Quental *Tesouro Poético da Infância* (1883), bem como a *História de Jesus para as Criancinhas Lerem* (1883) de Gomes Leal.

Virgínia de Castro e Almeida e Ana de Castro Osório constituíram marcos na história do livro para as crianças nos últimos anos do século XIX. Ana de Castro Osório lutou pela inclusão de contos e rimas tradicionais nos manuais escolares, defendendo que o contacto com estes textos instigaria na criança o gosto pela leitura. Nas suas obras conseguiu ir ao encontro dos interesses e necessidades do seu público-alvo. Virgínia de Castro e Almeida afirmar-se-ia como uma das escritoras mais importantes no panorama da Literatura para Crianças portuguesa no século XX.

Entre 1890 e 1926 dão-se modificações decisivas na sociedade, nomeadamente o fim do regime monárquico e a implantação da República, em 1910. Agora a criança é entendida como alvo de atenção especial e são reorganizados os serviços de instrução primária e estabelecido oficialmente o ensino infantil para ambos os sexos.

Apesar dos níveis de analfabetismo permanecerem elevados, ocorre o crescimento das coleções para os mais pequenos. Deste modo, a infância passa a constituir um grupo importante da população leitora.

Nesta ordem de acontecimentos, na década de trinta atingimos o auge nesta literatura com o aumento da imprensa infantil e seguidamente numa fase de declínio motivada, em certa medida, pela concorrência da banda desenhada americana que chega a Portugal.

A reunião de autores como Maria Angelina e Raúl Brandão, Virgínia de Castro e Almeida, António Botto, Aquilino Ribeiro, Jaime Cortesão e António Sérgio e Afonso Lopes Vieira e Fernando Pessoa formaria, nas três primeiras décadas do século XX, a época de ouro da Literatura para Crianças em Portugal.

Aquando da consolidação da ditadura do Estado Novo, Oliveira Salazar, em 1936, estabelece uma reforma no Ensino Primário que provoca um retrocesso no domínio da educação, extinguindo-se as classes infantis no ensino oficial e a escolaridade obrigatória é reduzida para três anos. Além de escolas que são encerradas, generaliza-se a separação dos alunos por sexos e os conteúdos do ensino são simplificados e ideologizados. As condições deste regime desencadeiam o atraso económico e cultural e a negação de direitos e liberdades fundamentais, afastando, assim, Portugal da Europa. A produção cultural e consequentemente a possibilidade de desenvolvimento da literatura portuguesa para crianças encontra-se prejudicada. Assiste-se à produção de uma literatura de exaltação nacionalista, histórica e moralizante. Até aos anos cinquenta, verificamos produções contaminadas pelos princípios do Estado Novo, nomeadamente a coleção *Pátria* de Virgínia de Castro e Almeida, que havia abandonado o Republicanismo e adotado por completo o Salazarismo.

Os sinais de renovação começaram a sentir-se no decorrer da segunda metade do século XX, com modificações no sistema educativo que provocaria o aumento do público leitor e naturalmente como público consumidor de livros e revistas. Perante o 25 de Abril de 1974 e a restauração da democracia dá-se o verdadeiro crescimento da Literatura para Crianças até à primeira metade da década de oitenta. Criam-se condições que favorecem a mudança na escola, no que respeita o acesso à mesma, e o florescimento de iniciativas associadas à

reflexão sobre o mundo da criança e a uma renovação parcial no domínio dos livros que lhe são destinados.

Evidencia-se neste período autores que constituem marcos neste percurso como Matilde Rosa Araújo, Sophia de Mello Breyner, António Torrado, Alice Vieira e Luísa Ducla Soares.

Com base no mencionado, verificamos que o desenvolvimento e a evolução da Literatura para Crianças, no nosso país, aconteceram em conformidade e em dependência das alterações políticas, sociais, económicas e culturais que decorreram ao longo dos últimos dois séculos. Atualmente, esta literatura continua a trilhar o seu caminho, tendo em vista objetivos que morosamente ficarão na esperança de serem alcançados.

## **2.2. Os géneros textuais**

Conscientes de que apresentar uma tipologia de géneros textuais é uma tarefa complexa e dependente de diversos critérios, que podem dizer respeito à forma, ao conteúdo ou funcionalidade do texto, ou ao leitor a que se destina conforme a idade ou o sexo, esta análise cingir-se-á a alguns géneros mais conhecidos na literatura para os mais novos, baseada na classificação de Joan Glazer e Gurney Williams III (1979), Donna Norton (1995), Bastos (1999) e Diana Mitchell (2003). As classificações referidas apresentam pontos convergentes e divergentes entre si e, por isso, optou-se neste trabalho por reunir as três, de forma a complementarem-se, conseguindo-se assim uma classificação mais abrangente.

Deste modo, apresenta-se o seguinte esquema (figura 1), no qual estão representadas as categorias textuais que porventura serão as mais representativas na Literatura para Crianças, de forma a facilitar a compreensão da organização dos mesmos. De seguida fazemos uma breve descrição e caracterização de cada um deles, dos seus subgéneros e principais temas abordados.



Figura 1: Gêneros textuais na Literatura para Crianças.

De acordo com Rudman (1993), entende-se por **literatura tradicional** aquela que passa de geração em geração, por transmissão oral. Através das suas mensagens, esta literatura servia de orientação espiritual, moral, social e educacional, na medida em que os contos ajudavam a conduzir o indivíduo através das diferentes fases da vida. Nos diversos povos de todo o mundo, estes contos encontram semelhanças nos seus tipos, motivos narrativos e conteúdo, constituindo, assim, uma evidência tangível de que são antigos e universais. A arte do contador tradicional foi cultivada em todas as classes sociais e refletem a cultura, a natureza e os contatos sociais do contador com a audiência. Consequentemente, as temáticas e as personagens, neste género, variam de feitos nobres das classes dominantes às circunstâncias adversas, injustas e, muitas vezes, cruéis do povo. Em contraste com as histórias modernas, a literatura tradicional não tem um autor identificado, deste modo, os contadores de histórias contavam aquilo que recebiam previamente de outros contadores.

Na literatura tradicional podem-se identificar várias formas textuais, quer no âmbito da narrativa quer da poesia/lírica, além de outras formas discursivas transmitidas por via oral (BASTOS, 1999). Temos assim os contos, lendas, mitos e fábulas como exemplos mais significativos na narrativa, e as rimas infantis, os

provérbios ou as adivinhas como exemplos de formas poético-líricas. Vejamos, em seguida, algumas características destes textos.

Os contos são narrativas em prosa, encaradas como ficção pelo narrador e audiência. Estes contos não são considerados como dogma ou história. Passam-se em qualquer tempo e em qualquer lugar. Apresentam uma natureza secular e são histórias acerca de personagens humanas e não humanas (RUDMAN, 1993). Muitos contos apresentam características e motivos semelhantes, nomeadamente na narrativa, caracterização, local da ação, temas e estilo. Todos os contos são escritos por um propósito em comum, partilhar as crenças de uma cultura e encontrar uma explicação para as coisas, de forma a ajudar o povo a viver alegremente e com sucesso. As diferenças residem no que as histórias demonstram acerca de uma determinada cultura.

Quanto à narrativa, o conflito e a ação são recorrentes nos contos. A natureza da tradição oral tornou imperativo que os ouvintes fossem levados rapidamente para ação. O conflito entre personagens que representam o bem e personagens que representam o mal é típico dos contos. As personagens dos contos são menos desenvolvidas no seu todo que as personagens noutros tipos de histórias. Os contadores orais não tinham o tempo necessário para desenvolver personagens completamente redondas, assim, estas são essencialmente simbólicas e planas, isto é, têm uma amplitude limitada de características pessoais e não se modificam ao longo da história. As crianças identificam facilmente as personagens boas e más. As suas ações e as suas recompensas desenvolvem temas relacionados com realizações morais e materiais. O bem supera o mal; a justiça triunfa; a inteligência vence a força física; a bondade, diligência e trabalho árduo leva a recompensas. Os contos refletem os valores dos tempos e sociedades em que tiveram origem e abordam verdades universais. (NORTON, 1995)

Os contos tradicionais podem ser divididos em várias subcategorias. Apresentamos em seguida uma síntese das propostas de Norton (1995) e Mitchell (2003):

- Contos de animais: estes contos são os mais difundidos pelo mundo, sendo encontrados em todas as culturas. Apresentam como personagens

- principais animais falantes. Podem demonstrar a astúcia de um animal e a idiotice de outro;
- Contos mágicos e maravilhosos: relatam acontecimentos mágicos e encantados. Contêm elementos mágicos, passam-se em castelos e reinos e têm como personagens ogres, bruxas, princesas e madrastas, que exemplificam diferentes qualidades específicas, como o bem ou o mal;
  - Contos etiológicos: contos que procuram responder a uma questão ou explicar como os animais, plantas ou humanos foram criados e porque possuem certas características. As crianças disfrutam deste tipo de contos e gostam de inventar as suas próprias histórias que explicam o porquê de animais ou humanos terem determinadas características;
  - Contos acumulativos: contos que repetem sequencialmente ações, personagens ou falas, até ao auge narrativo. A maior parte destes contos atribui às personagens principais, sejam elas animais, vegetais, humanos ou objetos inanimados, inteligência e capacidade de raciocínio. Os adultos muitas vezes partilham estas histórias com crianças mais pequenas, porque a sua estrutura permite que a criança interaja à medida que um novo acontecimento ocorra;
  - Contos de humor: este tipo de conto permite que as pessoas se riem de si próprias e dos outros, aparentemente um prazer universal. O humor resulta de situações absurdas ou da idiotice das personagens. Os disparates humanos resultam de decisões imprudentes que proporcionam o humor e a moral do conto;
  - Contos realistas: estes contos apresentam narrativas realistas e envolvem personagens que podiam ter existido na realidade.

Os mitos são narrativas em prosa que, na sociedade em que são contadas, são considerados relatos verídicos que aconteceram num passado remoto. São aceites tendo por base a fé e são ensinados de forma a serem acreditados. Os mitos são a encarnação do dogma, normalmente são sagrados e associados à teologia e ao ritual. Por sua vez, as lendas são narrativas em prosa que, à semelhança dos mitos, são vistas como verdadeiras pelo narrador e pela sua

audiência. Situam-se num período menos remoto. As lendas são mais seculares que sagradas e as suas personagens principais são humanas (RUDMAN, 1993).

As fábulas são narrativas tradicionais simples que diferem das restantes, na medida em que conduzem o leitor a uma lição, normalmente resumida no final, numa frase moral. As personagens são geralmente animais que se comportam como humanos e em número reduzido. Os animais atuam como abstrações, tornando as personagens impessoais, facilitando assim a transmissão da moral. (GLAZER & WILLIAMS, 1979; MITCHELL, 2003)

As rimas infantis são uma das primeiras formas de literatura apreciadas pelas crianças de tenra idade. As lengalengas, por sua vez, podem ser consideradas como rimas infantis em formas mais desenvolvidas e longas, adequando-se a crianças mais crescidas. As rimas, os ritmos e os sons agradáveis nestes dois tipos de literatura tradicional, formam cantilenas que agradam a estes públicos. Por meio delas podem experimentar os seus próprios padrões de linguagem, ajudando a evolução da linguagem da criança. O ritmo quase que as força a reagir, seja por palmas ou por saltos que acompanham o ritmo da cantilena. A rima é outro aspeto que vai ao encontro do gosto da criança, convidando-a a adicionar palavras ou incentivando-a a criar as suas próprias rimas. A aliteração, sendo a repetição da consoante inicial em palavras consecutivas, leva a criança a repetir as frases e, desta forma, experiênciá-la e descobrir o resultado da repetição de sons iniciais. As cantilenas que contêm um grande número de aliterações são consideradas trava-línguas (NORTON, 1995; MITCHELL, 2003).

A repetição presente nos trava-línguas contribuem para que, de forma prazerosa e divertida, a criança expanda os sons da linguagem e aprenda que as palavras podem ser manipuladas de diferentes formas, como também estimulam a memória auditiva e o aperfeiçoamento da dicção (NORTON, 1995; LEAL, 2009).

Comumente entende-se por provérbio como sendo uma frase completa e independente, que se encontra estruturada de forma direta ou alegórica, que expressa um pensamento construído ancestralmente e aceite até às gerações atuais. Enformam juízos de valor, ora ensinando, ora advertindo, relacionando numa frase, pelo menos duas ideias (MIMOSO, 2008).

As adivinhas integram um conjunto de enigmas ou jogos de palavras no qual deixam subentender algo que não é dito de modo direto. Trata-se de uma descrição engenhosa de uma coisa, atribuindo qualidades e características passíveis de serem empregues a outras coisas, podendo entre elas existir ou não semelhança ou analogia. Esta descrição é dirigida de forma vaga e, por este motivo, o pensamento de quem se propõe à resposta da adivinha possa vagar entre um significado ou outro, resultando numa incerteza quanto à solução ou resposta correta. Esta forma de literatura contribui para o desenvolvimento metalinguístico e para a sua capacidade de literacia e raciocínio lógico (FERNANDES, 1961; ELY, 1994).

A anedota é conhecida como sendo um relato breve com o intuito principal de provocar o riso. A forma como é contada ou lida está sujeita a variações. A reação varia conforme o grupo ou criatividade do intérprete. No que respeita aos termos estilísticos, a anedota não dispensa certas figuras de pensamento e construção, recorrendo ao exagero e paradoxo, e especialmente às várias formas de ambiguidade (CEIA, 2009).

De muitas formas, as histórias de **fantasia moderna** são descendentes diretas dos contos tradicionais, fábulas, mitos e lendas da tradição oral. Contos sobre animais falantes, personagens humanas, sábias e idiotas, seres sobrenaturais, aventureiros, heroicos e reinos mágicos, são populares junto das crianças e adultos atualmente, como eram há cem anos atrás. Muitos autores de fantasia moderna inspiraram-se nos temas, motivos, locais de ação e caracterizações comuns da literatura tradicional. Assim, os autores da fantasia moderna desempenham papéis semelhantes aqueles dos contadores tradicionais, que encantavam as audiências com contos transmitidos de geração em geração. A ligação entre a fantasia tradicional e a fantasia moderna é evidente em muitos contos maravilhosos contemporâneos, mas são especialmente fortes nos contos tradicionais, alegorias e contos acerca de demandas e conflitos míticos. Este género pode ser definido como a ficção em que o autor transporta o leitor para um tempo e lugar onde o impossível se torna possível de forma convincente, alterando ou manipulando um ou mais elementos literários que são esperados no mundo real (RUDMAN, 1993; NORTON, 1995).

A fantasia moderna cobre um amplo leque de tópicos, categorizados da seguinte forma por Norton (1995):

- Animais: histórias em que os animais demonstram um equilíbrio entre as características animais e humanas. São as personagens mais populares na fantasia moderna. As crianças são atraídas pelo sentimento de lealdade que os animais expressam quando se ajudam entre si, de forma a escaparem de situações perigosas, ou protegerem os seus donos humanos enquanto arriscam as suas próprias vidas. Muitas vezes, as crianças revêm-se nas ações dos animais;
- Brinquedos: quando as crianças brincam com os seus brinquedos, ou têm conversas com as suas bonecas e peluches, mostram acreditar nas características humanas que atribuem aos seus brinquedos. Um autor que conta uma história do ponto de vista de um brinquedo encoraja a criança a servir-se da sua imaginação e das suas experiências do quotidiano com brinquedos, levando-a à suspensão da descrença. Estas personagens têm por tendência demonstrar particularidades humanas;
- Situações e personagens absurdas: as crianças adoram o exagero, situações ridículas e trava-línguas. Histórias que apelam ao sentido de humor normalmente incluem repetição, jogos de palavras e uma utilização inteligente e criativa das figuras de estilo. Neste tipo de histórias, as personagens são desenvolvidas através de descrições intensas das características, das ações, ou do vestuário;
- Mundos estranhos e curiosos: este tipo de histórias transportam a criança para mundos estranhos e curiosos, em que esta é apresentada a uma realidade repleta de personagens invulgares e o acesso a este mundo ou realidade também acontece de modo estranho ou curioso. Aqui encontramos uma combinação entre o racional e o irracional;
- Seres pequenos: histórias em que as personagens principais são seres pequenos, como gnomos, fadas ou duendes, satisfazem o fascínio das crianças por serem muito parecidos a elas, no entanto de menor tamanho;
- Espíritos: a maior parte das crianças gosta de histórias de fantasmas ou contos acerca de espíritos, sejam eles assustadores ou amigos. Autores que escrevem sobre este tópico podem desenvolver elementos do folclore

- ou do passado histórico. Estas histórias mantêm um ambiente de suspense que decorre dos elementos sobrenaturais;
- Viagens no tempo: as crianças que leem histórias de viagens no tempo descobrem que há mais coisas neste mundo, encorajando-as a considerar o que poderia ter acontecido no lugar onde vivem há centenas de anos atrás, assim como o que poderá acontecer no futuro. Símbolos e objetos tangíveis unem o passado, o presente e o futuro. Aqui encontram-se personagens credíveis que viajam para um passado distante ou veem o futuro ainda por materializar. Ao contrário de muitas histórias de fantasia moderna, que se constroem com base na estrutura da fantasia tradicional, estas histórias focam-se no desenvolvimento humano, ao invés da batalha entre as forças do bem e do mal. Os problemas são solucionados pelas personagens e não por poderes sobrenaturais.

O **realismo contemporâneo** leva-nos do domínio do impossível para o domínio do plausível e possível no mundo atual. A classificação de realismo contemporâneo é atribuída a histórias que tratam de forma convincente as situações retratadas e ajudam a criança a examinar a sua própria vida, criar empatia com as pessoas que a rodeiam, e observar a complexidade da interação humana. Em contraste com a fantasia moderna, em que os autores alteram e manipulam o local de ação, que pode ser no passado, presente ou futuro, no realismo contemporâneo a ação passa-se no mundo como o conhecemos. As personagens em vez de passarem por experiências fantásticas, no realismo contemporâneo devem agir como pessoas reais. Se as personagens são animais, devem agir como animais, e não como versões personificadas (RUDMAN, 1993; MITCHELL, 2003).

Os assuntos abordados nas obras de realismo contemporâneo apresentam temáticas muito diversas. Nos pontos seguintes apresentamos uma síntese dos elementos mais comuns, segundo Norton (1995) e Mitchell (2003):

- Aventura: as crianças adoram a ideia de aventura e ações marcadas pelo risco e excitação. Esta categoria adequa-se a crianças mais crescidas, na medida em que as mais pequenas não se conseguem separar das personagens e ações, considerando-as intimidantes e assustadoras;

- Família: os autores destas histórias utilizam diversas técnicas literárias para criar narrativas e personagens credíveis. Debruçam-se sobre situações e sentimentos dolorosos e potencialmente destrutivos, comuns na sociedade atual, nomeadamente a morte de familiares, a adoção, as famílias monoparentais, disrupções causadas pelo divórcio e segundo casamento e abuso de crianças. Estas histórias são contadas pela perspetiva de uma criança envolvida, permitindo, a partir deste ponto de vista, retratar as emoções e as reações comportamentais da criança perante o problema, onde esta experiênciam um vasto leque de dificuldades pessoais quando tentam mudar ou compreender a situação e finalmente chegar à aceitação da situação;
- Animais: os animais na ficção realista são distintos dos apresentados na literatura tradicional e fantasia moderna. Aqui apresentam características realistas, sem pensamentos ou motivos humanos. Estas histórias muitas vezes relatam a relação entre a criança e o seu animal de estimação. O conflito ocorre quando algo acontece que provoca a disrupção da segurança da vida do animal. O antagonista pode ser uma alteração física no animal, um ambiente diferente da casa segura do animal ou uma personagem humana que trata o animal de uma forma cruel. Estas histórias incentivam a criança a perceber a vulnerabilidade dos animais perante tais forças;
- Crescer: a criança enfrenta diversos desafios quando se aventura para além do ambiente familiar e inicia o processo, por vezes difícil, de crescer. Abordam temas como a relação com os colegas, a superação de problemas emocionais, desenvolvimento ou recuperação da autoestima e a identificação do seu papel no mundo que se abre;
- Problemáticas sociais: lidam com problemáticas que vão para além do âmbito das interações familiares do quotidiano, incluindo o alcoolismo, sem-abrigo, homofobia, pobreza, sexismo e violência;
- Humor: autores que escrevem sobre situações humorísticas que podiam acontecer a pessoas reais, permitem à criança perceber que a vida pode ser divertida e nem sempre séria. Estas histórias podem encorajar os leitores a rirem de si próprios e de numerosas fraquezas humanas;

- Mistério: através do suspense, permitem à criança ficar envolvida nas soluções por meio de pistas, sugerindo à criança, através da observação, criatividade e imaginação, solucionar o mistério. O desaparecimento de pessoas, estranhos misteriosos e ocorrências invulgares interligam-se de forma a criar uma narrativa;
- Romance: o foco destas histórias está no quão importante é, para uma rapariga, ser aceite por um rapaz, ou vice-versa. Algumas narrativas mais desenvolvidas utilizam o romance como moldura para a história, enquanto o protagonista se depara com muitos problemas;
- Escola: uma vez que a criança passa grande parte do seu dia no ambiente escolar, esta possui um conhecimento íntimo deste local. As crianças gostam de ouvir histórias da escola que tendem a ser humorísticas e que mostram personagens que fazem coisas que elas próprias gostariam de fazer;
- Desporto: são das preferidas das crianças entusiastas do desporto. A maioria destas histórias são acerca de rapazes que lidam com *fair-play*, valores do desporto, a superação dos conflitos entre pais e filhos, bem como de medos relacionados com o desporto;
- Morte: parte do crescer é perceber, e gradualmente aceitar, a morte. O número crescente de histórias de ficção realista desenvolve temas relacionados com a aceitação da morte e a superação dos problemas emocionais que advêm da morte de um ente querido. Uma vez que as crianças, tal como os adultos, são severamente afetadas pela perda de um familiar ou amigo. A ficção realista contemporânea ajuda a resolver alguns dos conflitos que a morte apresenta;
- Sobrevivência: a sobrevivência física e emocional é um desafio para todos os humanos. Os confrontos com os perigos da natureza, sociais ou individuais requerem e, idealmente, desenvolvem a força da personalidade da criança. As personagens fortes neste tema são especialmente populares com as crianças que gostam de histórias de aventura;

- Individualidade: o combate das visões estereotipadas dos homens e das mulheres, pessoas com deficiência e idosos, bem como de minorias raciais e étnicas são o foco principal destas histórias.

Apesar das leis da natureza serem fundamentais para a **ficção científica**, a imaginação também desempenha um papel essencial, uma vez que apenas a literatura imaginativa dá realmente forma ao futuro e esta forma não advém de descrições das novas descobertas tecnológicas, mas sim porque no seu cerne este tipo de literatura está preocupada com o espírito humano. Um dos aspetos mais atrativos da ficção científica é a sua capacidade de fazer pensar, de modo profundo, e questionar o mundo. Estas histórias normalmente incluem alguns elementos de ciência ou passam-se num futuro em que a sociedade é muito diferente da nossa. A literatura imaginativa baseia-se em factos científicos e princípios reais, de maneira a que o que é descrito pareça plausível. Os locais de ação e os acontecimentos narrativos são construídos a partir de extensões de conceitos tecnológicos e científicos conhecidos. Ao contrário da fantasia, a ficção científica relata acontecimentos que poderiam ocorrer em consequência do desenvolvimento científico. Para as crianças, o atrativo das histórias de ficção científica recai no facto das personagens destas histórias terem de se ajustar a um mundo em mudança e tornarem-se novas pessoas, que é parte intrínseca da experiência escolar. Para além disso, as crianças habitarão o mundo de amanhã e são fascinadas pelo o que ele poderá ser no futuro (GLAZER, 1979; MITCHELL, 2003).

Este género engloba cinco tipos, segundo Mitchell (2003):

- Aventura: nestas histórias a narrativa desenvolve-se com a partida das personagens numa aventura de forma a resolver algum tipo de dilema ou mistério;
- Humor: por vezes a ficção científica adapta a forma humorística, mas o propósito permanece o mesmo, levar o leitor a examinar as suas crenças e suposições, e alargar o seu modo de pensar;
- Outras estruturas sociais e políticas: muitos livros de ficção científica transportam-nos para mundos alternativos ou futuristas, onde a sociedade

está estruturada de forma diferente. Estas histórias alertam os leitores para os perigos da nossa sociedade, tal como a ausência de escolha;

- Possibilidades do nosso planeta: estas histórias passam-se no nosso planeta, envolvendo o leitor na segurança do conhecido, sendo este levado a acreditar que esse mundo apresentado é aquele que conhece, percebendo, de seguida, que algo está muito errado ou diferente;
- Alienígenas ou robôs: decorrem num mundo futuro, com personagens extraterrestres ou robóticas. Permitem à criança experienciar o que é ser um estranho numa terra estranha, bem como a receção do povo nativo.

Estes tipos de ficção científica podem abordar diferentes temas, nomeadamente:

- Expansão da visão do que as pessoas conseguem fazer: este tema incentiva o leitor a pensar acerca do potencial humano. Que tipos de comunicação mental é capaz, quão poderosa pode ser a sua mente, se pode viver para sempre ou por maior período de tempo e se poderá algum dia voar ou mover-se de lugar em lugar, usando apenas a sua mente. Ao mostrar as criações, invenções e descobertas humanas, em outros tempos e outros mundos, a ficção científica expande a nossa visão do que os humanos são capazes;
- Debate de problemáticas ecológicas: histórias que se debruçam sobre o impacto do humano no planeta, apresentando o mundo quase destruído e a evolução do universo desde esse período de caos;
- Desafio das suposições acerca de animais ou outras formas de vida: neste tema, as histórias desafiam as noções atuais de como os animais devem servir os humanos ou colocam os humanos em contato com alienígenas, provocando questões sobre as suposições acerca de si mesmos e dos seres de outros planetas;
- Desafio das ideias e valores da sociedade: estas histórias questionam diversos aspetos da sociedade, nomeadamente a violência, o trabalho, as relações interpessoais e a liberdade.

À semelhança de outros géneros de ficção, a **ficção histórica** decorre da imaginação do escritor, mas distingue-se das restantes pelo facto de a narrativa ter um fundo histórico e depender do local da ação, exigindo do autor dedicação

e pesquisa, de forma a capturar os detalhes da época que pretende retratar. A ficção histórica é ficção realista em que a narrativa tem lugar no passado (GLAZER, 1979). Os livros de ficção histórica podem ser subclassificados de acordo com os seguintes tipos, na proposta de Mitchell (2003):

- Memórias ficcionais: são baseadas nas memórias do autor de um tempo passado. Muitas vezes, o autor, através de um incidente, cria uma história à sua volta. Outras vezes, escreve sobre eventos históricos pelos quais passou, alterando ao de leve alguns aspetos, de modo a manter o sentido da narrativa;
- Histórias de família ficcionais: são histórias que partem do contato do escritor com histórias contadas por algum elemento da família, durante a sua infância;
- Histórias ficcionais baseadas em pesquisa: relatam acontecimentos passados, em que a narrativa é construída a partir da pesquisa do autor e complementada pela sua imaginação.

Este género desenvolve-se normalmente em forma de diário, jornais e cartas, sendo estas contadas na primeira ou terceira pessoa. Podem acontecer sob a forma de viagem no tempo, em que o autor começa a narrativa num tempo presente e que, de seguida, reporta o leitor para um tempo passado.

O género **livros álbum** é composto por livros em que a totalidade da narrativa é contada através de ilustrações, ou seja, com reduzido número ou ausência de palavras, estimulando a criança a observar o mundo que a rodeia. Com estes, a criança disfruta da oportunidade de criar palavras para a história, desenvolvendo assim a sua habilidade de linguagem oral e escrita. Estes livros propiciam experiências que promovem a partilha ativa e verbal de ideias que terão efeitos positivos duradouros, tanto no modo comunicativo, como na estrutura cognitiva da criança. Estimulam o pensamento criativo e melhoram as capacidades visuais literárias, uma vez que a criança necessita de observar as ilustrações, obtendo pistas para a ação narrativa. As ilustrações propiciam a utilização da imaginação e do pensamento para além dos limites atuais, e a construção da própria experiência fantástica da criança. Estes livros podem conter vários graus de detalhe e complexidade narrativa. Alguns desenvolvem narrativas facilmente

identificáveis, ao passo que outros podem ser interpretados de formas muito diversas. Uns são grandes, favorecendo a partilha em grupo, enquanto outros são pequenos e podem ser comodamente segurados por uma criança ou adulto (NORTON, 1995; MITCHELL, 2003).

A **poesia** constitui uma área importante na Literatura para Crianças. Para a caracterização da poesia, é possível apontar os elementos poéticos e a função das palavras, ou o seu impacto emocional. A poesia reúne um conjunto de sons de palavras e ritmos que superam o seu significado. Recorre também a metáforas e imagens para atingir a imaginação, a memória e as emoções do leitor. Como principais características da poesia, encontramos as palavras visuais, a rima, o ritmo, as figuras de estilo, os detalhes sensoriais, os espaços em branco e a repetição. Os tipos de poesia mais utilizados com as crianças são poemas narrativos, líricos, quintilhas humorísticas, verso livre, poesia concreta e rimas infantis (NORTON, 1995; MITCHELL, 2003).

O intuito do **texto dramático** é ser transportado da escrita para a representação em palco, caso contrário, estes textos desempenharão apenas a sua função literária. O texto dramático é fixo, isto é, a componente literária é inalterável, todavia, quando acontece a transposição para o palco, poderão existir alterações de encenação para encenação, variando conforme o próprio encenador, os atores e o público. Por este motivo, os textos dramáticos conseguem manter um carácter atual. O texto dramático combina o verbal com um variado número de meios não-verbais ou ótico-visuais, incluindo o palco, cenário, mudança de cenas, expressões faciais, gestos, caracterização, adereços e luz. Esta ênfase reflete-se também na palavra drama, que deriva do grego *draein*, que significa fazer ou agir, referindo-se assim à representação dos atores (KLARER, 2004; CALZAVARA, 2009).

A área de escrita constituída pelos **livros não ficcionais** abrange uma grande diversidade de formas, tendo como propósito informar e instruir. Estes livros que pretendem cumprir estes objetivos de forma efetiva devem fazê-lo animando o tópico abordado. Devem criar um mundo vibrante e plausível, em que o leitor entre de livre vontade. A marca identificativa é que a informação contida no livro tem de ser passível de ser verificada e não se deve afastar daquilo que se conhece do mundo natural. Engloba histórias de aventura da vida real, História,

Ciência, dicionários, enciclopédias, biografias, autobiografias, histórias de desporto, ensaios fotográficos, narrativas na primeira pessoa, entrevistas, entre outros. Este género é normalmente em duas categorias, não ficção narrativa e não ficção não narrativa, distinguindo-as o formato de escrita, ou seja, se o livro está escrito numa forma narrativa, com a informação partilhada através de uma história, ou se é escrito numa forma não narrativa, utilizando um estilo expositivo (NORTON, 1995; MITCHELL, 2003).

Ainda nos livros não ficcionais, temos os livros de alfabeto, contar e conceito. Há muito que os livros de alfabeto são usados para ajudar as crianças a identificar objetos familiares, sons e letras. Os objetos ilustrados devem permitir que a criança os identifique facilmente, por este motivo não devem conter mais do que um nome comumente usado. Os livros de contar, à semelhança dos livros alfabeto são muitas vezes usados com o propósito educacional, nomeadamente desenvolver a habilidade de contar sequencialmente de um a dez. Estes números devem ser acompanhados por imagens de objetos correspondentes. Muitos dos livros recomendados para a estimulação do desenvolvimento cognitivo da criança são os livros conceito. Estes dependem de ilustrações bem escolhidas que ajudem a criança a entender conceitos relativamente fáceis, tais como cores e formas, e conceitos mais abstratos, como preposições e antónimos. Da mesma forma que os livros de contar podem ser divididos em diversos graus de dificuldade que se adequam à fase de desenvolvimento em que a criança se encontra, o mesmo acontece com os livros conceito. (NORTON, 1995)

### **2.3. A ilustração nos livros para crianças**

Segundo o *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea* (2001), a ilustração é a:

«ação de ornar com desenhos ou imagens, de ilustrar uma obra, um texto. (...) Imagem, gravura, reprodução que ajuda a compreender, a esclarecer um texto impresso ou a decorá-lo». (p. 2027)

Por sua vez a *Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura* (n.d.) diz-nos que a ilustração é:

«toda a imagem que acompanha um texto literário a que se refere e para cuja compreensão, esclarecimento, ou exaltação contribui, é, em rigor, uma ilustração. O termo, porém, reserva-se ordinariamente para as imagens gravadas que acompanham textos impressos». (p. 502)

Tendo por base os apontamentos históricos apresentados por Denise Matulka (2008), *Orbis Sensualium Pictus*, de Johannes Amos Comenius é considerado o primeiro livro ilustrado para crianças. Trata-se de um dicionário, publicado em 1658, ilustrado com xilogravuras, o único método praticável de ilustração à altura da sua publicação. O que lhe confere a distinção de primeiro livro ilustrado é a integração, por parte do autor, da ilustração com o texto. Comenius acreditava que a criança aprenderia latim mais rapidamente se conseguisse fazer uma associação visual com o texto. A combinação das xilogravuras com o texto em latim satisfaz a definição de livro ilustrado, já que a ilustração foi utilizada, de forma propositada, com o intuito de ampliar e complementar o texto. A sua inovação provou ser importante, na medida em que a obra em questão foi utilizada amplamente durante o século XVIII.

À exceção da obra referida, anteriormente ao século XIX a ilustração era apenas utilizada como decoração. Era prática comum utilizar as mesmas ilustrações em diversos livros. A partir de Thomas Bewick, ao criar arte para livros, nomeadamente *Pretty Book of Pictures for Little Masters and Misses* e *Tommy Trip's History of Beasts and Birds*, em 1799, os artistas começaram a receber crédito pelas suas ilustrações nos livros. Assim, os ilustradores do século XIX encontraram uma audiência receptiva a histórias acompanhadas de ilustrações. A infância era agora reconhecida como um tempo distinto da adultez. Pela primeira vez, os ilustradores possuíam os meios técnicos necessários, tais como máquinas de impressão mais desenvolvidas, para criarem livros direcionados para as crianças. Em adição, a fotografia estava a emergir como meio, e os editores experimentavam diferentes formas de incorporá-la e aprimorar a impressão.

Como consequência da Primeira Guerra Mundial, verificou-se uma ausência de novos ilustradores, sendo a maior parte dos livros publicados na primeira metade da década de vinte, reedições de livros do século XIX. Enquanto isso, o avanço na tecnologia litográfica permitiu que fossem criadas imagens mais fáceis de produzir em massa. As técnicas complexas de água-forte e gravura foram substituídas pela litografia.

No final, a década de 1920 viu emergir diversos ilustradores que dedicavam a sua prática aos livros para crianças, nomes como Wanda Gag, autora e ilustradora de vários livros, entre os quais *Millions of Cats*, editado em 1928 e considerado o primeiro livro ilustrado moderno, devido ao seu uso inovador do desenho, que complementava o texto e ampliava a narrativa, e William Nicholson, com as suas experiências na área das técnicas de reprodução e introdução de litografias com cores deslocadas. Os primeiros livros ilustrados sem palavras surgem na década seguinte, entre os quais *Head for Happy*, editado em 1931, e *What Whiskers Did*, em 1932.

O formato de livro ilustrado, conhecido pelas crianças atualmente, floresceu nos anos sessenta. Ilustradores talentosos experimentaram um vasto rol de meios artísticos e técnicas de reprodução que tornaram o livro ilustrado o formato dominante na Literatura para Crianças. Os ilustradores estavam a descobrir as possibilidades ilimitadas do livro ilustrado como montra artística. Isto, em concomitância com o reconhecimento da união do texto com a ilustração no desenvolvimento da criança, conferiu importância ao livro ilustrado e ao papel das ilustrações.

Nos anos noventa, *Mr. Lunch Takes a Plane Ride* é o primeiro livro criado a partir de meios digitais; *Black and White*, de David Macauley, é editado em 1990 e introduz um novo tipo de livro ilustrado pós-moderno. Um grupo de ilustradores, entre os quais Lane Smith, Chris Raschka, Chris Van Allsburg e David Wisner, transformam o livro ilustrado numa forma de arte.

Dada esta evolução da ilustração, os presentes livros para crianças estão intimamente ligados com o desenvolvimento da técnica de impressão. Anteriormente ao século XX, grande parte da reprodução das ilustrações era feita à mão e limitada àquelas que podiam ser gravadas em madeira ou metal.

Seguidamente, eram transferidas manualmente para o papel ou montadas em placas numa impressora móvel, um processo laborioso e demorado. Embora não intencionalmente, o processo de gravação manual removia muitas vezes os detalhes que faziam o trabalho de um ilustrador distinto de outro.

Ao longo do tempo, os ilustradores gradualmente refinaram a arte da ilustração. Através de pequenos avanços, a ilustração passou de meramente decorativa para um meio artístico. Quando a fotografia e a gravação por meio-tom surgiram no final do século XIX, os ilustradores finalmente começaram a ver as suas ilustrações a serem reproduzidas de forma fiel e sem um intermediário. Os desenvolvimentos tecnológicos no século XIX melhoraram de forma substancial a disponibilidade e qualidade da ilustração. No início do século, os livros ainda eram produzidos utilizando técnicas que datavam até ao período do Renascimento. Até ao final do século XIX, as ilustrações eram coloridas à mão, normalmente por alguém que não o ilustrador. No entanto, no final do século, técnicas fotomecânicas e máquinas de impressão melhoradas deram origem à época de ouro da ilustração. Os processos que eram feitos à mão tornaram-se mecânicos. A impressão permitiu a reprodução de diversas cópias da mesma ilustração.

Os três principais meios de transmitir o trabalho de um ilustrador para a página são o relevo, que é a impressão acima da superfície, a calcogravura, impressão abaixo da superfície, e a litografia, que corresponde à impressão na superfície. Antes do século XIX, a impressão por relevo era a mais comum, mas durante o século XIX a impressão por calcogravura ganha predominância, e no século XX a litografia e fotogravura tornam-se os processos mais utilizados.

É no final do século XIX e início do século XX que os processos fotomecânicos superam a gravação em madeira e a litografia, tornando possível uma ampla variedade de técnicas de pintura e desenho. A invenção do processo conhecido como separação de cores tornou possível a produção em massa de ilustrações coloridas. No século XX a litografia *offset* era a forma económica de produzir em massa livros com ilustrações de alta qualidade. O início do século XXI trouxe a revolução digital, facilitando a reprodução das ilustrações e libertando os ilustradores da dependência de um intermediário para a transferência das suas ilustrações. (MATULKA, 2008)

De acordo com vários autores, a essência do livro para crianças deriva da forma como o texto e as ilustrações se relacionam entre si. Essa relação entre o texto verbal e visual é complexa e sutil, descrita como uma sinergia, uma vez que ambas, em conjunto, produzem um efeito que é maior do que a soma das duas partes (SIPE, 1998).

Existem diferentes perspectivas de análise que enformam uma relação entre o texto e a ilustração. Denise Agosto (1999), por exemplo, faz a distinção entre narrativa paralela e narrativa interdependente. Na narrativa paralela, o texto e a ilustração contam, em simultâneo, a mesma história. Na narrativa interdependente, o texto e a ilustração devem ser considerados concorrentemente de forma a compreender a história, uma vez que existem diferenças evidentes entre a informação transmitida pelo texto e a transmitida pelas ilustrações.

Golden (citado em Pantaleo, 2005) descreve cinco tipos diferentes de relação visual-verbal:

- O texto e a ilustração são simétricos;
- O texto depende da ilustração para compreensão da mensagem;
- A ilustração realça e elabora o texto;
- O texto transporta a narrativa primária e a ilustração é seletiva;
- A ilustração transporta a narrativa primária e o texto é seletivo.

Schwarcz (citado em Pantaleo, 2005) elege termos que designam a interação entre o texto e a ilustração, nomeadamente congruência, elaboração, especificação, ampliação, extensão, complementaridade, alternância, desviação e contraponto.

Segundo Bodmer (citado em Fang, 1996), as ilustrações podem assumir diversas funções, tais como: estabelecer os locais da ação, definir ou desenvolver personagens, estender ou desenvolver a narrativa, fornecer um ponto de vista diferente à história, contribuir para uma coerência textual e reforçar a ideia do texto.

As ilustrações não são só parte integrante do texto na Literatura para Crianças como também são importantes, em diversos sentidos, para a criança enquanto leitora (FANG, 1996):

- Estimulam a criança a ler e a interagir com o texto, como também motivam jovens leitores a tentar antecipar o que vai acontecer a seguir;
- Servem como uma ferramenta para instigar e promover a criatividade da criança. Ao ler livros ilustrados, com pouco texto, as crianças aprendem a usar a sua imaginação para interpretar e (re)criar uma representação mental da história. As crianças muitas vezes associam imagens com as suas experiências de vida ou familiares, construindo significado baseado nas representações já existentes. As crianças têm uma forma única e criativa de interpretar a história, os locais e as personagens;
- Fornecem pilares que facilitam a compreensão do texto. O pouco tempo de atenção da criança associado ao seu vocabulário limitado, sintaxe e conhecimento do mundo, coloca nas ilustrações o papel de ajudar a desenvolver a história e as personagens de forma que sejam utilizadas menos palavras e uma sintaxe menos complexa. Para mais, as ilustrações incitam a uma elaboração ativa do texto, facilitando a aprendizagem, induzindo no leitor a formação de imagens mentais da informação recebida;
- Alimentam na criança uma apreciação estética de arte e beleza. Johnson (citado em Fang, 1996) considera que as experiências estéticas são fundamentais para a educação da criança, porque fomentam a literacia linguística e visual. A ilustração permite à criança não só estar desperta para a variedade de estilos artísticos e meios que os artistas empregam nas suas ilustrações, mas também desenvolver o sentido crítico;
- Contribuem para o desenvolvimento da linguagem e literacia da criança. A combinação do texto e imagem alimentam as ideias das crianças e estimulam a sua imaginação e curiosidade.

No caso de Portugal tem-se vindo a atribuir uma importância crescente à ilustração e ao ilustrador. A ilustração, pela sua característica de complementaridade com o texto na Literatura para Crianças, tem vindo a ser reconhecida através de publicações meritórias, atribuição de prémios, como também pela frequente realização de exposições. Atualmente, verificam-se

também publicações partilhadas, onde ambos os autores assumem um papel equivalente na criação da obra e a articulação entre o texto e a imagem é definida consoante os objetivos das duas partes.

### 3. A Promoção da Leitura

*«Não se nasce com amor ou desamor pela leitura;  
ambos são gerados no confronto, precoce ou tardio,  
e depois explode o conflito entre “morrer” e “viver”».*

*(ROCHA, 1984)*

Em estudo da obra *Práticas de Promoção da Leitura nos Países da OCDE* de José Soares Neves, Maria João Lima e Vera Borges (2008), entende-se por promoção da leitura como sendo uma área de intervenção que tem como objetivo primordial o de elevar os níveis de competência e de prática da leitura de uma dada população, conscientes de que se trata de uma linha condutora de um objetivo continuamente a ser desenvolvido e nunca atingido na sua totalidade. Reúne diversos setores, tais como o da cultura, da educação e da saúde, por meio de práticas associadas à criação de competências para a alfabetização e literacia, em vista a elevação do gosto e hábitos de leitura, tanto quantitativa como qualitativamente. Estas práticas de promoção, desenvolvidas de modo continuado, visam a aproximação entre o potencial leitor e os diversos suportes de leitura, formando leitores e contribuindo, assim, para favorecer um interesse contínuo pelos livros e pela leitura em geral.

A promoção da leitura, na área da educação, surge como complemento e em paralelo com o sistema de ensino, através das bibliotecas escolares e atividades de sala de aula. Na área cultural, encontra-se interligada à prática das bibliotecas públicas e às ações de acesso aos diferentes suportes de leitura. Na saúde, apesar de ser uma área em que só recentemente têm surgido iniciativas dedicadas à promoção da leitura, desenvolve-se junto de crianças

hospitalizadas, como também em ações de sensibilização da importância da leitura junto dos pais e/ou familiares.

Nos referidos setores, a promoção da leitura acontece por meio de projetos nos quais são definidos os grupos-alvo. Para a concretização eficaz e eficiente dos objetivos a que cada projeto se propõe, são identificados outros setores sociais, denominados por grupos-satélite, que prestam o seu contributo para a prossecução dos projetos. Esta designação deve-se ao facto de serem grupos distintos, mas próximos do grupo-alvo, e que funcionam como facilitadores e/ou executores da concretização das ações propostas por determinado projeto. Apesar desta importante componente, há que referir que não substituem os mediadores de leitura, na medida em que estes grupos não possuem habilitações académicas ou profissionais na área.

O esquema que se segue (figura 2) ilustra as relações entre o grupo-alvo, neste caso as crianças, e os diversos grupos-satélite e mediadores de leitura.

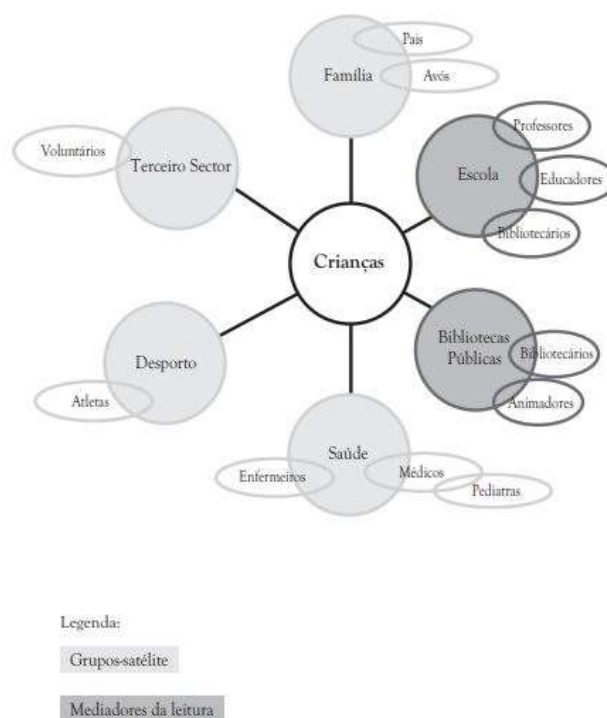


Figura 2: Relação entre os diversos participantes num projeto de promoção de leitura (NEVES, 2008).

Os diversos contextos em que os projetos de promoção da leitura podem ser desenvolvidos são: o doméstico, o escolar, as instituições totais, a saúde e cuidados médicos, o espaço público, instituições culturais, o comércio e a comunicação.

O contexto doméstico tem como principais intervenientes os pais e familiares da criança, sendo este um contexto, complementar aos projetos desenvolvidos na escola ou biblioteca, privilegiado por se tratar da socialização primária. Por este motivo, o material para a promoção da leitura destina-se a ser utilizado em casa de forma a fomentar o gosto e as boas práticas de leitura, bem como a aprendizagem intergeracional. É neste contexto doméstico que a criança deverá ter à sua disposição livros adequados à sua idade. No contexto do ensino, os educadores, professores e bibliotecários desempenham o papel primordial no desenvolvimento do projeto de promoção da leitura.

No contexto das instituições totais, nomeadamente os orfanatos e os lares de acolhimento, são também potenciais locais de implementação de práticas de promoção de leitura. Na saúde e nos cuidados médicos, há a destacar a sensibilização dos pais e familiares da criança para a importância da leitura como também projetos que são especialmente pensados para serem desenvolvidos junto das crianças hospitalizadas.

Os espaços públicos como os jardins, as praças e as praias são muito utilizados para os projetos de promoção da leitura, na medida em que se tratam de espaços onde as bibliotecas podem estender o seu trabalho, ou através das bibliotecas itinerantes diversificar e facilitar o acesso aos livros para as crianças e realização de iniciativas como feiras, festivais ou animações de rua.

No contexto cultural, as bibliotecas públicas assumem um papel imprescindível na promoção da leitura, na medida em que grande parte dos projetos partem da iniciativa destas instituições. Por sua vez, as livrarias também contribuem para esta promoção, facilitando o acesso aos livros alargando o seu horário de funcionamento em determinados eventos promovidos, distribuindo materiais de apoio e divulgação dos projetos, apresentando listas de obras de leitura recomendada e realizando descontos na aquisição de obras. Os museus, as salas de espetáculo e as salas de cinema acolhem eventos dedicados à

promoção da leitura, como festivais, concursos ou eventos de entrega de prémios literários, ou articulando a sua programação cultural com o trabalho desenvolvido pelos projetos. Os centros de leitura e os clubes do livro, apesar de não apresentarem autonomia própria e estarem integrados noutros espaços, como nas escolas ou nas bibliotecas, são eles próprios projetos de promoção da leitura resultantes do trabalho desenvolvido por uma instituição.

No contexto do comércio há a destacar o papel dos centros comerciais e diversas lojas, na realização de ações de promoção, como encontros com escritores, sessões de leitura partilhada e animações de histórias. Os espaços ligados ao desporto, sobretudo os clubes desportivos, escolas de formação de desportistas e ginásios, podem desempenhar um papel auxiliar na concretização dos objetivos visados pelos diversos projetos. Diversos projetos recorrem aos meios de comunicação social para a difusão dos conteúdos e atividades desenvolvidas por este mesmo projeto. Uma vez que a internet acaba por ser uma plataforma amplamente utilizada, serve como forma de difusão e de contato entre os participantes dos projetos de promoção da leitura.

Em Portugal impõe-se aqui evidenciar um programa que tem vindo a ser implementado e trabalhado: o Plano Nacional de Leitura, que se guia pelo principal objetivo de criar e consolidar hábitos de leitura nos portugueses, particularmente dirigidos ao público infantojuvenil.

No artigo intitulado *Importância Educacional da Leitura e Estratégias para a sua Promoção*, Maria Sabino (2008) revela que a preocupação e a existência de projetos de promoção da leitura se devem ao facto de a leitura ser considerada como um pilar da sociedade, por ser fonte principal de conhecimento e lugar de libertação do pensamento e exercício prático de cidadania. Desta forma, a leitura assume vital importância na estratégia de evolução do processo ensino-aprendizagem e contribui para o desenvolvimento das capacidades de análise crítica e síntese.

A leitura possibilita a aquisição e a ampliação de conhecimentos, tanto gerais como específicos, permitindo o desenvolvimento do desempenho cognitivo e a aplicação destes conhecimentos a novas situações. Consequentemente, a leitura favorece a comunicação oral e a escrita, tornando o leitor mais capaz de

se autonomizar a nível cultural e cívico. Para mais, assiste no desenvolvimento biológico da criança e reflete-se nas suas capacidades cognitivas e atitudinais.

Os processos de construção, desconstrução e reconstrução do conhecimento são atos individuais e permitem o despertar da consciência para os valores éticos, estéticos e humanísticos. Numa outra vertente, a leitura poderá ser entendida como um entretenimento saudável que ensina e informa ao mesmo tempo que forma a criança, de modo cativante e divertido. Gradualmente, a prática da leitura torna-se uma fonte de prazer, permitindo ao leitor formular juízos de valor acerca dos significados apreendidos, validando-os e adequando-os às suas ideias e comparando-os às suas experiências, bem como a leituras anteriores. Por estas razões, a criança deve ser exposta à leitura, oral ou compreensiva, em idade precoce, a fim de ocorrer a estimulação cerebral e posterior enriquecimento do vocabulário.

Segundo Azevedo (2013), a exposição da criança à Literatura para Crianças, em particular, funciona como meio e instrumento de:

- Socialização;
- Introdução a uma determinada cultura ou imaginário antropológico-cultural;
- Alargamento e enriquecimento da sua competência enciclopédica;
- Reforço do sistema de valores e crenças, onde os códigos axiológicos da comunidade na qual está integrada desempenham um importante papel;
- Desenvolvimento das habilidades linguísticas e cognitivas;
- Otimização da emancipação desta face às limitações do seu mundo empírico e histórico-factual, dando sentido às suas experiências de vida e ao crescimento do seu próprio eu;
- Exploração da essência do sujeito e de textualização do inexprimível.

Deste modo, os programas de promoção de leitura orientam determinadas formas de olhar para a literatura e para o livro, no quadro educativo e social, em que o mediador pode encaminhar a criança-leitor ao conhecimento deste património imaterial, valorizando o objeto livro como ponto de partida para a experiência linguística, cognitiva, social e estética. Esta experiência literária conduz ao aprender a exercitar a língua numa diversidade de contextos e permite

a intercomunicação, preparando a criança para novos desafios de aprendizagem de si próprio e do mundo que o rodeia, permitindo-lhe assim aceder a uma prática mais consciente da cidadania.

### 3.1. Mediação de Leitura para Crianças

O termo mediação, segundo o *Dicionário Enciclopédico Lello Universal* (1981), compreende-se como sendo o «ato ou efeito de mediar. Interseção, intervenção, destinada a produzir um acordo». Por sua vez, na *Enciclopédia Luso-Brasileira de Filosofia* (1991) o termo 'Mediação' «vem do latim *mediatio*, que na origem significa intervenção (...). Para ligar ou unir estabelece-se, pela mediação, um meio ou um meio termo que unem conceitos, possibilidades ou essências que parecem opor-se ou excluir-se. (...) a função mediadora permite uma superação e fornece um fio condutor metodológico. (...) Mediação pode significar tanto a ação de servir de intermediário como a coisa que constitui a própria Mediação, a atividade própria do agente mediador e uma realidade intermediária.» Entre o Homem e o mundo que o rodeia não existe uma relação direta, uma vez que esta é mediada através de ferramentas, resultantes da criação humana, que auxiliam esta relação (MORO, 2011).

A mediação, quando aplicada à leitura para crianças, trata-se de um processo de seleção da informação, antes de transmitida ao recetor, com vista a facilitar a aproximação entre o leitor e o livro (ALMEIDA, 2012). O seu principal propósito é educar os leitores e contribuir para que a leitura seja uma prática e um hábito comum. Desta forma, e com o objetivo final de educar leitores autónomos, os principais objetivos da mediação de leitura são os seguintes, seguindo as propostas de Castanheira (2018) e Marcos (2013):

- Estimular o gosto pela leitura;
- Criar e promover hábitos de leitura regulares;
- Ajudar a criança na leitura;
- Orientar a leitura escolar e extraescolar;
- Coordenar e facilitar a leitura de acordo com a idade;
- Desenvolver os requisitos dos programas oficiais de leitura;

- Preparar, desenvolver e avaliar sessões de leitura.

Esta mediação pode ser desenvolvida por pessoas ou entidades, sendo estas bibliotecários, profissionais da área da educação, editores, livreiros, jornalistas, críticos, tradutores, bibliotecas, escolas, livrarias, entre outros. Este leque de mediadores deve-se ao facto de ouvir e contar histórias corresponder a uma necessidade humana, especialmente na infância. Em contexto escolar, hoje em dia, os educadores procuram corresponder a esta necessidade, integrando nas atividades dos jardins-de-infância, tanto a narração, como a dramatização (GOMES, 1991).

O mediador é a ponte ou elo de ligação entre o livro e a criança, propiciando e facilitando o diálogo entre ambos. O perfil do mediador de leitura orienta-se por diferentes requisitos, entre os quais, ser um leitor habitual, compartilhar e transmitir o gosto pela leitura, ter a capacidade para promover a interação e participação da criança, ser imaginativo e criativo, acreditar no seu trabalho como mediador, possuir formação literária, psicológica e didática, e, finalmente, ter presente que, para criar leitores, não existe melhor solução que selecionar os livros tendo por base a sua capacidade de transmitir mensagens expressadas com correção e qualidade, estimulando-os a sentir, a sonhar, a partilhar e a vibrar com a leitura (CERRILLO, 2002).

Independentemente de se tratar de um encontro entre a criança e o livro, através de uma sessão individual ou grupal, é necessário criar as condições físicas e psicológicas para que os objetivos propostos para a mediação sejam atingidos. No caso de se tratar de um grupo, o lugar onde será desenvolvida a promoção de leitura deverá ser amplo, para que as crianças possam se movimentar livremente e com agilidade. Caso esta aconteça em sala de aula, surge a necessidade de a reorganizar, em vista a animação de leitura. Se a mediação for feita individualmente, é aconselhado criar um espaço acolhedor.

Nas sessões de mediação, os participantes deverão estar dispostos de forma a que o diálogo se estabeleça espontaneamente, e que o encontro entre o livro e a criança aconteça realmente num ambiente distendido, comunicativo e lúdico. É necessário ainda, da parte do mediador, provocar o intercâmbio de ideias entre os intervenientes, escutar atentamente as intervenções de cada criança,

valorizar cada uma das intervenções, ainda que o mediador as considere insignificantes ou rotineiras, uma vez que cada criança naturalmente expressa a sua própria realidade, permitir que o debate flua entre os participantes e que este se estabeleça entre mediador-criança, criança-mediador e criança-criança, ainda que se verifique entusiasmo nas participações ou umas sobreponham-se às outras, não opinar ao longo das experiências, mas sim orientá-la, proporcionar a correção oral expressiva, através de questões que conduzam à abertura a diferentes possibilidades que o livro ou a mensagem deste ofereçam.

Partindo da interação da criança, abrir campos de criatividade interdisciplinar, tendo estes como ponto de partida a temática do texto, sugerir ou motivar a leitura, resumir, de modo adequado, o desenvolvimento da sessão, bem como a participação das crianças, e caso o mediador, voluntaria ou involuntariamente, se tenha esquecido de algum aspeto a referir durante a sessão, não deverá assumir, mas sim canalizar a informação novamente para o livro, e do livro para as crianças. As sessões de mediação de leitura podem e devem acontecer independentemente do número de leitores (MANZANO, 1988).

Segundo a sua ordem de trabalho, o mediador deverá respeitar os direitos do leitor, enunciados por Daniel Pennac (1993):

- O direito de não ler;
- O direito de saltar páginas;
- O direito de não acabar um livro;
- O direito de reler;
- O direito de ler não importa o quê;
- O direito de amar os “heróis” dos romances;
- O direito de ler não importa onde;
- O direito de saltar de livro em livro;
- O direito de ler em voz alta;
- O direito de não falar do que se leu.

Ainda, deverá ter em mente o que não deve fazer, enquanto mediador, segundo Gianni Rodari (citado em Gomes, 2006):

- Repreender a criança por não gostar de ler;

- Obrigar a criança a ler;
- Mandar a criança ler um livro que não é do seu agrado;
- Exigir à criança que leia um livro do princípio ao fim;
- Deixar a criança sozinha com o livro;
- Comentar para a criança todos os pormenores do livro;
- Converter os livros em outros “deveres escolares”;
- Transformar o livro em ferramenta académica;
- Obrigar a criança a comentar um livro lido.

A fim de se conseguir um bom processo de mediação de leitura, junto dos mais novos, é fundamental, apesar da individualidade de cada leitor, que o mediador proceda a uma seleção de livros adequada aos diferentes grupos etários, necessidades e interesses da criança. É importante que esta não desmotive ao longo do seu percurso inicial de leitor, percebendo que o livro não é uma obrigatoriedade, e que a mediação de leitura é um auxílio à seleção dos livros que vão ao encontro das suas necessidades, interesses e gostos. Desta forma, reduz-se a probabilidade de ocorrerem fracassos que poderão constituir uma barreira, por vezes difícil de ultrapassar, entre os livros e as crianças (CERRILLO, 2002).

### **3.1.1. Os Grupos Etários**

Na Literatura para Crianças é essencial que todos os implicados na educação da criança conheçam os diferentes estádios do desenvolvimento psicológico desta, no sentido de corresponderem mais assertivamente aos seus interesses, bem como às suas necessidades.

Esta relação entre o desenvolvimento mental da criança e o livro tem sido alvo de diversos estudos, baseados maioritariamente no modelo de Piaget. Este modelo parte do princípio que o desenvolvimento psíquico é um caminho para o equilíbrio, o qual consiste na harmonização das emoções, sistematização da razão e estabilização das relações sociais.

Este desenvolvimento pauta-se por uma construção contínua que Piaget dividiu em seis estádios:

- Estádio dos reflexos ou montagens hereditárias e das primeiras tendências instintivas e emocionais;
- Estádio dos primeiros hábitos motores, sentimentos diferenciados e das primeiras percepções organizadas;
- Estádio da inteligência sensório-motor ou prática, das regulações afetivas elementares e das primeiras fixações exteriores da afetividade.

Estes três primeiros estádios correspondem ao período do bebé, isto é, antes do desenvolvimento da linguagem e do pensamento, que se situa entre o nascimento e os dois anos.

- Estádio da inteligência intuitiva, dos sentimentos interindividuais espontâneos e das relações sociais de submissão ao adulto, compreendido entre os dois e os sete anos;
- Estádio das operações intelectuais concretas e dos sentimentos morais e sociais de cooperação. Situa-se entre os sete e os onze ou doze anos;
- Estádio das operações intelectuais abstratas, da formação da personalidade e da inserção afetiva e intelectual na sociedade dos adultos, correspondente à adolescência (PIAGET, 1983).

Posteriormente, Lev Vigotsky e Erik Erickson aprofundaram este modelo. Vigotsky introduziu o conceito de Zona de Desenvolvimento Proximal, que se entende pela distância entre o real nível de desenvolvimento, determinado pela capacidade de resolver problemas de forma independente, e o nível de desenvolvimento potencial, determinado pela resolução de problemas com o auxílio de um adulto ou colegas que apresentem maior capacidade (GILBERT, 2001).

De acordo com o modelo de Erickson, um indivíduo passa por oito estádios de desenvolvimento, em que, em cada um deles, este tem de enfrentar e lidar com um problema ou crise psicossocial central. Quatro destas crises englobam os grupos etários entre o nascimento e os onze anos, sendo elas confiança *versus*

desconfiança, autonomia *versus* vergonha e dúvida, iniciativa *versus* culpa e indústria *versus* inferioridade (MUNLEY, 1975).

Este modelo de Erickson permite uma discussão quanto ao desenvolvimento psicológico da criança e o seu impacto na leitura, uma vez que a maturidade na leitura não ocorre de forma independente quanto a outros tipos de desenvolvimento, envolvendo estruturas cognitivas, papéis sociais particulares que a cultura dominante atribui ao leitor em desenvolvimento, ou ainda, problemas afetivos e relações interpessoais.

Deste modo, Appleyard (1991) propõe um ponto de vista sistemático, que procura explicar como o leitor se desenvolve, podendo assumir cinco papéis ao longo da sua vida:

- Na primeira infância, isto é, entre os dois e os seis anos, o leitor assume o papel de jogador, na medida em que a criança evolui, partindo de interações egocêntricas e concretas com os livros, transportando-se para o mundo da fantasia, imaginando realidades, medos e anseios que progressivamente aprende a controlar;

- Na segunda infância, dos seis aos doze anos, a criança assume um papel de leitor como herói ou heroína. A leitura nestas idades tem o intuito de recolha e organização da informação acerca do mundo para além das experiências imediatas, assim como de conduzir ao conhecimento de si próprio;

- Na fase da adolescência, o leitor assume o papel de pensador, atingindo por meio da leitura a verdade, a compreensão e a sabedoria acerca do mundo. Os adolescentes procuram identificar-se e envolver-se com as personagens fictícias e através desta experiência, vivenciarem diferentes papéis. Nestas idades o leitor tem tendência para preferir tragédias ou histórias imprevisíveis, com um final em aberto e que exigem um ato interpretativo da parte do leitor;

- Na juventude, encontramos um leitor que assume o papel de intérprete, onde o texto flui e a sua voz adquire maior autoridade. O jovem encara a ficção como um corpo organizado de conhecimento, com os seus próprios princípios de inquirição e regras de evidência. Inicialmente o leitor vê o texto como transparente, assumindo a ausência de necessidade de interpretação. Quando se consciencializa do potencial de múltiplas interpretações começa a encarar o

texto como problemático, compreendendo que este é construído não só pelo autor, mas também pelo leitor e por todos os códigos e contextos culturais que por estes se regem. A ironia é o género e a atitude mais adotada neste período, provavelmente por esta ser a arma de defesa mais poderosa contra o embaraço;

– Na fase adulta, o leitor assume um papel pragmático, uma vez que sabe o porquê de ler e, de modo consciente, escolhe o uso que dá à leitura. Pode ler para escapar à realidade, procurar a verdade ou encontrar imagens com que se identifica, já que todos os papéis que caracterizam os leitores em desenvolvimento estão ao dispor da escolha do adulto (APPLEYARD, 1991).

Seguindo o modelo de Piaget, Cervera estabelece uma hipótese que adequa as exigências literárias da criança ao seu desenvolvimento psicológico, de forma a auxiliar o autor e o educador na mediação da leitura. Deste modo, Cervera associa aos quatro estádios os tipos de leitura mais adequados:

– Estádio sensório-motor, que engloba crianças desde o nascimento até aos dois anos. Nestas idades não faz sentido falar de Literatura, salvo dentro do conceito globalizante atribuído à expressão Literatura para Crianças. Entre a etapa dos reflexos, que se alcança aos quatro meses, e o da organização das perceções e hábitos, que se prolonga até aos oito meses, é natural que a criança se impressione com o movimento que é feito para atrair a sua atenção, acompanhado de rimas e versos, quase sempre semicantados e complementados por gestos, palmas e oscilações da cabeça. A criança, como é suposto, não entende nada do que é dito, mas manifesta a sua alegria perante a melodia e movimento das mãos. Na etapa da inteligência prática ou sensório-motriz, que se estende dos oito meses aos dois anos, adquire a capacidade de admirar imagens gráficas, com poucas figuras, da mesma maneira que a sua atenção é captada através de brincadeiras com peluches ou bonecas. Regra geral, admite livros-jogo, plastificados, com imagens de representações mínimas de objetos do seu dia-a-dia. Aos dois anos de idade, mais que ajudar ao conhecimento do que o rodeia, os livros contribuem para a iniciação à função simbólica;

– Estádio pré-operacional, que engloba crianças dos dois aos sete anos. Assim se designa, porque precede a formação das primeiras operações no sentido estrito ou operações concretas. Inicia-se com o aparecimento da função

simbólica, que se organiza de forma paralela à aquisição da linguagem. Admite operações fundamentais, como a representação, o jogo simbólico e o desenho ou expressão gráfica, para além da comunicação verbal. O início da função simbólica permite-a atuar sobre as coisas, não apenas materialmente, mas também interiorizando esquemas de ação em representações e realizando imitações. Assim é necessário reconstruir aquisições anteriores, elaborar os dados que chegam pelos sentidos e categorizar a realidade. Este estágio divide-se em dois subperíodos: o pré-concetual, dos dois aos quatro anos, e o intuitivo, dos quatro aos sete anos. O subperíodo pré-concetual caracteriza-se pela tradução e utilização de preconceitos, que são as noções atribuídas pelas crianças aos primeiros sinais verbais que adquirem. O subperíodo intuitivo baseia-se na intuição direta, modo de conhecimento que se deverá completar com outros objetivos e experiências. O egocentrismo é característica dominante do comportamento intelectual da criança neste período e condiciona os processos simbólicos que neste se desenrola. Manifestações próprias deste egocentrismo são o realismo, o animismo e o artificialismo com que a criança representa o mundo. O período pré-operacional é demasiado amplo e por consequência os interesses literários são muito variados. Inicia-se com a aquisição da linguagem e termina com uma capacidade de leitura bastante flexível e compreensível. A imitação referida anteriormente inclina-a para jogos dramáticos espontâneos e o animismo dominante inclina-a para contos e fábulas com personificação e antropomorfismos. De igual modo, admite as transformações de um ser em outros. O seu progresso na leitura leva-a de livros com imagens e sem texto a livros em que, progressivamente, a palavra vai ocupando maior extensão;

– Estádio das operações concretas engloba crianças dos sete aos onze ou doze anos. As operações concretas são aquelas que apenas podem ser aplicadas ou manipuladas no real e não podem basear-se exclusivamente em enunciados verbais. Grande parte do desenvolvimento intelectual da criança consiste em criar agrupamentos que permitem organizar a realidade. A criança consegue realizar deduções lógicas e iniciar o processo em que o pensamento lógico se afasta de uma ótica do mágico e da analogia. Para pensar utiliza cada vez mais palavras que imagens e torna-se mais comunicativo. No entanto, às palavras mal compreendidas tende a dá-las interpretações fantásticas. A

progressiva descoberta do mundo provoca curiosidade para outras formas de vida, povos e animais. Do egocentrismo anterior passa para o sociocentrismo. Na sua vida afetiva, adquire maior controle e estabilidade. No mundo da fantasia, apesar de ganhar maior domínio, os limites entre o fantástico e o real não estão, todavia, bem definidos. A Literatura pode exercer, neste período, grande influência pela quantidade de modelos que oferece, como pontos de coincidência na sua forma de sentir e pensar. A literatura fantástico-realista adequa-se às crianças neste período, daí as suas preferências por contos fantásticos e aventuras. A vida dos animais, tanto domésticos como selvagens, interessa-lhe mais pelas surpresas do que pelas noções. As ficções lendárias ou com fundo histórico conferem compreensão dos conhecimentos, as biografias ou a história de personalidades, exploração de países ou povos distintos ampliam o seu mundo de referências. Os assuntos relacionados com jogos ou desportos, experiências científicas, a mecânica e as construções refletem a possibilidade da concretização de um sonho de vida. Quanto à sua forma, estes livros necessitam de uma proporção equilibrada entre diálogos e ação. A descrição de locais e personagens deve ser rápida e limitar-se ao essencial. O desenvolvimento e progressão da história tem que seguir um ritmo que permita a compreensão e não deve conter aspetos confusos. A criança necessita que no final da história, todos os problemas apresentados se encontrem resolvidos;

– Estádio das operações formais. Estende-se dos onze ou doze anos até aos quinze anos. Neste estágio o sujeito liberta-se das dependências do concreto e imediato e acede ao real, como subconjunto do possível. O adolescente é capaz de raciocinar sobre coisas reais, mas também sobre proposições cuja veracidade desconhece, partindo assim de hipóteses para chegar a conclusões, ou seja, adquire o pensamento hipotético-dedutivo. Desenvolvem-se assim noções de proporção, probabilidade e casualidade, dissociação de variáveis e sistemas de referência. Operações características deste período são a síntese, a individualização e a generalização. Todas elas se revelam instrumentos válidos para a entrada na Literatura. Na sua constante progressão, o adolescente, preparado para a leitura silenciosa e pessoal, valoriza o texto com a captação de intenções e pontos de vista. A sua maturação afetiva, por vezes acompanhada de conflitos internos, encontra satisfação na descoberta de valores pessoais. O adolescente, ao contrário da criança, não se

sente tão protegido pelos adultos ou familiares, nem o deseja. A entrada no mundo dos adultos cria nele desconfiança e insegurança. As suas preferências literárias recaem na intriga, mistério, aventura e no mundo afetivo e sentimental. Novelas policiais e de ação em geral são utilizadas como forma de evasão da realidade. As biografias de pessoas ilustres e de triunfos celebrados cativam pela entrega a uma causa ou valentia. Neste estágio, paralelamente à sua transição vital, dá-se a transição da Literatura Infantil para a Juvenil e, posteriormente, à de adultos. (CERVERA, 1991)

Tendo em atenção todos estes aspetos que mencionámos, é fundamental que se tenha por base os modelos apresentados, sobretudo como linha orientadora da mediação de leitura, tendo em consideração que, dentro do mesmo grupo etário, existe diversidade nos níveis entre os leitores, tanto pela sua individualidade como por diferentes fatores externos, nomeadamente escolares, económicos, culturais e políticos.

### **3.2. O papel das Bibliotecas Públicas e Escolares**

De acordo com Else Válio (1990) e Clarice Caldin (2003), as bibliotecas surgiram como meio de distribuição e disponibilização de um recurso escasso e dispendioso, a informação escrita. A função principal de qualquer biblioteca é arquivar e fornecer acesso à sua coleção de material escrito. Atualmente, por todo o mundo, as bibliotecas dedicam-se a fornecer acesso à informação de forma gratuita e equitativa, esteja ela em formato escrito, eletrónico ou audiovisual. Desempenham um papel fundamental na criação de ambientes literatos e na promoção da leitura, oferecendo material de leitura relevante e atrativo para todas as idades e todos os níveis de literacia. Para além disso, têm a responsabilidade de oferecer serviços que unam barreiras sociais, políticas e económicas. As bibliotecas auxiliam na recolha, manipulação e interpretação da informação, abrindo oportunidades de melhoria da literacia, cidadania informada, recriação, imaginação criativa, pesquisa individual e pensamento crítico.

A biblioteca escolar é uma instituição que desempenha um importante papel na mediação da leitura, organizando a utilização dos livros, orientando a leitura dos

alunos, cooperando na educação e desenvolvimento cultural da comunidade escolar e suportando o cumprimento do currículo da escola. É o espaço ideal de apresentação da leitura à criança, como uma atividade natural e de fonte de prazer, já que muitas vezes é a única via que esta possui de ter acesso a livros que não são didáticos (VÁLIO, 1990; CALDIN, 2003).

Segundo Araci Hillesheim e Gleisy Fachin (1999), esta biblioteca deve desempenhar a sua atividade tendo em vista o cumprimento de diversos objetivos, entre os quais, ampliar os conhecimentos do aluno, funcionando como uma fonte de cultura, possibilitando uma constante atualização do conhecimento em todas as áreas do saber; colocar à disposição deste diversos materiais e serviços que promovam a sua formação e desenvolvimento de hábitos de leitura e pesquisa; cooperar com os professores, fornecendo o material necessário para a implementação e enriquecimento do currículo escolar, e colaborando no processo educativo, oferecendo um vasto leque de recursos que complementem o ensino e a aprendizagem do aluno; orientar e estimular o aluno nos diversos aspetos da leitura, fomentando nele o prazer e satisfação que esta proporciona, avaliando-a e criticando-a; estimular na criança o hábito de frequentar e usufruir das bibliotecas; participar dos programas e atividades escolares e integrar-se com outras bibliotecas, proporcionando a troca cultural, recreativa e de informações (HILLESHEIM, 1999).

Em Elisa Corrêa (2002) e Graça Maria Fragoso (2002), para exercer as suas funções e cumprir os objetivos a que se propõe, a biblioteca escolar deve possuir profissionais com determinadas habilitações e capacidades. Entre estas habilitações destacam-se os conhecimentos subjetivos, entre os quais os interativos, cognitivos e éticos; os conhecimentos profissionais, relacionados com as fontes de informação, organização e classificação e criação e uso de bases de dados; e os conhecimentos pedagógicos, ligados à adaptação dos conteúdos específicos para ações de orientação e instrução. Deve chegar rapidamente ao encontro do que o aluno necessita, através de uma boa comunicação, ser agradável, criativo e responsável, de forma a facilitar o resultado da pesquisa dos estudantes. O seu conhecimento técnico deve ser sólido, estando constantemente informado das obras disponíveis na biblioteca, e deve possuir uma organização técnica e prática, que promova um trabalho

eficiente e que torne a biblioteca preparada para atender às necessidades dos alunos e professores (CORRÊA, 2002; FRAGOSO, 2002).

Ainda em Elisa Corrêa (2002), as funções do bibliotecário escolar podem ser classificadas em três categorias, sendo estas administrativas, educativas e técnicas. Dentro das funções administrativas há a destacar o planeamento e execução do programa da biblioteca, a seleção e supervisão dos profissionais, a integração da biblioteca no programa curricular da escola e a divulgação dos serviços prestados e catálogo bibliográfico junto da comunidade escolar.

No que toca às funções educativas, o bibliotecário escolar deverá ter conhecimento das necessidades e interesses individuais de leitura dos estudantes, planear com os professores diversas formas de integrar a biblioteca com o programa docente da aula, tentar incluir no seu serviço um caráter humano, ocupando-se e mantendo-se a par das necessidades de cada aluno no seu processo de aprendizagem, manter-se informado dos novos métodos e materiais educativos e indicá-los aos professores tendo em vista o enriquecimento do currículo escolar.

Por fim, no que se refere às funções técnicas, o bibliotecário deverá estabelecer os procedimentos para seleção, aquisição, processamento, preparação e empréstimo de materiais, manter uma documentação precisa do material bibliográfico e audiovisual disponível na biblioteca, descartar periodicamente os materiais deteriorados, desgastados e desatualizados e supervisionar a realização das tarefas necessárias para o bom funcionamento da biblioteca (CORRÊA, 2002).

Como menciona Graça Castanho (2007), a escola tem uma responsabilidade grande no desenvolvimento do gosto e das competências em leitura e as bibliotecas devem ser instrumentos dessa ação:

Nisto reside o grande desafio da escola: promover a leitura como um bem essencial ao desenvolvimento global do aluno. Uma melhor utilização pelos alunos e pelos professores das bibliotecas contribuirá inequivocamente para a melhoria da qualidade de vida dos cidadãos. (CASTANHO, 2007, p.3)

Em Portugal, foi lançado, em 1996, pelos Ministérios da Educação e da Cultura, o Programa Rede de Bibliotecas Escolares (PRBE, <http://www.rbe.mec.pt/np4/programa.html>), coordenado pelo Gabinete da Rede de Bibliotecas Escolares (RBE), em articulação com outros serviços do Ministério da Educação, nomeadamente as Direções Regionais da Educação, autarquias, Bibliotecas Públicas Municipais, e outras instituições que prestam serviços na área da educação. Tem como principal objetivo instalar e desenvolver bibliotecas em escolas públicas dos diversos níveis de ensino, disponibilizar aos estudantes e professores os recursos necessários ao suporte da aprendizagem, à leitura e ao acesso, utilização e produção da informação em diversos suportes.

Nos Açores, foi criada em 2014 a Rede Regional de Bibliotecas Escolares (RRBE), coordenada pela Direção Regional da Educação, e que se guia pelos mesmos princípios da rede nacional, isto é, melhorar o desenvolvimento das bibliotecas dos estabelecimentos de ensino da região.

### **3.3. O Plano Regional de Leitura**

O Plano Regional de Leitura (PRL) foi publicado a 6 de junho de 2011 pela Resolução do Conselho do Governo n.º 82. É uma iniciativa criada pelo Governo Regional dos Açores, com o propósito de agregar projetos de promoção de leitura e de formação de leitores competentes, isto é, pretende valorizar o livro e consequentemente a leitura, desenvolvendo ações e estratégias adaptadas às características e necessidades da população açoriana, bem como do sistema educativo da região. Nesta ordem de ideias, privilegia o aumento dos níveis de literacia, de alfabetização funcional, de compreensão vertical da informação escrita e o estímulo das práticas de leitura. Este Plano, de dimensão política, por ser de natureza abrangente, destina-se a toda a população da região, desde a primeira infância até à idade adulta.

Trata-se de um instrumento autónomo, protocolado ao Plano Nacional de Leitura (PNL), através da colaboração entre a Secretaria Regional da Educação e Formação e a Comissão do Plano Nacional de Leitura, no qual se inspirou para estabelecer os seus próprios princípios, sendo o seu principal o desenvolvimento

de competências e práticas de leitura nos Açores. Neste sentido, toma como fator essencial a aquisição de competências de leitura para o sucesso individual e coletivo, enformando um instrumento fulcral para uma cidadania ativa e responsável.

O Plano Regional de Leitura tem como objetivos constituintes (cf. Resolução do Conselho de Governo, n.º 82, 2011):

- a) Construir um ambiente escolar, familiar e social em que o livro e a leitura ocupem um lugar de destaque no imaginário regional;
- b) Valorizar o poder informativo, formativo e simbólico da palavra escrita, contribuindo para a construção de representações afetivas em torno da leitura;
- c) Promover a leitura de autores açorianos e/ou de obras sobre os Açores;
- d) Identificar práticas pedagógicas que estimulem o prazer de ler entre as gerações mais jovens, levando-as a influenciar positivamente outras gerações;
- e) Melhorar e diversificar as condições de acesso ao livro;
- f) Desenvolver programas formativos dirigidos a educadores, bibliotecários e outros mediadores de leitura;
- g) Assumir e ampliar o papel das bibliotecas enquanto núcleos difusores de informação e de cultura, centros de educação continuada e polos de entretenimento onde se estimula a fruição da leitura e o gosto pelo livro.

Em vista a prossecução destes objetivos, este plano assenta em três eixos estratégicos, são eles:

- A Leitura em Contextos de Aprendizagem Formal e Informal, desenvolvida através da:
  - a) Realização de campanhas regionais de valorização da leitura, do livro, da literatura, das bibliotecas e dos autores;
  - b) Concretização de fóruns, congressos, seminários, jornadas e workshops que proponham agendas diversificadas sobre o livro e a leitura;
  - c) Formação de grupos, constituídos por personalidades de referência, para a promoção do livro e da leitura;

- d) Reforço do contacto com o livro e com a leitura;
- e) Criação de projetos de leitura para diversos públicos alvo prioritários, envolvendo professores, alunos, pais, mediadores de leitura, contadores de histórias, autores, editores e livreiros;
- f) Conquista de novos espaços e pontos de leitura não convencionais;
- g) Melhoria e diferenciação das oportunidades de leitura através dos livros digitais e audiolivros, ou de outros suportes;
- h) Divulgação dos autores e das obras recomendadas pela comissão científica do Plano Regional de Leitura;
- i) Reforço das publicações dedicadas ao livro e à valorização da leitura;
- j) Constituição de Clubes de Leitura em todas as unidades orgânicas do sistema educativo regional e da divulgação das atividades que desenvolvem;
- k) Concessão de prémios de reconhecimento a iniciativas de valorização do livro e da leitura;
- l) Reserva intencional, explícita e sistemática de momentos de leitura em sala de aula.
  - As Condições de Acesso ao Livro e à Leitura, por meio do:
    - a) Estabelecimento de parcerias e desenvolvimento de ações concertadas, mobilizando entidades públicas e privadas para a melhoria do acesso ao livro;
    - b) Reforço e consolidação da rede regional de bibliotecas públicas e escolares;
    - c) Atualização dos fundos documentais e bibliográficos das bibliotecas públicas e escolares;
    - d) Distribuição de livros recomendados pelo Plano Nacional de Leitura e pelo Plano Regional de Leitura às bibliotecas escolares;
    - e) Implementação de sistemas integrados de atualização, gestão e circulação de acervos documentais;

f) Incorporação e uso das tecnologias da informação e comunicação no mundo do livro e da leitura;

g) Realização de estudos e indicadores nas áreas do livro e da leitura apurando, nomeadamente, índices de leitura, índices de empréstimos de livros nas bibliotecas, índices de livros adquiridos e divulgando resultados.

- Formação e Atualização de Recursos Humanos, concretizando-se através da:

a) Mobilização dos centros de formação e de outras instituições para ampliar e diversificar a oferta formativa na área da leitura para educadores, professores e outros mediadores de leitura, com recurso aos meios de formação à distância;

b) Disponibilização de recursos, informação e instrumentos sobre as questões da leitura e da literacia, nomeadamente no Portal do Governo dos Açores e no Portal da Educação;

c) Divulgação de programas, iniciativas e instrumentos de apoio à promoção do livro e da leitura.

Este Plano é constituído por uma Comissão Coordenadora, uma Comissão Científica e uma Comissão de Honra.

A Comissão Coordenadora integra representantes da Direção Regional da Educação e Formação ou de outros organismos governamentais que se associem por via de um protocolo de colaboração. Poderá ser auxiliada por bibliotecários, especialistas em Ciências Documentais e docentes do quadro do sistema educativo regional. Compete a este grupo:

a) Planificar e coordenar as atividades necessárias à concretização do Plano Regional de Leitura, nas suas três vertentes estratégicas;

b) Gerir as verbas afetas à sua concretização;

c) Propor protocolos, parcerias e patrocínios, bem como estabelecer os contactos com as várias entidades intervenientes no Plano, como autarquias, organizações profissionais e instituições públicas ou privadas ligadas à

educação e à cultura ou que, no âmbito das atividades que promovem, seja pertinente a divulgação do livro e o incentivo à leitura;

d) Construir instrumentos, recursos e metodologias facilitadoras da abordagem ao livro e à leitura;

e) Disponibilizar instrumentos de avaliação, passíveis de serem utilizados em contexto escolar, que permitam aos docentes dos diferentes níveis de escolaridade monitorizar o desenvolvimento das competências de leitura e de escrita dos seus alunos;

f) Produzir, anualmente, o relatório de atividades do Plano Regional de Leitura.

Quanto à Comissão Científica, esta é formada por três profissionais escolhidos de entre docentes universitários, escritores e professores de Português do ensino básico ou secundário, aos quais compete:

a) Analisar as obras apresentadas para integrar o Plano Regional de Leitura e indicar, anualmente, aquelas que são recomendadas;

b) Definir o público-alvo prioritário de cada obra recomendada;

c) Validar cientificamente os instrumentos e recursos educativos propostos pela Comissão Coordenadora do Plano Regional de Leitura;

d) Propor as iniciativas e os estudos que sejam considerados pertinentes.

A Comissão de Honra é composta por personalidades, de reconhecido mérito, de diversos sectores profissionais. A estes compete:

a) Colaborar nas atividades e campanhas de promoção do livro e da leitura;

b) Colaborar em projetos sociais de leitura;

c) Apresentar testemunhos de leitura;

d) Propiciar encontros com autores;

e) Participar nas atividades programadas sempre que solicitada.

As iniciativas integradas no Plano Regional de Leitura são apresentadas no Portal da Educação, mediante uma rede, devidamente monitorizada e atualizada, de informação regional. A avaliação, divulgação e inventariação destas iniciativas é da responsabilidade da Comissão Coordenadora, que elabora um relatório anual de atividades, divulgado no Portal da Educação, no qual são ponderadas as necessidades de novas parcerias, equacionados os ajustes e as reformulações que se revelarem necessárias.

Legalmente, quanto ao Plano Regional de Leitura, nos termos da alínea d) do n.º 1 do artigo 90.º do Estatuto Político-Administrativo da Região Autónoma dos Açores, aprovada em Conselho do Governo Regional, nas Velas, na ilha de São Jorge, a 23 de maio de 2011, resolveu:

1. Aprovar o Plano Regional de Leitura, constante do anexo à presente Resolução e da qual faz parte integrante;

2. Incumbir a Direção Regional da Educação e Formação da coordenação, acompanhamento e execução das medidas constantes do Plano referido no nº 1, em estreita colaboração com os demais serviços, organismos e organizações não governamentais diretamente envolvidos na sua execução;

3. Determinar que, no processo de coordenação, execução, monitorização e avaliação do Plano Regional de Leitura, seja solicitada a colaboração e o apoio logístico a outros serviços e organismos governamentais, a quem compete prestar a colaboração, o apoio e a informação que lhes for solicitada para a realização das diversas atividades previstas e a realizar;

4. Permitir a colaboração de parceiros, mecenas e patrocinadores, cujo contributo seja considerado fundamental para a criação de um ambiente social que valorize o livro e a leitura;

5. Determinar que a presente resolução entra em vigor no dia seguinte ao da sua publicação.

De modo a terminar este tópico apresenta-se o número de obras que, apesar da sua anual atualização, se encontram inseridas e recomendadas pelo Plano Regional de Leitura de 2018/2019. Para o Pré-Escolar, contam-se dezassete obras, da autoria, nomeadamente, de Natália Almeida, Susana Teles Margarido,

Vânia Leal Oliveira, Teresa Viveiros, Cristina Quental e Mariana Magalhães, no 1º Ciclo, quarenta obras, de, entre outros, Anabela Mimoso, Ângela Furtado-Brum, Luís Rego, Regina Tristão da Cunha e Paula Botelho, no 2º Ciclo, vinte e duas obras, de autores como, Antero de Quental, Manuel Ferraz Cardoso, Mónica Serpa Cabral, Raúl Brandão e Paulo Ramalho, no 3º Ciclo, quarenta obras, por exemplo, da autoria de Armando Côrtes-Rodrigues, João de Melo, Norberto Ávila, Pedro da Silveira e Victor Rui Dores, e, por fim, no Ensino Secundário, cento e oito obras, da autoria de Álamo de Oliveira, José Martins Garcia, Onésimo Teotónio Almeida, Urbano Bettencourt, Vitorino Nemésio, entre outros.

**PARTE II**  
**ESTUDO EMPÍRICO**

## **1. Apresentação do Estudo Empírico**

O século XV assinala o início do povoamento dos Açores. A particularidade do enquadramento geográfico da região propiciou o desenvolvimento de determinadas particularidades no Homem açoriano e no seu modo de vida. A partir do século XIX surgiu um debate, que atualmente se mantém em aberto, em torno das obras literárias de origem açoriana.

Estes debates não fazem menção à Literatura para Crianças, nem à sua existência na região. Daí, como referimos na introdução, partiu uma necessidade de explorar este tópico e abrir uma oportunidade para o florescimento de uma discussão que abarque esta Literatura nos Açores e que esta se reflita na consciencialização e valorização do trabalho literário que já foi produzido e editado nesse contexto.

Com este estudo pretendeu-se, fundamentalmente, analisar o panorama atual da Literatura Açoriana para Crianças, bem como o contributo das bibliotecas públicas e escolares para a sua promoção.

Neste sentido, retomamos aqui os objetivos específicos que apontámos para o nosso trabalho:

- Estimar o volume de obras de Literatura Açoriana para Crianças publicadas entre os anos de 2000 e 2017;
- Identificar os escritores e ilustradores que se dedicam à Literatura Açoriana para Crianças;
- Avaliar a evolução do número de obras de Literatura Açoriana para Crianças publicadas entre os anos de 2000 e 2017;
- Identificar algumas características da Literatura Açoriana para Crianças, nomeadamente: géneros literários representados; grupos etários; relações entre texto e imagem; temáticas
- Identificar se nas temáticas abordadas existe uma predominância de obras com elementos que remetem para o conceito de Açorianidade e quais os elementos mais utilizados.

- Analisar o papel das bibliotecas públicas e escolares açorianas em relação à divulgação das obras de Literatura Açoriana para Crianças, nomeadamente: obras que possuem; atividades de promoção dessas obras.
- Aferir se as bibliotecas públicas e escolares recorrem ao Plano Regional de Leitura para a aquisição de obras açorianas para crianças e jovens, bem como para o desenvolvimento de atividades de promoção de leitura.

## **2. Aspetos metodológicos**

### **2.1. Caracterização do tipo de estudo**

O estudo que desenvolvemos guiou-se por um paradigma misto (quantitativo e qualitativo) e interpretativo. O paradigma investigacional é o quadro que influencia a forma como o conhecimento é estudado e interpretado, e é a sua escolha que determina as intenções, motivações e expectativas face ao estudo realizado (MACKENZIE, 2006).

Este paradigma investigacional pode ser de natureza quantitativa ou qualitativa. O paradigma quantitativo guia-se por um positivismo lógico, dando maior atenção aos fenómenos sociais e não à subjetividade do indivíduo, e emprega maioritariamente métodos quantitativos. É objetivo através de uma medição rigorosa e controlada, numa perspetiva externa aos dados analisados. É orientado para a comprovação e para o resultado, não se baseando na realidade e é confirmatório, inferencial, hipotético-dedutivo e reducionista. Os seus resultados são generalizáveis e fiáveis. Assume uma postura particularista e uma realidade estável. O paradigma qualitativo rege-se pelo fenomenologismo, procurando compreender a conduta humana com origem no próprio indivíduo e emprega maioritariamente métodos qualitativos. É subjetivo através da observação naturalista e sem controlo, numa perspetiva interna aos dados analisados. É orientado para a descoberta e para o processo, baseando-se na realidade. É exploratório, expansionista, indutivo e descritivo, e os seus

resultados são válidos, mas não generalizáveis. Assume uma postura holística e uma realidade dinâmica (FERREIRA & CARMO, 1998).

Quanto ao nível de investigação classifica-se como descritivo, ao pretender explorar e descrever um domínio pouco explorado e com uma fraca base teórica. O grande propósito deste tipo de estudo é descrever o estado de um determinado fenómeno, sem que o investigador possua qualquer controlo sobre as variáveis. (KOTHARI, 2004) A metodologia qualitativa caracteriza-se por uma vertente indutiva, onde os investigadores desenvolvem conceitos e compreendem determinados fenómenos com base em padrões resultantes da recolha de dados, em que a teoria é desenvolvida tendo por base os dados obtidos e a relação entre si. Também é caracterizada por uma componente holística, em que é tida em conta a realidade global, sendo o fenómeno estudado como um todo. Por fim, a vertente naturalista, em que os dados são provenientes de situações naturais, tentando os investigadores minimizar ou controlar os efeitos que provocam nos sujeitos de investigação. (FERREIRA & CARMO, 1998)

Avançámos assim com um estudo multifacetado e pluridisciplinar. Por um lado, utilizámos métodos próprios da análise literária, ao procurar identificar temas e características dos livros para crianças que possam integrar-se numa Literatura Açoriana para Crianças. Complementarmente, e pretendendo-se responder aos dois últimos objetivos do estudo, efetuou-se uma recolha de dados através da aplicação de questionários às bibliotecas públicas e escolares da Região Autónoma dos Açores. Para os fins pretendidos, considerou-se que este instrumento seria o mais adequado ao possibilitar uma sistematização mais clara dos elementos que procurávamos identificar e analisar.

Entende-se o inquérito como o conjunto de atos e diligências destinadas a apurar alguma coisa, ou seja, é um processo que tenta descobrir algo de forma sistemática. Em Ciências Sociais este termo é utilizado para designar processos de recolha sistematizada de dados passíveis de serem comparados. Os inquéritos podem ser categorizados de acordo com dois componentes, sendo estes o grau de diretividade das perguntas e a presença/ausência do investigador no ato da inquirição. Desta forma, os inquéritos podem ser

realizados por entrevista, em que o investigador está presente no ato da inquirição, ou por questionário, em que o investigador está ausente.

A estruturação do inquérito tem em conta a fase em que se encontra o estudo. O inquérito por questionário, aqui utilizado, caracteriza-se primordialmente pelo facto do investigador e do inquirido não interagirem em situação presencial. Assim, a elaboração e a administração de um inquérito por questionário devem ter em conta esta interação indireta. Uma vez que no momento da inquirição não há hipótese de o inquirido esclarecer qualquer tipo de dúvidas com o investigador, o sistema de perguntas deve ser bem organizado, coerente e lógico para quem responde.

No questionário utilizado recorreu-se a dois tipos de perguntas. As perguntas de identificação permitem identificar o inquirido e as perguntas de informação que têm por objetivo colher os dados pretendidos (FERREIRA & CARMO, 1998).

## **2.2. Desenho do Estudo**

Para o desenvolvimento do nosso estudo seguimos um conjunto de procedimentos com vista a atingir os objetivos visados. Em primeiro lugar fez-se um levantamento das bibliotecas públicas e escolares presentes nos Açores. Depois de se obter a listagem pretendida, procedeu-se à elaboração e envio dos inquéritos às mesmas, de forma a obter dados que possibilitassem responder às questões-problema levantadas. Os dados obtidos foram analisados e permitiram estabelecer um quadro relativo à ação das bibliotecas no que se refere à promoção da Literatura Açoriana para crianças (cf. Capítulo 4).

Através das respostas obtidas nos inquéritos obteve-se igualmente uma listagem das obras de Literatura Açoriana para crianças e realizou-se uma análise dessas mesmas obras de acordo com os critérios que abaixo são descritos.

O desenho do estudo encontra-se esquematizado na figura 3.

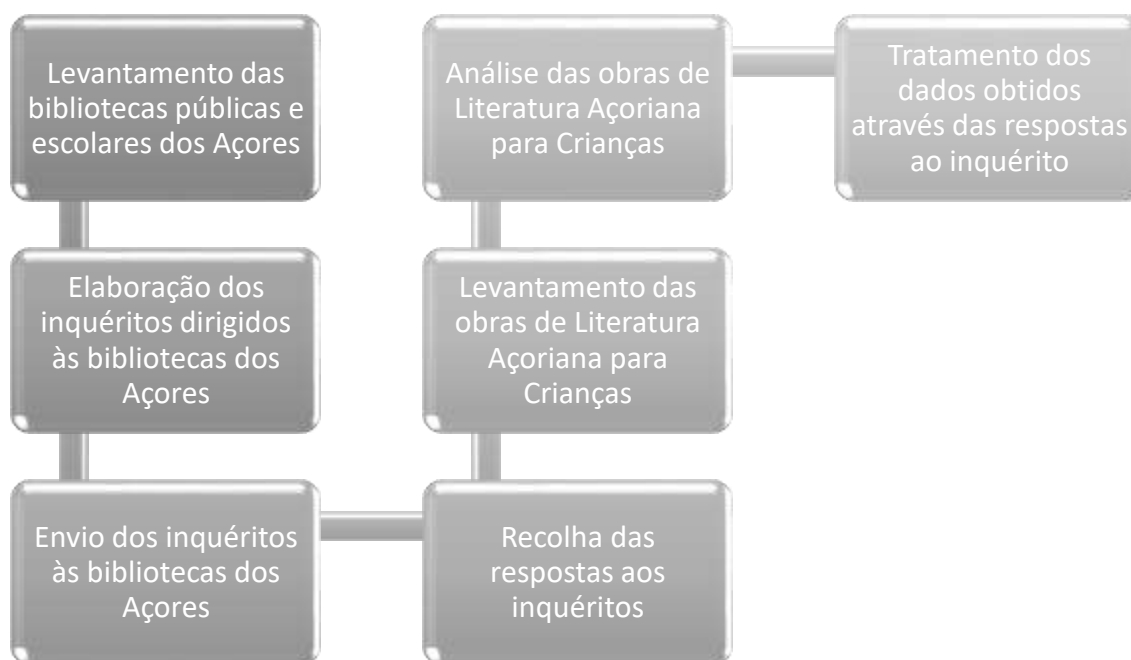


Figura 3: Desenho de estudo.

## 2.3. Procedimentos

### 2.3.1. Levantamento das Bibliotecas Públicas e Escolares dos Açores

A listagem de todas as bibliotecas públicas e escolares dos Açores foi obtida através da informação disponibilizada pela página *web* do Governo dos Açores, em particular da Direção Regional da Educação, bem como o correio eletrónico e contato telefónico correspondente a cada biblioteca. De forma a verificar a correção do correio eletrónico de cada biblioteca pública e escolar, estas foram contactadas por telefone, anteriormente ao envio do inquérito. A listagem final compreende trinta bibliotecas escolares (Apêndice II) e vinte bibliotecas públicas (Apêndice III) dos Açores.

### **2.3.2. Elaboração e aplicação dos Inquéritos dirigidos às Bibliotecas dos Açores**

Foram elaborados dois inquéritos em formato *Word*, um dirigido às bibliotecas públicas, e outro às bibliotecas escolares, enviados para resposta por meio de correio eletrónico. O inquérito deveria ser respondido pelo coordenador da biblioteca em questão, no entanto este poderia delegar a tarefa a quem considerasse mais adequado responder.

O inquérito dirigido às bibliotecas públicas é composto por quinze perguntas, das quais oito são de resposta fechada e sete de resposta aberta (Apêndice IV). O inquérito dirigido às bibliotecas escolares é composto por onze perguntas, das quais cinco são de resposta fechada e seis de resposta aberta (Apêndice V).

Foi concedido às bibliotecas um prazo de resposta aos inquéritos até final de dezembro de 2018, posteriormente alargado até final de fevereiro de 2019.

Os dados recolhidos estão descritos e analisados no capítulo 4. Foi realizada uma análise descritiva e os dados são apresentados por meio de gráficos de barras.

### **2.3.3. Levantamento das Obras de Literatura Açoriana para Crianças**

Para se proceder ao levantamento das obras de Literatura Açoriana para Crianças recorreu-se às obras nomeadas pelas bibliotecas em resposta ao inquérito, bem como às obras inseridas no Plano Regional de Leitura. Estas obras, após análise das mesmas e da biografia do(s) autor(es), foram incluídas na listagem final de obras de Literatura Açoriana para Crianças (Apêndice I), caso cumprissem os critérios para serem consideradas Literatura Açoriana, destinassem-se a crianças até aos doze anos e tivessem sido publicadas entre os anos 2000 e 2017.

As obras incluídas na listagem foram analisadas (cf. Capítulo 3) tendo em conta diversos parâmetros, sendo estes o autor, ilustrador, ano de edição, grupo etário a que se destina, de acordo com a classificação de Juan Cervera (1991); género

literário, temáticas abordadas, relação entre texto e imagem, segundo a classificação de Denise Agosto (1999); e presença de elementos que remetem para a Açorianidade. De forma a obter estes mesmos dados foi elaborada e preenchida uma ficha de análise para cada obra (Apêndice VI).

### **3. Literatura Açoriana para Crianças**

#### **3.1. Uma proposta de definição**

Antes de passarmos para aquilo que poderá ser encarado como uma sugestão de definição do termo Literatura Açoriana para Crianças, é importante deixar referido que a escolha deste termo se deve ao facto de não haver nenhum já estabelecido ou aludido na Literatura que englobasse o conjunto de livros a que aqui nos referimos. Até ser encontrado um termo que melhor identificasse essas obras foi pensado na possibilidade de se designar por Literatura Infantil Açoriana, Literatura para Crianças de Autoria Açoriana ou ainda Literatura de Identidade Açoriana para Crianças.

Considera-se, assim, por Literatura Açoriana para Crianças todas as obras de autores que nasceram e viveram nos Açores e autores que nasceram fora dos Açores, mas aí viveram desde tenra idade, recebendo, ao longo do seu crescimento, todas as influências culturais e sociais típicas desta região. Nesta definição não tomamos em consideração a origem do ilustrador, uma vez que apenas contemplamos a porção textual para seleção.

Conscientes de que esta poderá não ser a mais justa definição, por pecar principalmente por ser redutora na amplitude das diversas variantes que condicionam esta classificação, seguidamente iremos expor um leque de questões que foram surgindo e se avolumando em torno desta definição.

Uma das questões que merece alguma atenção está relacionada com autores que viveram maior parte da sua vida fora dos Açores, mas que posteriormente neles residiram e editaram obras literárias. Esta obra poderá ser considerada como Literatura Açoriana para Crianças? Nesta questão assalta-nos à ideia que as influências são recebidas na fase da infância e, que de modo consciente ou inconsciente, estas influências refletem-se na escrita. Se assim é, a que Literatura pertence essa obra? Por exemplo, o escritor José Saramago, apesar de ter vivido em Espanha, as suas obras continuaram a pertencer à Literatura Portuguesa. Neste sentido, se houvesse um autor que, apesar de viver nos Açores, mas que tivesse nascido e crescido no Brasil, as suas obras continuariam a pertencer à Literatura Brasileira, uma vez que mantinham as características dessa mesma Literatura.

Sobre as obras de viagem, surge outra dúvida de classificação. Se um autor italiano viajar até aos Açores e neles se inspirar para a escrita de uma obra literária, fará dela pertença da Literatura Açoriana para Crianças ou Literatura Italiana para Crianças? Caso incluíssemos obras desta natureza, então estaríamos a afirmar que, se um autor açoriano viajar até à Rússia e nela se inspirar para escrever um livro, isso quererá dizer que essa mesma obra irá pertencer à Literatura Russa para Crianças?

Focadas nos autores e também nos ilustradores, outras questões ganharam forma. Se o autor for açoriano e o ilustrador de Portugal continental, a que Literatura pertence esta obra? Deverá ser considerada por Literatura Açoriana para Crianças ou Literatura Portuguesa para Crianças? E se a situação se inverter, a questão mantém-se.

Nesta ordem de ideias, surge a dúvida sobre as obras com vários autores. Se um dos autores for açoriano e outro de Portugal continental ou de outra nacionalidade, a que Literatura pertence esta obra? É do nosso entender que, neste caso, a obra seria pertença tanto da Literatura Açoriana para Crianças, como também da Literatura da nacionalidade a que pertencesse o coautor.

Em obras biográficas, novas dúvidas se apresentam. A que Literatura pertence um livro, por exemplo, de autor inglês que relata a vida de um açoriano ilustre?

E se a autoria for açoriana e a obra fizer referência a um inglês ilustre, a que Literatura pertence a obra?

Numa apreciação global, acreditamos que o facto de uma obra recorrer à temática açoriana, não é critério, por si só, de inclusão na Literatura Açoriana para Crianças. São obras que se debruçam sobre a temática dos Açores, como poderiam debruçar-se sobre outras temáticas quaisquer, nomeadamente animais, escola, alienígenas, entre outras. Por outras palavras, o autor apesar de recorrer ou não à temática açoriana irá escrever sempre conforme as influências do meio onde nasceu e cresceu.

Ainda em relação à temática, ao aceitarmos que a Literatura Açoriana para Crianças é aquela que aborda unicamente o tema Açores, estaríamos a cingir o desenvolvimento da criatividade literária e objetivo destes livros em dois sentidos. Num sentido, estaríamos a limitar os autores, primeiramente a sua escrita, já canalizada para um determinado público, neste caso o infantil, e ainda estaria reduzida à escolha de tema. Noutra sentido, poderíamos conduzir o leitor infantil a uma saturação de livros com a mesma temática, o que poderia resultar numa desmotivação de criação de hábitos de leitura ou então à necessidade de recorrer e valorizar obras não açorianas.

Para além de a criança necessitar de conhecer as suas origens e tudo o que a rodeia, necessita, de igual forma, de alargar os horizontes do seu conhecimento em relação ao mundo real e fantasioso, através de diversos temas. Se a temática açoriana fosse decisiva para a seleção de obras na Literatura Açoriana para Crianças, então poderíamos concluir que a Literatura Açoriana é a que aborda a temática Açores, que a Literatura Francesa é a que aborda a temática França, que a Literatura Australiana é a que aborda a temática Austrália e assim sucessivamente.

Defendemos que o que faz destas obras poderem ser consideradas como pertencentes à Literatura Açoriana para Crianças é a essência que elas possuem. Um escritor pode ir até onde a imaginação lhe permitir, que ainda assim não se irá separar de si, das suas vivências, da sua cultura, de todos os fatores externos que o envolvem e que o constroem. Seja de forma explícita ou

subentendida, a sua escrita será sempre uma escrita de raiz açoriana pela influência do meio que o escritor recebeu.

Em jeito de conclusão, aqui é defendido que o que faz de uma obra ser açoriana e pertença desta mesma Literatura é a essência que esta carrega por lhe ter sido deixada por herança do seu autor. Como se trata de uma região autónoma, existe um contexto geográfico, político, económico, social, histórico e cultural, com as suas próprias especificidades e distinto do contexto continental. Todos estes fatores influenciam a forma de ser, de estar, de sentir e, até mesmo, o modo de escrever.

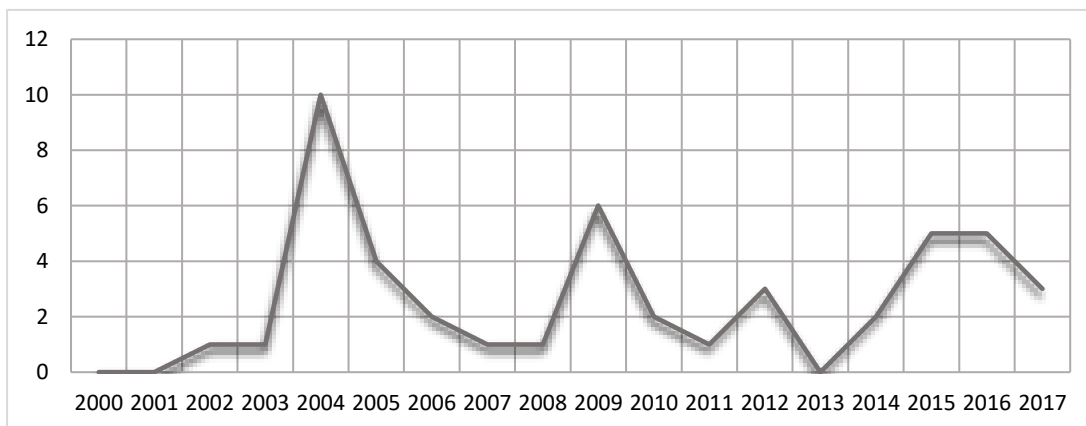
### **3.2. Análise do panorama atual da Literatura Açoriana para Crianças**

A análise do panorama atual da Literatura Açoriana para Crianças foi realizada a partir do estudo das obras de Literatura Açoriana para Crianças, publicadas entre os anos de 2000 e 2017. Para estabelecer esta panorâmica teve-se em conta a quantidade de livros que foram editados nos diferentes anos e a sua evolução ao longo deste período, o conhecimento dos autores e ilustradores que se têm dedicado à escrita infantil, qual o grupo etário com maior número de livros destinados, géneros mais difundidos, temáticas abordadas, relação entre texto e ilustração e, por fim, se existe uma predominância de obras que referem elementos que nos remetem para açorianidade e quais os mais utilizados.

Das obras analisadas, foram consideradas para este trabalho quarenta e sete obras para crianças. Os títulos destas obras encontram-se enumerados no apêndice I.

Quanto ao ano de publicação dos livros, no ano de 2000, 2001 e 2013 verificaram-se zero obras publicadas, no ano de 2002, 2003, 2007, 2008 e 2011 uma obra publicada, no ano de 2006, 2010 e 2014 duas obras publicadas, no ano de 2012 e 2017 três obras publicadas, no ano de 2005 quatro obras publicadas, no ano de 2015 e 2016 cinco obras publicadas, no ano de 2009 seis obras publicadas e no ano de 2004 dez obras publicadas. No gráfico 1 encontra-se representado o número de obras publicadas.

Gráfico 1: Obras de Literatura Açoriana para crianças publicadas entre os anos de 2000 e 2017.



Ao longo de dezassete anos a evolução, no que respeita à edição, não foi linear. Identificou-se uma irregularidade acentuada, com anos em que houve maior produtividade do que outros. Este facto não nos permite afirmar que a Literatura Açoriana para Crianças se encontra em caminho de ascensão. Por esse motivo, é imprevisível saber-se se nos próximos anos haverá alguma regularidade no que respeita ao volume de edições futuras.

Os autores, naturais dos Açores, que mais têm contribuído para a panorâmica atual da Literatura Açoriana para Crianças são os seguintes: Regina Tristão da Cunha, José Jorge de Melo, André Caetano de Matos, Mafalda Moniz, Filipe Lopes, Carla Goulart Silva, Natália de Almeida, Susana Teles Margarido, Néilson Soares, Vânia Leal Oliveira, Ana Isabel Ferreira, Isabel Pita e Almeida, Maria da Graça Castanho, Rita Bonança, Sónia Sousa, Rúben Correia, Sónia Nicolau, Sónia Pimentel, Sandra de Sousa Bairos, Paula Botelho, Mariana Cymbron, Ângela Furtado-Brum, Ana Rosa Costa, Corália Furtado, Fátima Sequeira Contente, Manuela Vaz de Medeiros, Margarida Enes, Maria do Carmo Correia.

Na sequência do contributo prestado à panorâmica da Literatura Açoriana para Crianças, e não tendo em linha de conta a sua naturalidade, referem-se os seguintes ilustradores que estão associados aos autores, acima referidos, pela sua complementaridade de imagem ao texto: Mafalda Pacheco Melo, Joana Cantante, Laura Branco, Regina Tristão da Cunha, Bernardo Carvalho, Vanessa Branco, Fedra Santos, Sandra Serra, Abigail Ascenso, Joana Dias, A. Henrique Pires Toste, Marília Ascenso, Maria Manuel Arruda, Elisabete Ross, Bárbara

Jasmins, Frédéric Duhamel, Aurélio Mesquita, Carol Roman, Michael Hudec, Paula Rocha, Urbano, Sandra Pinheiro, Sofia Carolina Botelho, Luís Roque, Ana do Rego Oliveira, Rui Costa e Fátima Madruga.

Após a análise das quarenta e sete obras foi possível verificar que todas elas são dedicadas ao grupo etário compreendido entre os sete e os doze anos. O facto de todas as obras serem dedicadas a crianças mais crescidas prende-se com as temáticas abordadas. A maioria delas remete para assuntos sociais de importante relevo, nomeadamente o ambiente, valores morais e éticos, a família, a saúde, igualdade de género e direitos, violência doméstica e estereótipos, que nem sempre podem ser explicados à criança de uma forma breve e subtil.

Assim, surge uma necessidade de construir uma ideia em torno de assuntos, muitas vezes tabu na sociedade, por estarem diretamente relacionados com o campo psicológico e emocional da criança. No que respeita a outras obras que não abordam estas temáticas e que se dedicam unicamente à fantasia, através da exploração dos temas animais, amor, Natal ou música, poderá entender-se que os autores se dedicaram a um grupo etário de crianças com um grau satisfatório de autonomia na leitura. Neste sentido, a promoção da leitura faz-se por meio do cativar a criança numa leitura que se aconselha fazer de modo faseado, levando gradualmente a criança ao desfecho da história, como também ao seu gradual enriquecimento intelectual.

Numa análise aos géneros das obras estudadas, vinte e uma pertencem ao género de livros não-ficcionais narrativos, onze ao género da fantasia moderna, seis ao género do realismo contemporâneo, quatro ao género dramático e dois ao género da literatura tradicional.

Neste ponto, o facto de existir maior número de livros que se enquadram no género livros não-ficcionais narrativos, mais propriamente em livros informativos, deve-se ao facto de os autores açorianos ainda encararem as obras literárias dedicadas às crianças mais como um recurso didático que propriamente como fonte de prazer. Assim, vemos histórias que abarcam assuntos de cultura geral, que são transmitidos por meio de uma narrativa expositiva, em que as personagens dialogam umas com as outras, partilhando conhecimentos. Como

reforço desta ideia, muitos destes livros vêm acompanhados de uma componente prática sugerida.

A fantasia moderna assegura o segundo lugar dos géneros mais editados e acredita-se que se deva ao facto de ser um dos géneros mais difundidos na Literatura para Crianças em geral. O realismo contemporâneo encontra-se em número considerável, uma vez que este é o género que melhor se enquadra para a transmissão de mensagens que vão diretamente ao encontro das questões sociais que surgem no meio familiar e com fundo verídico.

Surpreendentemente, sendo o género dramático o menos editado da Literatura para Crianças, aqui encontra-se com número significativo, tendo em conta a percentagem total de obras. Acredita-se que, no sentido de uma perspetiva pedagógica dos livros, o texto dramático surge no seguimento dos objetivos pretendidos pelos livros informativos. Por outras palavras, tanto o texto dramático, como o livro informativo, possuem uma forte componente pedagógica, nomeadamente o dramático quando posto em prática pelas crianças. Por fim, a literatura tradicional está minoritariamente representada nestas obras. Deduz-se que seja resultado da geração dos autores responsáveis pelas mesmas.

No que respeita às temáticas abordadas, foram identificadas diferentes áreas que agrupámos nas categorias seguintes, com indicação de obras ilustrativas:

- História e património dos Açores, como a coleção *Kathy nos Açores*;
- Geologia, como *Um Safari Geológico em Santa Maria*;
- Expressão de sentimentos, amor, como em *A Lenda da Maria Encantada*;
- Crença em mundos fantásticos, como em *Os Sonhos de Inês*;
- Ambiente, reciclagem, como *A Aventura do Delfim* ou *A Arte de Reciclar*;
- Animais, como o livro *Aprende com a Maria Inês a tratar do teu cão*;
- Valores morais e éticos, como *Bixidi e Bixidó... Com o fantasma e outras peças*;
- Família, como o livro *O Menino Perdido*;
- Igualdade de género e direitos, como *Diferentes = Iguais em Direitos... Demonstra!*, incluindo uma obra sobre violência doméstica: *Diário do Meu Segredo*;

- Tradições, como o livro *Quadros com histórias*,
- Biografias, como *O Menino Músico: Francisco Lacerda*;
- Estereótipos, abordando, por exemplo, o preconceito relacionado com as cores e brinquedos direcionados para o género masculino e feminino, como *Pipi e Popó: apenas para quem educa!*;
- Saúde, como *O Bigode Picante do Avô Roberto*;
- Festividades, como preponderância regional ou mais global: como exemplos temos os livros *É Carnaval e ninguém leva a mal, pá!*, ou *O Natal Encantado*;
- Aventuras e situações absurdas, como a coleção *Contos e encantos das crianças marienses*.

As temáticas mais desenvolvidas são as de História e património dos Açores e saúde. Este resultado vem no seguimento da ideia anteriormente apresentada no que respeita aos livros informativos, preocupados com a educação das crianças, conhecimento do meio onde estão inseridas e o inculcar nelas o princípio do cuidado físico.

Seguidamente a estes, foi verificada uma maior predominância das temáticas sociais, no que respeita ao ambiente, aos valores morais e éticos, à igualdade de género e direitos e à violência doméstica. Medianamente, nesta listagem, encontra-se a temática do Natal e das festividades típicas dos Açores. As restantes temáticas estão presentes em livros menos informativos e mais fantasiosos.

Recorremos à teoria de Denise Agosto, que aborda a relação entre o texto e a imagem, na classificação das obras a este nível. Para Agosto, esta relação pode ser paralela ou interdependente. Todas as obras aqui analisadas apresentaram uma relação textual paralela à ilustração. Pensamos que esta realidade se deva ao facto de este conjunto de livros que classificamos como Literatura Açoriana para Crianças se encontrar ainda numa fase embrionária. Ou seja, as ilustrações adquirem somente um papel de complementaridade ao texto, sem expandi-lo ou adquirir uma narrativa própria. Assim, depreende-se que o ilustrador ainda não assume um papel igualitário com o autor.

Na análise realizada procurámos igualmente identificar a presença de elementos que nos reportassem para a açorianidade nas obras infantis. Do conjunto de livros, consideramos que vinte e cinco livros apresentam esses mesmos elementos, e dezanove não apresentam essas características.

Os livros que se revestem destes traços fazem referência à atividade vulcânica, a nomes tipicamente açorianos das personagens, a ilhas, à abundância de verde, às lagoas, aos golfinhos e outras espécies marinhas dos mares açorianos, aos cagarros, ao Oceano Atlântico, às pastagens divididas com pedras vulcânicas e hortênsias, às vacas, aos caminhos de terra batida, à areia negra das praias, às gaivotas, à gastronomia açoriano, ao típico Carnaval açoriano, às Festas do Senhor Santo Cristo dos Milagres, à saudade, às baleias, ao mar, ao hino e bandeira açorianas e às expressões tipicamente açorianas.

Neste ponto, deparamo-nos com a presença destes elementos, por um lado, pelas histórias falarem diretamente dos Açores, nomeadamente *Ilha à Vista*, *Vamos à Festa do Senhor Santo Cristo, pá!*, *Pombóis à descoberta*, *Viagem do Pai Natal aos Açores* e *A História do Zeca Garro*. Deste modo, é incontornável a presença desses elementos e, por outro lado, a inspiração para a escrita é o meio que rodeia o escritor, como também o resultado das influências recebidas por este ao longo do seu crescimento e vivência nesta região.

Tendo por base todos os fatores aqui apresentados, e no sentido de se construir a panorâmica deste conjunto de obras literárias para crianças, é possível dividi-las em três grandes grupos.

- Um primeiro grupo engloba as obras que, sem dúvida, contribuem para dar a conhecer à criança o meio que a rodeia, bem como a sociedade e a cultura onde está inserida, nomeadamente a coleção *Kathy nos Açores* ou *Um Safari Geológico em Santa Maria*.
- Um segundo grupo remete para as obras que nos falam de assuntos diretamente relacionados com a saúde e o bem-estar da criança. Embora não disfrutem de uma ambiência fantasiosa que alimente a criatividade e a imaginação da criança, contribuem para uma forma de orientação para o que ela deverá fazer na sua rotina diária, como por exemplo, *A Curiosidade do Frederico* e *O Coração de Luana*.

- Um terceiro grupo é constituído por obras que possuem uma fantasia peculiar açoriana, na medida em que disfrutam de uma essência que permite à criança não só envolver-se em fantasia, como também sentir a presença das suas raízes. Nestes casos, existe a presença de uma dualidade que está interligada entre a fantasia que poderá ser comum a qualquer Literatura para Crianças e a presença da essência do ser-se açoriano, não visível, nem subentendida, mas sentida. Nesta ordem de ideias, é este último aspeto que faz as obras da Literatura Açoriana para Crianças distinguirem-se das demais, como os livros *Quando for grande quero ser pai!* ou *Sou diferente, sou fantástico*.

Para melhor se compreender esta essência tipicamente do livro açoriano, seguidamente apresenta-se uma imagem representativa da ideia aqui enunciada.

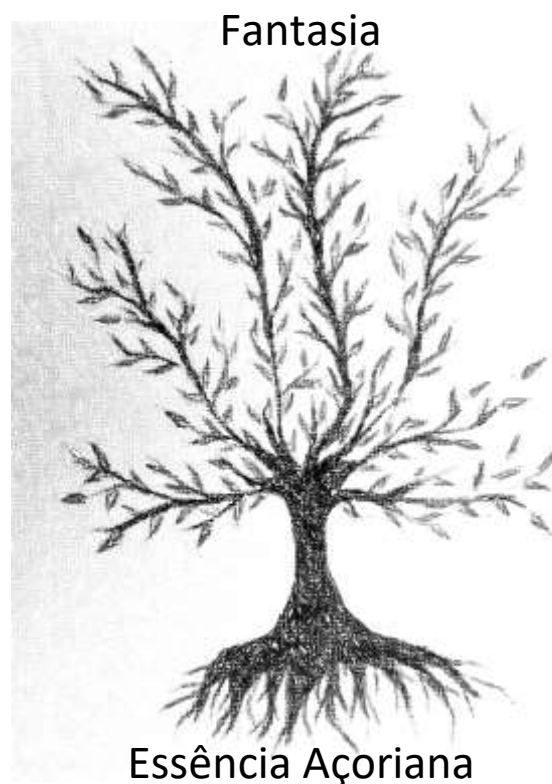


Figura 4: Árvore representativa da Literatura Açoriana para Crianças (autoria nossa)

Na figura acima fazemos uma analogia da Literatura Açoriana para Crianças, principalmente focada no autor como sendo a árvore, onde a porção inferior desta representa o enraizamento do mesmo na açorianidade que lhe é conferida desde o nascimento e durante a sua vivência ilhéu, estando essa realidade sempre subjacente na sua escrita. Apesar do autor recorrer aos traços da fantasia universal, a sua essência açoriana incute nas suas obras a particularidade inerente a esta realidade literária, seja de forma explícita ou não. Cada folha representa uma das suas obras, estando estas sempre suportadas por um galho que se alimenta de um tronco comum.

#### **4. Contributo das bibliotecas públicas e escolares para a promoção da Literatura Açoriana para Crianças**

Das cinquenta bibliotecas a que foram enviados os inquéritos, trinta escolares e vinte públicas, trinta e três responderam, sendo destas, dezasseis (16) públicas e dezassete (17) escolares. Verificou-se assim uma taxa de resposta global de

66% e uma taxa de resposta de 56,6% das bibliotecas escolares e de 80% das bibliotecas públicas. Todos os dados apresentados de seguida representam as respostas facultadas pelas bibliotecas às perguntas do inquérito.

Em relação às bibliotecas públicas, quando questionadas acerca da existência de um espaço ou sala dedicado ao público infantojuvenil, quinze responderam afirmativamente (gráfico 2).

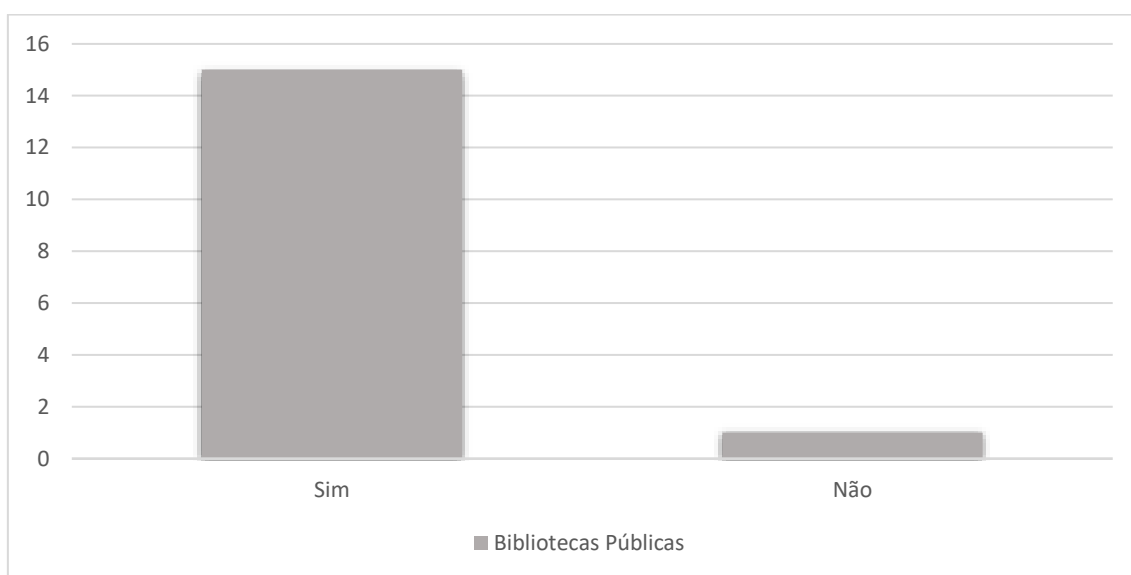


Gráfico 2: Na biblioteca existe um espaço/sala infantojuvenil?

Das bibliotecas públicas que responderam afirmativamente, nove têm animadores ou responsáveis específicos pela dinamização desses espaços, enquanto oito bibliotecas não possuem responsáveis específicos, na medida em que são os próprios bibliotecários que realizam as atividades desenvolvidas pela biblioteca e dirigidas a este público (gráfico 3).

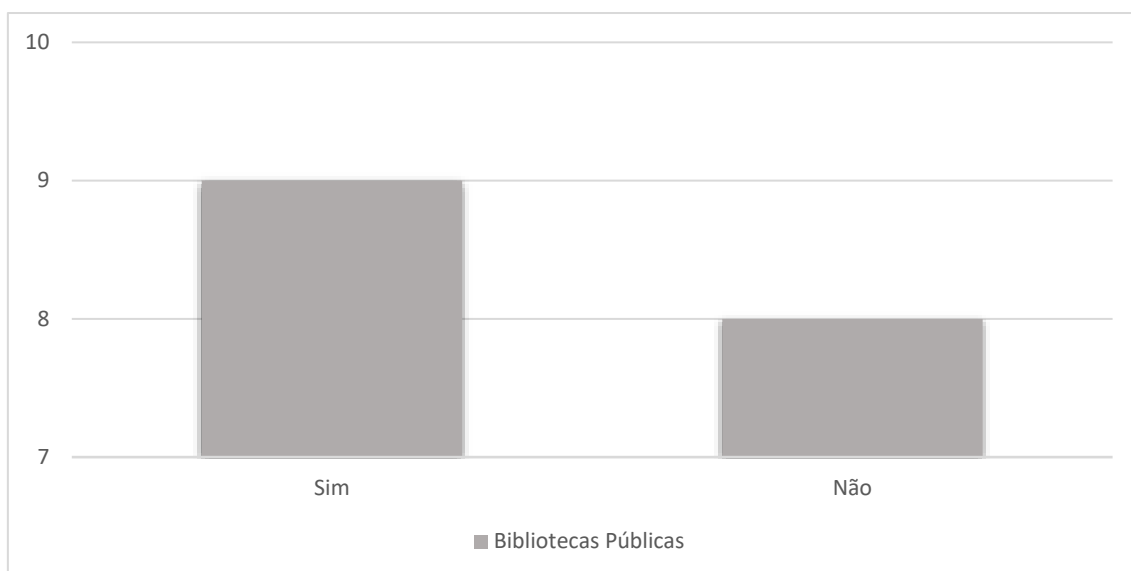


Gráfico 3: O espaço/sala tem animadores ou responsáveis específicos?

A totalidade das bibliotecas, tanto públicas como escolares, quando questionadas acerca da posse de livros de Literatura Açoriana para Crianças, respondeu afirmativamente. Destas, oito responderam que estas obras se encontram separadas das restantes, vinte e quatro responderam que não se encontram, e uma das bibliotecas não respondeu a esta questão (gráfico 4).

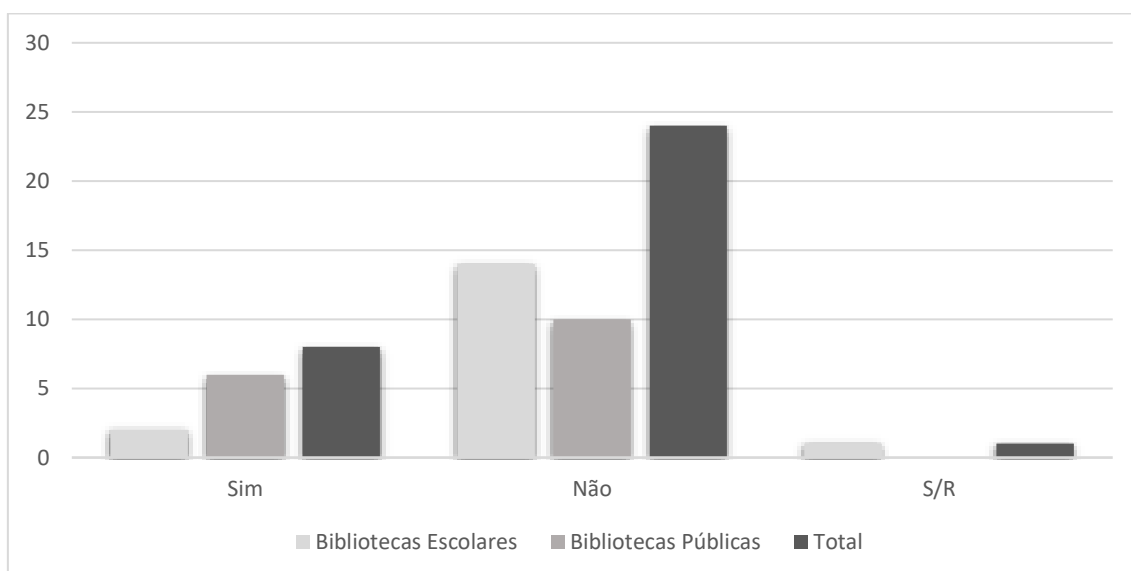


Gráfico 4: Os livros de Literatura Açoriana para Crianças encontram-se separados das restantes obras?

Perante a questão em relação à realização de iniciativas para a promoção de obras de Literatura Açoriana para Crianças, da responsabilidade das bibliotecas, das públicas, nove responderam negativamente e sete responderam afirmativamente. Das escolares, quatro responderam negativamente e treze responderam afirmativamente (gráfico 5).

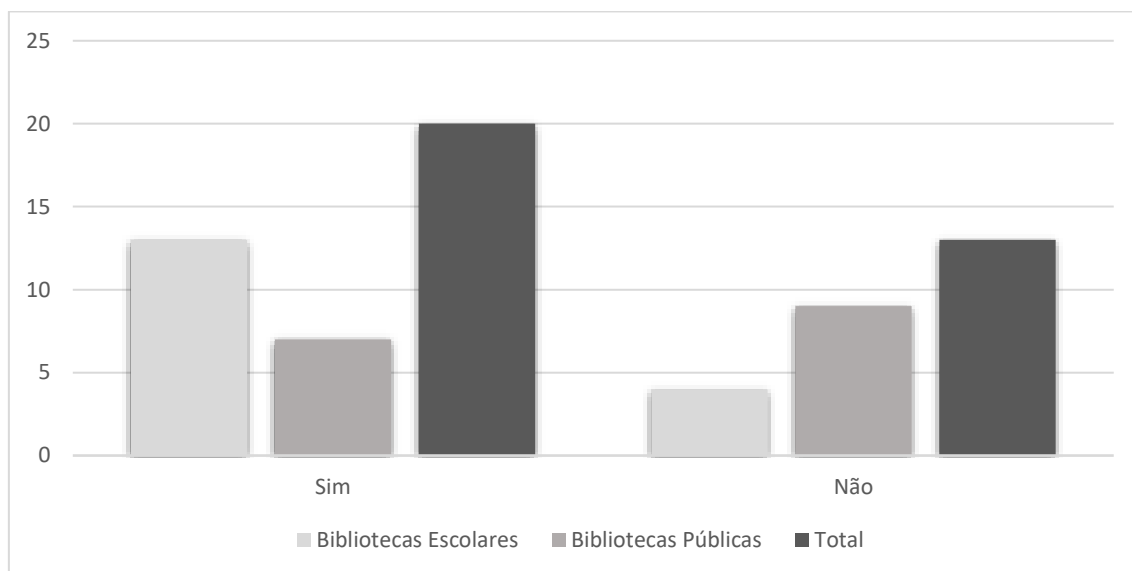


Gráfico 5: A biblioteca realiza iniciativas para a promoção de obras de Literatura Açoriana para Crianças?

Das bibliotecas que responderam afirmativamente, dez realizam essa promoção através de horas do conto, oito através de oficinas de leitura e escrita, seis por meio de encontros com escritores, cinco recorrendo à exposição de obras e três na participação no Projeto Ler+. Outras formas apontadas para a promoção foram exploração das obras, leitura em voz alta, semana da leitura, sessões para bebés, apresentação de livros, dramatização de peças, concursos literários, meios de comunicação, celebração de dias temáticos e clubes de leitura (gráfico 6).

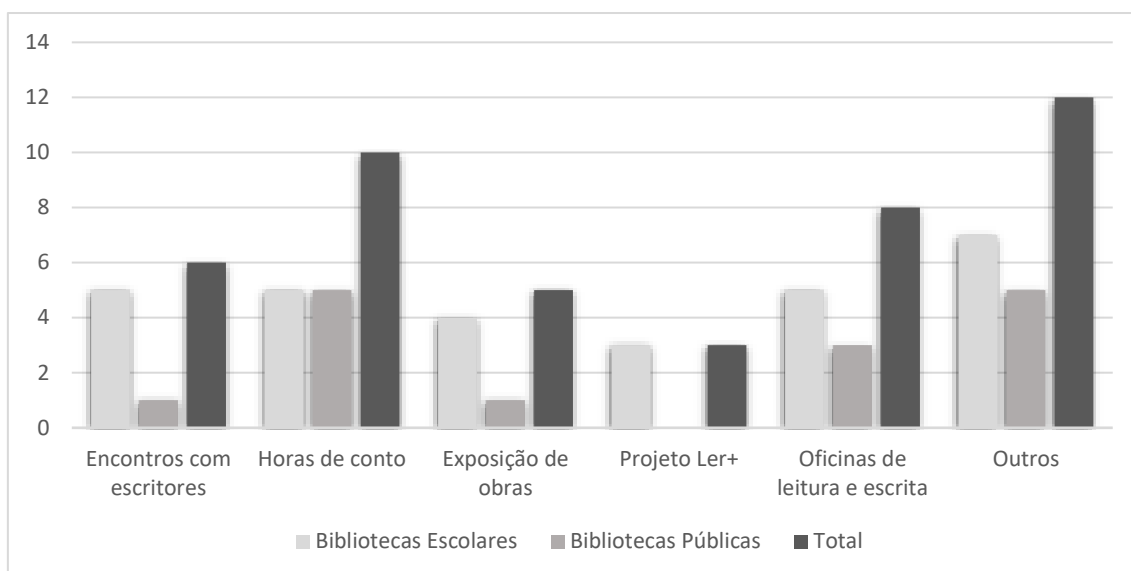


Gráfico 6: Quais as iniciativas realizadas pela biblioteca para a promoção de obras de Literatura Açoriana para Crianças?

Quanto à frequência com que estas iniciativas são realizadas, sete bibliotecas responderam que as realiza com frequência, seis de forma variável, duas uma vez por ano e cinco responderam outras opções, como mensalmente e semanalmente (gráfico 7).

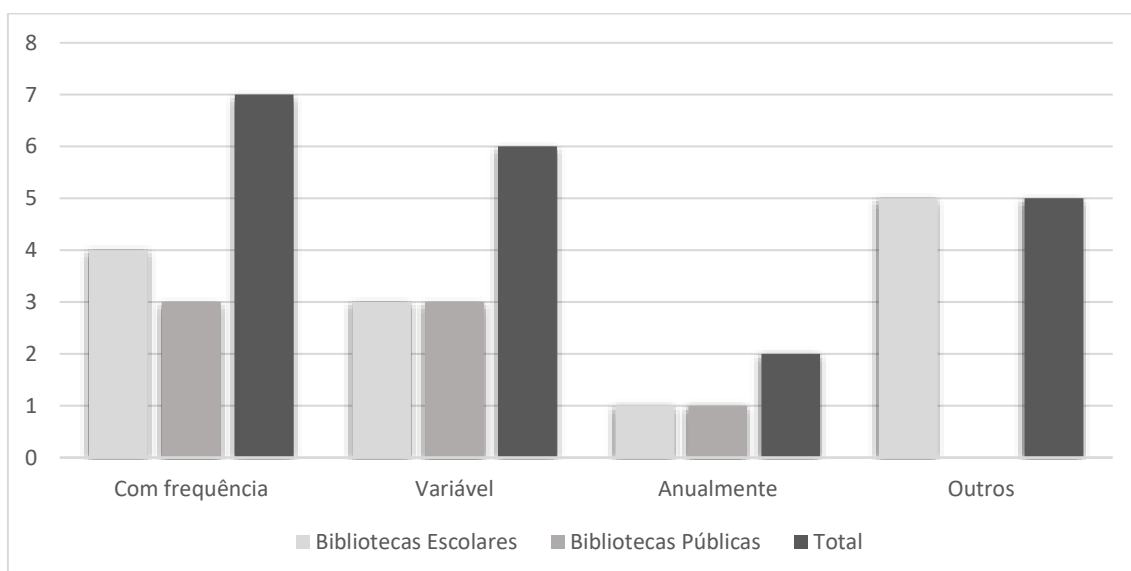
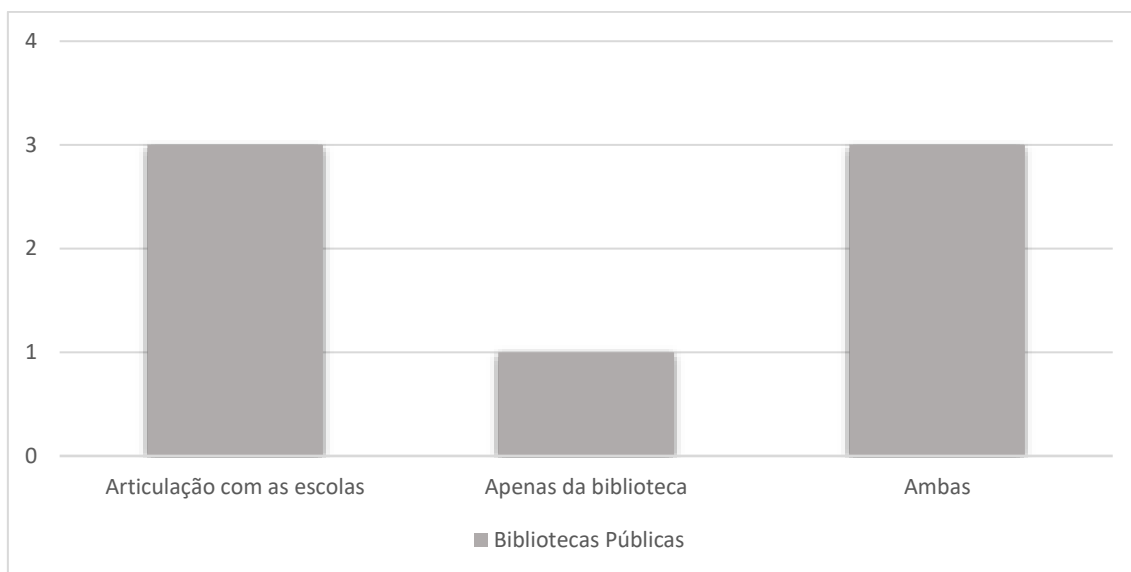


Gráfico 7: Qual a frequência das iniciativas de promoção de obras de Literatura Açoriana para Crianças?

Quando questionadas acerca da existência de uma articulação com as escolas para o desenvolvimento dessas iniciativas de promoção da leitura de obras de Literatura Açoriana para Crianças, três bibliotecas públicas responderam que existe uma articulação, uma respondeu que é da exclusiva responsabilidade da biblioteca e três responderam que algumas iniciativas são realizadas em articulação, enquanto outras são da exclusiva responsabilidade da biblioteca (gráfico 8).



*Gráfico 8: As iniciativas são da exclusiva responsabilidade da biblioteca ou há articulação com as escolas?*

Para quatro bibliotecas públicas esta articulação processa-se através da divulgação de projetos pontuais junto das escolas e duas fazem-no recorrendo a projetos de continuidade. As feiras do livro e atividades escolares foram outras respostas facultadas pelas bibliotecas (gráfico 9).

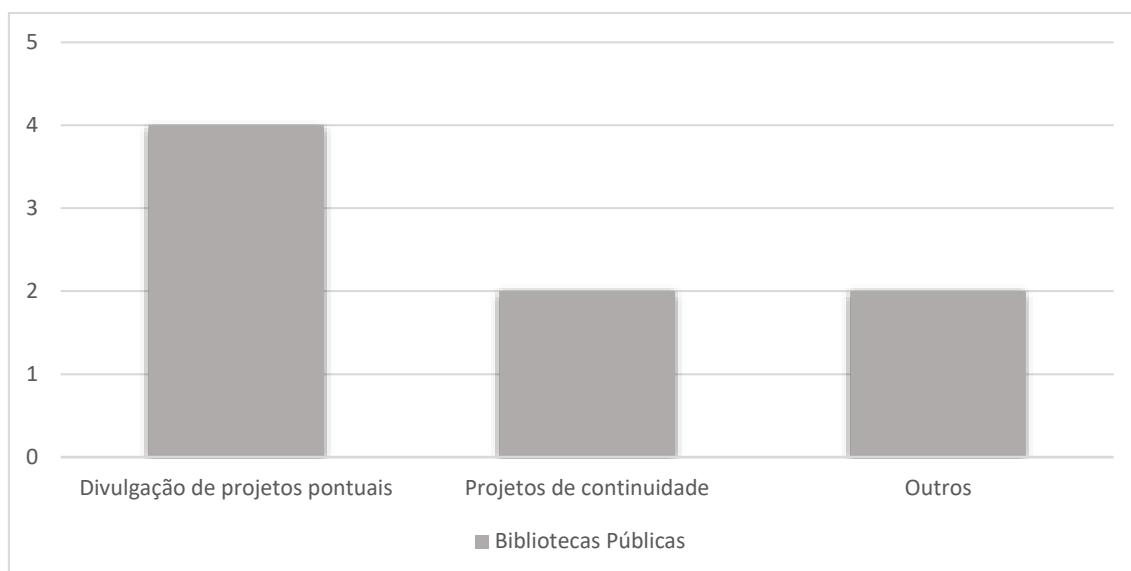


Gráfico 9: Como se processa a articulação entre a biblioteca e as escolas?

Na questão concernente ao Plano Regional de Leitura como recurso para a aquisição de obras de Literatura Açoriana para Crianças e para o desenvolvimento de atividades de promoção de leitura, nove das bibliotecas públicas responderam que não, e sete responderam que sim. Quanto às bibliotecas escolares, cinco responderam que não, onze responderam que sim, e uma não respondeu (gráfico 10).

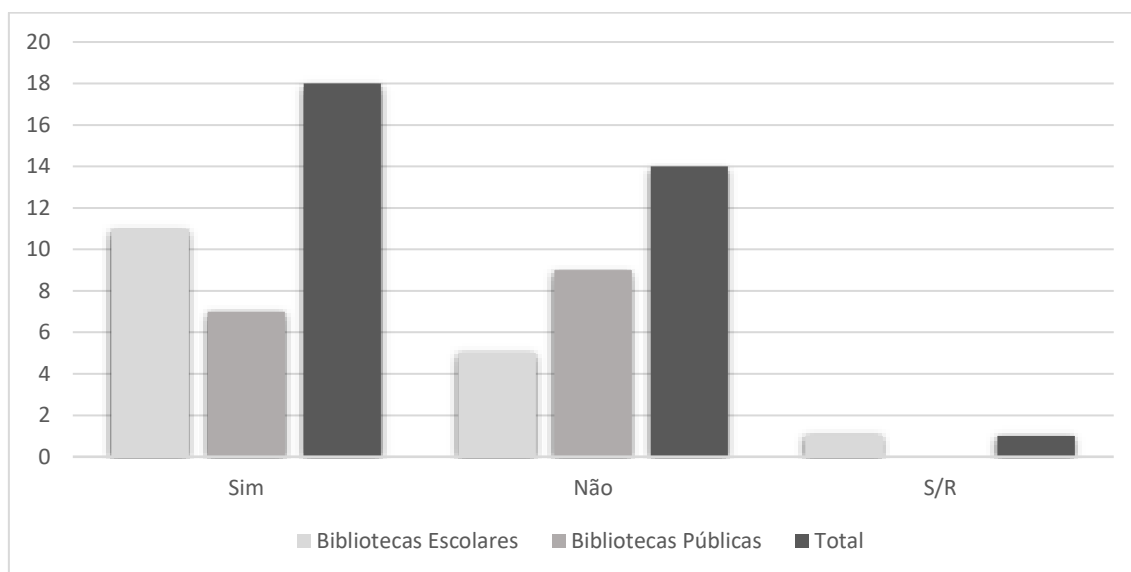


Gráfico 10: A biblioteca recorre ao PRL para a aquisição de obras açorianas para crianças, bem como para o desenvolvimento de atividades de promoção de leitura?

Doze bibliotecas públicas responderam afirmativamente à questão relativa ao manterem-se a par das novas obras de Literatura Açoriana para Crianças editadas, ao passo que quatro responderam negativamente. Por sua vez, treze bibliotecas escolares responderam afirmativamente e quatro negativamente (gráfico 11).

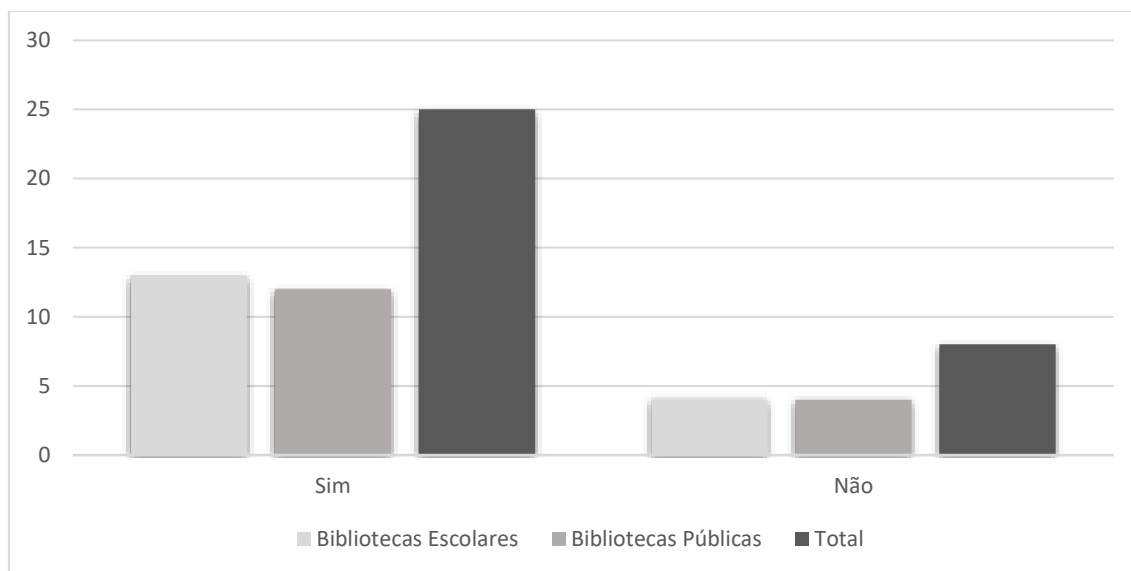


Gráfico 11: A biblioteca mantém-se a par das obras de Literatura Açoriana para Crianças, que vão sendo editadas?

Das bibliotecas que responderam afirmativamente, onze mantêm-se a par através dos meios de comunicação, oito por intermédio do Plano Regional de Leitura, cinco recorrendo às editoras e à Direção Regional da Cultura e quatro mediante a Rede Regional de Bibliotecas. Outras formas apontadas pelas bibliotecas foram feiras do livro, encontros com escritores, docentes, currículo regional, Instituto de Apoio à Cultura, outras bibliotecas regionais, livrarias, conselhos dos próprios leitores, apresentação de obras e Portal da Educação (gráfico 12).

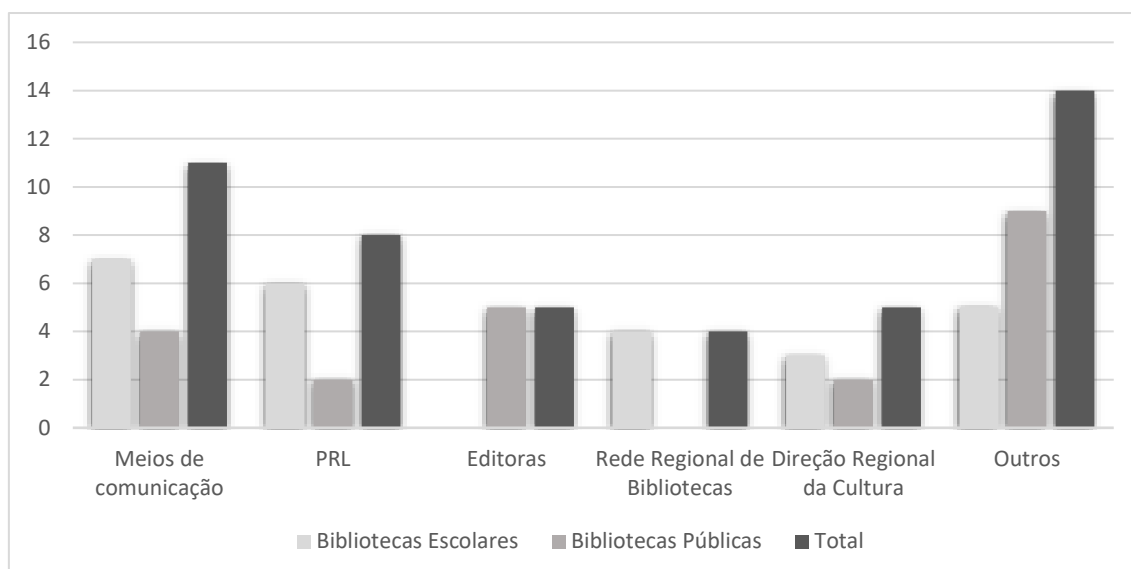


Gráfico 12: De que forma a biblioteca se mantém a par das obras de Literatura Açoriana para Crianças, que vão sendo editadas?

Antes de nos debruçarmos sobre uma apreciação global das respostas facultadas nos inquéritos pelas bibliotecas, é importante referir que entendemos elaborar as perguntas utilizando a designação de Literatura para Crianças e Jovens, uma vez que desconhecíamos o que cada biblioteca iria entender, no sentido de grupo etário, no caso de só se apresentar o termo Literatura para Crianças.

Tanto pelas bibliotecas públicas, como pelas escolares, é verificado que, na sua maioria, existe um espaço que é dedicado ao público infantojuvenil. Estes espaços são dinamizados, não por profissionais formados diretamente na área de animação, mas sim dinamizados pelos próprios bibliotecários.

No que respeita à existência de obras de Literatura Açoriana para Crianças, ambas as bibliotecas responderam afirmativamente, todavia estas não se encontram separadas das restantes obras a este público destinadas, nem em quantidade significativa em cada biblioteca. A promoção de leitura destas mesmas obras é realizada maioritariamente pelas bibliotecas escolares, através da dinamização de atividades junto dos alunos da própria escola.

Por outro lado, as bibliotecas públicas, na sua maioria, não se dedicam à divulgação das obras em questão. A forma de promoção de leitura mais

recorrente, tanto pelas bibliotecas públicas, como pelas escolares, é por meio da realização de sessões de conto, oficinas de leitura e de escrita, para além de encontros com escritores. Estas atividades são, maioritariamente, desenvolvidas com frequência, ou de forma variável.

No caso do trabalho em articulação com as escolas, realizado pelas bibliotecas públicas, verificou-se que acontecem através de projetos elaborados pontualmente. Ambos os tipos de bibliotecas recorrem ao Plano Regional de Leitura para a aquisição de obras de Literatura Açoriana para Crianças, porém verificou-se uma maior incidência nas bibliotecas escolares. Outras formas enunciadas de conhecimento destas obras foram, na sua maioria, os meios de comunicação.

Face aos dados recolhidos, conclui-se que tanto as bibliotecas escolares como as bibliotecas públicas, apesar das respostas positivas direcionadas para a promoção das obras aqui salientadas, precisam ainda de perceber e compreender o alcance do valor desta Literatura, no sentido de se conseguir um maior contributo por parte das bibliotecas. Nesta ordem de ideias, e tendo em conta a dimensão regional, deveria existir a preocupação, por parte destas bibliotecas, em adquirir todas as obras que no arquipélago são editadas, uma vez que são um local de excelência para levar o livro ao leitor. Por um lado, estariam não só a proteger o início de uma realidade que se acredita que se vai avolumar e ganhar forma com o tempo, mas também a valorizar a sua própria cultura literária. Para que a promoção da Literatura Açoriana para Crianças aconteça de forma mais assertiva e eficaz, aqui sugere-se uma formação específica nesta Literatura, direcionada para todos os bibliotecários, independentemente do seu grau académico ou cargo.

## CONCLUSÕES

Como reflexão final de todo o percurso elaborativo desta tese, concluímos em primeiro lugar que a temática escolhida e o trabalho realizado em torno da mesma contribuiu indubitavelmente para o enriquecimento do percurso pessoal e académico que temos vindo a construir, contribuindo ainda para a nossa atividade profissional, no que concerne à escrita para crianças.

Admite-se que foi um processo que nem sempre se apresentou linear por diferentes motivos. Inicialmente, aquando do processo de pesquisa exploratória, foi uma etapa aflitiva. O enfrentar a inexistente bibliografia e, conseqüentemente, ausência de teorias que servissem de orientação e organização do trabalho, de suporte de opiniões e de apoio para ponto de partida, provocou a sensação de se ter começado uma viagem sem bússola. Posteriormente, foi motivador encarar esta realidade, na medida em que este poderia vir a ser o primeiro trabalho dedicado a tal temática, e servir de base para futuros estudos mais aprofundados.

A cada nova etapa, foram, constantemente, surgindo dúvidas. A determinada altura, colocavam-se questões tanto de âmbito geral como específico. Uma das indagações que mais nos ocupou foi a procura de fatores para evidenciar a existência desta Literatura e também a construção de critérios para a seleção das obras a que a ela pertencessem. Neste sentido, optou-se, primeiramente, por recorrer à leitura e análise das várias obras literárias açorianas para crianças sugeridas no Plano Regional de Leitura e, posteriormente, ao estudo das obras literárias referidas pelas bibliotecas.

Deste exame direto às obras literárias açorianas escritas para os mais novos, numa apreciação quantitativa, conclui-se que ainda não podemos afirmar a existência consolidada de uma Literatura Açoriana para Crianças. No entanto, é uma realidade que não pode ser ignorada por ainda se encontrar em fase embrionária. Consideramos que, com o passar do tempo, esta poderá avolumar-se e afirmar-se na região e na Literatura.

O que poderá contribuir para a positiva evolução desta Literatura é, sem dúvida, um apoio mais consistente, uma consciente valorização e divulgação das obras

para crianças de autoria açoriana, por parte de todas as entidades públicas que se encontram relacionadas diretamente com a Literatura e com a cultura, como também os meios de comunicação regionais, em particular a televisão, a rádio e o jornal.

Acredita-se que a Literatura aqui defendida ainda não saiu da fase em que se encontra, por consequência de uma sociedade que, culturalmente, não se mostra consciente do real valor do livro, onde adultos e crianças estão numa tentativa de fundação de hábitos de leitura.

Tendo em conta os esforços realizados pelas bibliotecas públicas e escolares, verifica-se que estamos a caminhar numa direção correta, embora na realidade ainda exista muito mais a fazer no que respeita aos autores e obras açorianas para as crianças.

Numa perspetiva global, conclui-se que a Literatura, por si só, é um tema em aberto, sujeito a um constante debate. Acrescentando-se à Literatura a designação para crianças, mais se avoluma a discussão. Numa posição ainda mais complexa se colocou esta dissertação por reunir três campos com características dissemelhantes. Ou seja, 'Literatura', 'Crianças' e 'Açoriana'. Ainda assim, considera-se um estudo válido, na medida em que, a partir daqui, já nada ficará como antes no que respeita, principalmente, à consciencialização coletiva de uma realidade, que embora numa fase rudimentar, é parte do património literário da Região Autónoma dos Açores. E, tal como todas as literaturas, aquilo que aqui se considera como Literatura Açoriana para Crianças é um reflexo da maneira de ser, de viver, e de pensar do povo açoriano.

**BIBLIOGRAFIA**

AGOSTO, Denise E. (1999). One and Inseparable: Interdependent Storytelling in Picture Storybooks. *Children's Literature in Education*, Vol. 30, nº 4.

ALMEIDA, Onésimo Teotónio (1983). *A Questão da Literatura Açoriana*. Angra do Heroísmo: Secretaria Regional da Educação e Cultura.

ALMEIDA, Onésimo Teotónio (1989). *Açores, Açorianos, Açorianidade: um espaço cultural*. Ponta Delgada: Marinho Matos Brumarte, C.R.L. Signo.

ALMEIDA, Waldinéia R., COSTA, Wilse A., PINHEIRO & Mariza I. S. (2012). Bibliotecários Mirins e a Mediação da Leitura na Biblioteca Escolar. *Revista ACB*, Vol. 17, nº 2, pp. 472-490.

APPLEYARD, J. A. (1991). *Becoming a Reader: The Experience of Fiction from Childhood to Adulthood*. Cambridge: Cambridge University Press.

AZEVEDO, Fernando (2013). *Clássicos da Literatura Infantil e Juvenil e Educação Literária*. Guimarães: Opera Omnia.

BASTOS, Glória (1999). *Literatura Infantil e Juvenil*. Lisboa: Universidade Aberta.

CALDIN, Clarice Fortkamp (2003). A Função Social da Leitura da Literatura Infantil. *Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação*, nº 15, pp. 47-58.

CALZAVARA, Rosemari Bendlin (2009). Encenar e ensinar: o texto dramático na escola. *Revista Científica/FAP*, Vol. 4, nº 2, pp. 149-154.

CARVALHO, Bárbara Vasconcelos de (1985). *A Literatura Infantil: Visão Histórica e Crítica*. São Paulo: Global Editora e Distribuidora.

CASTANHEIRA, Manuel, GUERREIRO, Carla (2018). Books, Readers and Reading Mediators. *Journal Plus Education*, Vol. XX, nº 2, pp. 24-32.

CASTANHO, Maria da Graça Borges (2007). O ensino da leitura nas escolas do 2º ciclo em Portugal: o contributo das bibliotecas públicas e escolares. *Actas do 9º Congresso BAD*, Universidade dos Açores.

- CEIA, Carlos (2009). *E-Dicionário de Termos Literários*. <http://edtl.fcsh.unl.pt/encyclopedia/anedota/> (Consultado a 02/03/2019)
- CERRILLO, Pedro C., LARRAÑAGA, Elisa, YUBERO, Santiago (2002). *Libros, Lectores y Mediadores*. Castilla La Mancha: Universidad de Castilla La Mancha.
- CERVERA, Juan (1992). *Teoría de la Literatura Infantil* (2ª Edição). Bilbao: Ediciones Mensajero.
- COELHO, Nelly Novaes (1982). *A Literatura Infantil* (2ª Edição). São Paulo: Quíron / Global.
- CORRÊA, Elisa, OLIVEIRA, Karina, BOURSCHEID, Laura, SILVA, Lucélia, OLIVEIRA, Salete (2002). Bibliotecário Escolar: um Educador?. *Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina*, Vol. 7, nº 1, pp. 107-123.
- DARTON, Harvey (1982). *Children's Books in England: Five Centuries of Social Life*. Cambridge: Cambridge University Press.
- ELY, Richard & MCCABE, Allyssa (1994). The Language Play of Kindergarten Children. *First Language*, nº14, pp. 19-35.
- FANG, Zhihui (1996). Illustrations, Text, and the Child Reader: What are Pictures in Children 's Storybooks for? *Reading Horizons*, Vol. 37, nº 2.
- FERNANDES, F. (1961). Contribuição para o Estudo Sociológico das Adivinhas Paulistanas. In: FERNANDES, F. *Folclore e Mudança Social na Cidade de São Paulo*. São Paulo: Editora Anhembi, 279-338.
- FERREIRA, Manuela Malheiro & CARMO, Hermano (1998). *Metodologia de Investigação*. Lisboa: Universidade Aberta.
- FRAGOSO, Graça Maria (2002). Biblioteca na Escola. *Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina*, Vol. 7, nº 1, pp. 124-131.
- FREITAS, Vamberto (1992). *O imaginário dos escritores açorianos*. Lisboa: Salamandra, D.L.
- GARCIA, Eduíno Borges (1953). Para uma Autêntica Literatura Açoriana. *Suplemento Literário de A Ilha*, Vol. 1, nº32.

GILBERT, Jaesook L. (2001). *Getting Help from Erikson, Piaget, and Vygotsky: Developing Infant-Toddler Curriculum*. Annual Meeting of the Association for Childhood Education International Conference and Exhibition.

GLAZER, Joan I., WILLIAMS III, Gurney (1979). *Introduction to Children's Literature*. Nova Iorque: McGraw-Hill Book Company.

GOMES, José António (1991). *Literatura Para Crianças e Jovens: Alguns Percursos*. Lisboa: Editorial Caminho.

GOMES, José António (1998). A literatura portuguesa para crianças e jovens tópicos para a definição de uma especificidade própria. *Máthesis*, nº7, pp. 329-350.

GOMES, José António (2006). *Literatura para a Infância e a Juventude e Promoção da Leitura*, in Gomes, J. A. (2006), *Promoção da Leitura: Balanço e Perspectivas*, encontro no âmbito do projecto Vale de Letras, da Valimar (Associação de Municípios do Vale do Lima).

HILLESHEIM, Araci I.A., FACHIN, Gleisy R.B. (1999). Conhecer e Ser uma Biblioteca Escolar no Ensino-aprendizagem. *Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina*, Vol. 4, nº 4, pp. 64-79.

HUNT, Peter (2005). *International Companion Encyclopedia of Children's Literature*. Nova Iorque: Routledge.

INGLIS, Fred (1981). *The Promise of Happiness: Value and Meaning in Children's Literature*. Cambridge: Cambridge University Press.

KOTHARI, C. R. (2004). *Research Methodology: Methods and Techniques*. New Delhi: New Age International.

LEAL, Susana Mira (2009). Um-dó-li-tá : a linguagem das brincadeiras e as brincadeiras com a linguagem. In CONDESSA, Isabel *(Re)Aprender a brincar: Da especificidade à diversidade*. Ponta Delgada: Universidade dos Açores, pp. 115-128.

MACKENZIE, Noella, KNIPE, Sally (2006). Research dilemmas: Paradigms, methods and methodology. *Issues In Educational Research*, Vol. 16.

- MANZANO, Mercedes G. (1988). *A criança e a leitura*. Porto: Porto Editora.
- MARCOS, Maria Madalena, SILVA, Carlos Teixeira da e GONZÁLES, Isabel Mociño (2013). *Literatura para a Infância e a Juventude e Educação Literária*. Porto: Deriva Editores.
- MATULKA, Denise (2008). *A Picture Book Primer: Understanding and Using Picture Books*. Devon: Libraries Unlimited.
- MIMOSO, Anabela (2008). Provérbios: uma fonte para a História da Educação. *Revista Lusófona de Educação*, nº12, pp. 155-163.
- MITCHELL, Diana (2003). *Children's Literature: An Invitation to the World*. Boston: Pearson Education.
- MORO, Eliane L. S., ESTABEL, Lizandra B. (2011). A mediação da leitura na família, na escola e na biblioteca através das tecnologias de informação e de comunicação e a inclusão social das pessoas com necessidades especiais. *Inclusão Social*, Vol. 4, nº 2, pp. 67-81.
- MUNLEY, Patrick H. (1975). Erik Erikson's Theory of Psychosocial Development and Vocational Behavior. *Journal of Counseling Psychology*, Vol. 22, nº 4, pp. 314-319.
- NEMÉSIO, Vitorino (1938). *O Bicho Harmonioso: Poemas*. Coimbra: Revista de Portugal.
- NEVES, José Soares, LIMA, Maria João, BORGES, Vera (2008). *Práticas de Promoção da Leitura nos Países da OCDE*. Lisboa: Gabinete de Estatística e Planeamento da Educação (GEPE).
- NORTON, Donna E. (1995). *Through the Eyes of a Child: An Introduction to Children's Literature*. Nova Jérсия: Prentice-Hall.
- PANTALEO, Sylvia (2005). 'Reading' young children's visual texts. *Early Childhood Research & Practice*, Vol. 7, nº 1.
- PENNAC, Daniel (1993). *Como um romance*. Porto: Edições Asa.
- PIAGET, Jean (1983). *Seis Estudos de Psicologia*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.

PIRES, António Machado (1988). *Raúl Brandão e Vitorino Nemésio: Ensaios*. Coleção: Temas Portugueses. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda.

RIBEIRO, Luís da Silva (1940). *Açoreana: Revista de Estudos Açoreanos*. Boletim da Sociedade Afonso Chaves, Vol. II, nº3.

ROCHA, Natércia (1984). *Breve História da Literatura para Crianças em Portugal*. Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa.

RUDMAN, Masha Kabarow (1993). *Children's Literature: Resource for the Classroom*. Norwood: Christopher-Gordon Publishers.

SABINO, Maria Manuela do Carmo de (2008). Importância Educacional da Leitura e Estratégias para a sua Promoção. *Revista Iberoamericana de Educación*, n.º 45/5.

SIMÕES, Manuel Breda (1978). *Função Formativa das Literaturas Infantil e Juvenil*. Lisboa: F.A.O.J. – Divisão de Estudos e Planeamento.

SIPE, Lawrence R. (1998). How Picture Books Work: A Semiotically Framed Theory of Text-Picture Relationships. *Children's Literature in Education*, Vol. 29, nº 2.

SOUSA, Sérgio Paulo Guimarães de (2000). *Teoria Breve da Literatura Infantil*. Irmandades da Galiza e de Portugal.

VÁLIO, Else B.M. (1990). Biblioteca Escolar: Uma Visão Histórica. *Trans-informação*. Vol. 2, nº 1, pp. 15-24.

## APÊNDICE I – LISTAGEM DAS OBRAS DE LITERATURA AÇORIANA PARA CRIANÇAS

- A arte de reciclar
- A aventura do Delfim
- A Boneca de Trapos vai viajar e outras peças
- A Boneca de Trapos vai viajar e outras peças
- A curiosidade do Frederico
- A história do Zeca Garro
- A Lenda da Maria Encantada
- A Viagem do Pai Natal aos Açores
- Aprende com a Maria Inês a tratares do teu cão
- Bixidi e Bixidó... com o fantasma e outras peças
- Bixidi e Bixidó... fazem as festas juntos
- Coleção Contos e encantos das crianças marienses (4 volumes)
- Coleção Kathy nos Açores (9 volumes)
- Diário do meu segredo
- Diferentes = iguais em direitos... demonstra!
- É Carnaval e ninguém leva a mal, pá!
- Era uma vez... mais uma vez
- Ilha à vista
- Joaquim Ervilha
- O Anjo do Lago
- O bigode picante do avô Roberto
- O coração de Luana
- O Gu e a Tita ajudam a avó Rita
- O menino músico: Francisco de Lacerda
- O menino perdido
- O pinhal dos segredos e outras aventuras no Natal
- Os sonhos de Inês
- Pipi e Popó: apenas para quem educa!
- Pombois à descoberta

- Quadros com histórias
- Quando for grande... quero ser pai!
- Que stress!!!
- Sou diferente, sou fantástico
- Um Natal encantado
- Um safari geológico em Santa Maria
- Vamos à Festa do Senhor Santo Cristo, pá!

## **APÊNDICE II – LISTAGEM DAS BIBLIOTECAS ESCOLARES DOS AÇORES**

### **Santa Maria**

E.B.S. de Santa Maria

### **São Miguel**

E.B.I. Canto da Maia

E.B.I. da Lagoa

E.B.I. da Maia

E.B.I. da Ribeira Grande

E.B.I. de Arrifes

E.B.I. de Água de Pau

E.B.I. de Ponta Garça

E.B.I. de Rabo de Peixe

E.B.I. de Vila de Capelas

E.B.I. dos Ginetes

E.B.I. Roberto Ivens

E.B.S. da Povoação

E.B.S. de Vila Franca do Campo

E.B.S. do Nordeste

### **Faial**

E.B.I. da Horta

### **Graciosa**

E.B.S. da Graciosa

### **Pico**

E.B.S. da Madalena do Pico

E.B.S. das Lajes do Pico

E.B.S. de São Roque do Pico

### **São Jorge**

E.B.I. da Vila do Topo

E.B.S. da Calheta

E.B.S. de Velas

### **Terceira**

E.B.I. da Praia da Vitória

E.B.I. de Angra do Heroísmo

E.B.I. dos Biscoitos

E.B.I. Francisco Ferreira Drummond

E.B.S. Tomás de Borba

### **Corvo**

E.B.S. Mouzinho da Silveira

### **Flores**

E.B.S. das Flores

## **APÊNDICE III – LISTAGEM DAS BIBLIOTECAS PÚBLICAS DOS AÇORES**

### **BIBLIOTECAS PÚBLICAS E ARQUIVO REGIONAL**

Biblioteca Pública e Arquivo Regional de Angra do Heroísmo

Biblioteca Pública e Arquivo Regional de Ponta Delgada

Biblioteca Pública e Arquivo Regional João José da Graça - Horta

### **BIBLIOTECAS MUNICIPAIS**

#### **Santa Maria**

Biblioteca Municipal de Vila do Porto

#### **São Miguel**

Biblioteca Municipal da Povoação

Biblioteca Municipal Daniel de Sá

Biblioteca Municipal de Lagoa

Biblioteca Municipal de Ponta Delgada

Biblioteca Municipal de Vila Franca do Campo

Biblioteca Municipal do Nordeste

#### **Graciosa**

Biblioteca Municipal de Santa Cruz da Graciosa

#### **Pico**

Biblioteca Municipal da Madalena

Biblioteca Municipal de São Roque

Biblioteca Municipal Dias de Melo

### **São Jorge**

Biblioteca do Museu Francisco de Lacerda

Biblioteca Municipal de Velas

### **Terceira**

Biblioteca Municipal Silvestre Ribeiro

### **Corvo**

Biblioteca Municipal do Corvo

### **Flores**

Biblioteca Municipal das Lajes das Flores

Biblioteca Municipal de Santa Cruz das Flores

## **APÊNDICE IV – INQUÉRITO DIRIGIDO ÀS BIBLIOTECAS PÚBLICAS DOS AÇORES**

1. Qual a designação da vossa Biblioteca?
2. Onde se localiza?
3. Na vossa Biblioteca existe um espaço/sala infantojuvenil?
  - 3.1. Este espaço/sala tem animadores ou responsáveis específicos?
4. A vossa Biblioteca possui livros de Literatura Açoriana para Crianças e Jovens?
  - 4.1. Se sim, quais os títulos dessas obras?
  - 4.2. Estes livros encontram-se separadas das restantes obras?
5. A vossa Biblioteca realiza iniciativas para a promoção de obras de Literatura Açoriana para Crianças e Jovens?
  - 5.1. Se sim, quais?
    - 5.1.1. Com que frequência?
    - 5.1.2. Essas iniciativas são da exclusiva responsabilidade da Biblioteca ou há articulação com as escolas?
      - 5.1.2.1. Se sim, como se processa essa articulação?
6. A vossa Biblioteca recorre ao Plano Regional de Leitura para a aquisição de obras açorianas para crianças e jovens, bem como para o desenvolvimento de atividades de promoção de leitura?
7. A vossa Biblioteca mantém-se a par das obras de Literatura Açoriana para Crianças e Jovens, que vão sendo editadas?
  - 7.1. Se sim, de que forma?

## **APÊNDICE V – INQUÉRITO DIRIGIDO ÀS BIBLIOTECAS ESCOLARES DOS AÇORES**

1. Qual a designação da vossa Biblioteca?
2. Onde se localiza?
3. A vossa Biblioteca possui livros de Literatura Açoriana para Crianças e Jovens?
  - 3.1. Se sim, quais os títulos dessas obras?
  - 3.2. Estes livros encontram-se separadas das restantes obras?
4. A vossa Biblioteca realiza iniciativas para a promoção de obras de Literatura Açoriana para Crianças e Jovens?
  - 4.1. Se sim, quais?
    - 4.1.1. Com que frequência?
5. A vossa Biblioteca recorre ao Plano Regional de Leitura para a aquisição de obras açorianas para crianças e jovens, bem como para o desenvolvimento de atividades de promoção de leitura?
6. A vossa Biblioteca mantém-se a par das obras de Literatura Açoriana para Crianças e Jovens, que vão sendo editadas?
  - 6.1. Se sim, de que forma?

## APÊNDICE VI – FICHA DE ANÁLISE DAS OBRAS DE LITERATURA AÇORIANA PARA CRIANÇAS

Título:

---

Autor:

---

Ilustrador:

---

Ano de Edição: \_\_\_\_\_

Grupo Etário: \_\_\_\_\_

Género:

---

Temáticas:

---

---

Relação entre texto e imagem:

\_\_\_\_\_ Narrativa paralela

\_\_\_\_\_ Narrativa interdependente

Presença de elementos que remetem para a Açorianidade:

\_\_\_\_\_ Não

\_\_\_\_\_ Sim

Se sim, quais?

---

---

Resumo:

---

---

---

## APÊNDICE VII – ESTUDO DAS OBRAS DE LITERATURA AÇORIANA PARA CRIANÇAS

Título: Coleção Kathy nos Açores (9 volumes)

Autor: Regina Tristão da Cunha

Ilustrador: Regina Tristão da Cunha

Ano de Edição: 2004

Grupo Etário: 7 aos 12 anos

Género: Livros não-ficcionais narrativos – livro informativo

Temáticas: História e património dos Açores

Relação entre texto e imagem:

Narrativa paralela

Narrativa interdependente

Presença de elementos que remetem para a Açorianidade:

Não

Sim

Se sim, quais?

Toda a coleção narra uma aventura que decorre nas ilhas dos Açores. Por este motivo, existe inúmeros elementos que remetem para a açorianidade.

Resumo:

Kathy é uma coleção que dá a conhecer aos mais novos a História e o património construído em cada uma das ilhas do arquipélago dos Açores, por meio de uma filha e de um pai que visitam as ilhas durante o tempo de férias.

Título: A Lenda da Maria Encantada

Autor: José Jorge de Melo

Ilustrador: Mafalda de Pacheco Melo

Ano de Edição: 2017

Grupo Etário: 7 aos 12 anos

Género: Literatura tradicional - lenda

Temáticas: Amor

Relação entre texto e imagem:

Narrativa paralela

Narrativa interdependente

Presença de elementos que remetem para a Açorianidade:

Não

Sim

Se sim, quais?

Atividade vulcânica; nome das personagens; lugar onde decorre a ação.

Resumo:

Lenda que pertence à crença da ilha Graciosa. Está relacionada com a atividade vulcânica. É uma história de amor entre o personagem Manuel Correia e a personagem Maria. Ele conquista a amada e casam-se. Maria ouve o galo cantar e anuncia a chegada de um sismo. O marido não acredita e a casa fica destruída com o tremor de terra. Nunca mais foram encontrados os corpos destes personagens nos destroços. Atualmente, diz-se que em noite de lua cheia, ouve-se a Maria bater com as panelas para afugentar o canto do galo.

Título: Aprende com a Maria Inês a tratares do teu cão

Autor: André Caetano de Matos

Ilustrador: Joana Cantante, Laura Branco e crianças

Ano de Edição: 2011

Grupo Etário: 7 aos 12 anos

Género: Realismo Contemporâneo - animais

Temáticas: Animais

Relação entre texto e imagem:

Narrativa paralela

Narrativa interdependente

Presença de elementos que remetem para a Açorianidade:

Não

Sim

Se sim, quais?

Ilha coberta de verde; lagoa.

Resumo:

A história fala-nos de uma menina que quer muito ter um cão. Ao longo da narrativa o autor fornece indicações através das personagens de como devem ser tratados os animais de estimação, nomeadamente os cães.

Título: A aventura do Delfim

Autor: Mafalda Moniz

Ilustrador: Vanessa Branco

Ano de Edição: 2009

Grupo Etário: 7 aos 12 anos

Género: Fantasia Moderna - animais

Temáticas: Ambiente

Relação entre texto e imagem:

Narrativa paralela

Narrativa interdependente

Presença de elementos que remetem para a Açorianidade:

Não

Sim

Se sim, quais?

Ilhas dos Açores; golfinhos; várias espécies marinhas que existem nos mares açorianos.

Resumo:

História de um golfinho curioso que quer aprender sempre mais. A sua curiosidade conduz-lhe até à costa onde não nadam os golfinhos. Este conto dá-nos a conhecer a biodiversidade que existe na costa açoriana, alertando para os malefícios do lixo no mar.

Título: A história do Zeca Garro

Autor: Filipe Lopes e Carla Goulart Silva

Ilustrador: Bernardo Carvalho

Ano de Edição: 2017

Grupo Etário: 7 aos 12 anos

Género: Fantasia Moderna - animais

Temáticas: Animais

Relação entre texto e imagem:

Narrativa paralela

Narrativa interdependente

Presença de elementos que remetem para a Açorianidade:

Não

Sim

Se sim, quais?

Cagarros.

Resumo:

História de um cagarro bebé que é deixado pelos pais. Quando chega a sua época de deixar o lar e ir ao encontro dos pais, ele perde o rumo encandeado pela luz da cidade. Um pai e uma filha salvam-no e o personagem principal pode continuar a sua viagem.

Título: Bixidi e Bixidó... com o fantasma e outras peças

Autor: Natália de Almeida

Ilustrador: s/ilustração

Ano de Edição: 2004

Grupo Etário: 7 aos 12 anos

Género: Dramático

Temáticas: Valores morais e éticos

Relação entre texto e imagem:

\_\_\_\_\_ Narrativa paralela

\_\_\_\_\_ Narrativa interdependente

Presença de elementos que remetem para a Açorianidade:

\_\_\_x\_\_\_ Não

\_\_\_\_\_ Sim

Se sim, quais?

Resumo:

História de um cão e de um gato que entram numa aventura, descobrem um fantasma e ficam todos amigos.

Título: Bixidi e Bixidó... fazem as festas juntos

Autor: Natália de Almeida

Ilustrador: s/ilustração

Ano de Edição: 2005

Grupo Etário: 7 aos 12 anos

Género: Dramático

Temáticas: Valores morais e éticos

Relação entre texto e imagem:

\_\_\_\_\_ Narrativa paralela

\_\_\_\_\_ Narrativa interdependente

Presença de elementos que remetem para a Açorianidade:

\_\_\_x\_\_\_ Não

\_\_\_\_\_ Sim

Se sim, quais?

Resumo:

Bixidi e Bixidó são personagens que comemoram diferentes festas celebradas ao longo do ano.

Título: O menino perdido

Autor: Susana Teles Margarido

Ilustrador: Fedra Santos

Ano de Edição: 2008

Grupo Etário: 7 aos 12 anos

Género: Fantasia Moderna – mundos estranhos e curiosos

Temáticas: Família

Relação entre texto e imagem:

Narrativa paralela

Narrativa interdependente

Presença de elementos que remetem para a Açorianidade:

Não

Sim

Se sim, quais?

Ilha verde erguida no oceano; pastagens divididas por pedras negras e hortênsias; crateras de vulcões extintos; vacas; lagoas; caminhos de terra batida; areia negra; gaivotas e cagarros; gastronomia açoriana.

Resumo:

A ação desta história decorre na ilha de São Miguel, mais propriamente na vila de Rabo de Peixe. Martim é um personagem que desaparece na praia e Alfredo, seu irmão, decide procurá-lo no fundo do mar. Com a ajuda de todas as sereias o Alfredo consegue salvar o irmão e a crença de que as sereias são más é alterada, porque foram estes seres que ajudaram as personagens e a esta história a ter um final feliz.

Título: Um Natal encantado

Autor: Susana Teles Margarido

Ilustrador: Sandra Serra

Ano de Edição: 2009

Grupo Etário: 7 aos 12 anos

Género: Fantasia Moderna – seres pequenos

Temáticas: Natal

Relação entre texto e imagem:

Narrativa paralela

Narrativa interdependente

Presença de elementos que remetem para a Açorianidade:

Não

Sim

Se sim, quais?

Resumo:

No Natal desta história há um menino que foi abandonado na floresta e criado por seres mágicos. Quando ele sente vontade de conhecer a aldeia próxima da floresta, nela se entranha e descobre uma menina. Com o desenrolar da história ambos descobrem que são irmãos. A história termina com os dois a viverem na floresta.

Título: Diferentes = iguais em direitos... demonstra!

Autor: Natália Almeida e Susana Teles Margarido

Ilustrador: Alunos da Escola Básica 2,3 Canto da Maia

Ano de Edição: 2005

Grupo Etário: 7 aos 12 anos

Género: Realismo Contemporâneo – problemáticas sociais

Temáticas: Igualdade de género e direitos

Relação entre texto e imagem:

Narrativa paralela

Narrativa interdependente

Presença de elementos que remetem para a Açorianidade:

Não

Sim

Se sim, quais?

Gaivotas; oceano Atlântico; ilhas dos Açores.

Resumo:

Esta história tem como objetivo principal o de sensibilizar as crianças para a igualdade de oportunidade entre todos. Transmite esta mensagem através do relato, de várias personagens, da visita a diferentes ilhas promovida por um concurso escolar.

Título: Diário do meu segredo

Autor: Susana Teles Margarido

Ilustrador: Abigail Ascenso

Ano de Edição: 2009

Grupo Etário: 7 aos 12 anos

Género: Realismo Contemporâneo – problemáticas sociais

Temáticas: Violência doméstica

Relação entre texto e imagem:

Narrativa paralela

Narrativa interdependente

Presença de elementos que remetem para a Açorianidade:

Não

Sim

Se sim, quais?

Resumo:

Este é o diário de uma menina que sofre violência doméstica. O pai é médico e agride a mãe, o irmão e a personagem principal. Tudo é descoberto e os pais divorciam-se.

Título: Quando for grande... quero ser pai!

Autor: Susana Teles Margarido

Ilustrador: Joana Dias

Ano de Edição: 2009

Grupo Etário: 7 aos 12 anos

Género: Fantasia Moderna – seres pequenos

Temáticas: Igualdade de género

Relação entre texto e imagem:

Narrativa paralela

Narrativa interdependente

Presença de elementos que remetem para a Açorianidade:

Não

Sim

Se sim, quais?

Resumo:

Um casal que quer muito ter um filho. Uma fada concede-lhes o desejo, na condição de educá-lo para a igualdade. Em vez de um filho, nasce um casal de gémeos. Os pais falham o prometido, educando os filhos segundo preconceitos. A fada castiga-os. Eles aprendem a lição e vivem felizes para sempre.

Título: O menino músico: Francisco de Lacerda

Autor: Regina Tristão da Cunha

Ilustrador: A. Henrique Pires Toste

Ano de Edição: 2010

Grupo Etário: 7 aos 12 anos

Género: Livros não-ficcionais narrativos - biografia

Temáticas: Biografias

Relação entre texto e imagem:

Narrativa paralela

Narrativa interdependente

Presença de elementos que remetem para a Açorianidade:

Não

Sim

Se sim, quais?

Naturalidade da personagem alvo da biografia; local onde viveu.

Resumo:

Vida e obra de Francisco de Lacerda, adequada para crianças.

Título: Sou diferente, sou fantástico

Autor: Susana Teles Margarido

Ilustrador: Marília Ascenso e Fedra Santos

Ano de Edição: 2009

Grupo Etário: 7 aos 12 anos

Género: Fantasia Moderna - animais

Temáticas: Direito à igualdade

Relação entre texto e imagem:

Narrativa paralela

Narrativa interdependente

Presença de elementos que remetem para a Açorianidade:

Não

Sim

Se sim, quais?

Resumo:

A história fala de um esquilo que era cego e, por este motivo, os irmãos excluía-mo das suas brincadeiras. O esquilo encontra uma fada na floresta e ficam amigos. Ele lamenta ser cego e a fada descobre nele outros valores, principalmente o talento para o canto. A fada apresenta-o a um amigo que é maestro. Juntos formam um grupo musical ao qual se juntam vários animais, cada qual com as suas limitações e qualidades.

Título: Pipi e Popó: apenas para quem educa!

Autor: Néilson Soares

Ilustrador: Maria Manuela Arruda

Ano de Edição: 2016

Grupo Etário: 7 aos 12 anos

Género: Realismo Contemporâneo - escola

Temáticas: Estereótipos

Relação entre texto e imagem:

Narrativa paralela

Narrativa interdependente

Presença de elementos que remetem para a Açorianidade:

Não

Sim

Se sim, quais?

Resumo:

Filipe e Joana são irmãos gémeos. Cada um deles guarda o Pipi e o Popó, que são os seus brinquedos secretos. Na escola, através de um desenho, a Joana revela que o seu brinquedo é um carrinho e que quer ser piloto de carros. A turma goza com ela porque defendem que as meninas devem brincar com bonecas e usar coisas cor-de-rosa. Perante essa reação estereotipada da turma, o Filipe recusa-se a apresentar o seu brinquedo secreto.

Título: O bigode picante do avô Roberto

Autor: Vânia Leal Oliveira

Ilustrador: Elisabete Ross

Ano de Edição: 2015

Grupo Etário: 7 aos 12 anos

Género: Livros não-ficcionais narrativos – livro informativo

Temáticas: Saúde

Relação entre texto e imagem:

Narrativa paralela

Narrativa interdependente

Presença de elementos que remetem para a Açorianidade:

Não

Sim

Se sim, quais?

Resumo:

O avô da Luana, personagem principal, fica internado no hospital. O médico ensina à Luana o funcionamento dos pulmões e consciencializa-a para o efeito prejudicial do fumo para a saúde. A história termina quando o avô lhe promete que vai deixar de fumar.

Título: A curiosidade do Frederico

Autor: Vânia Leal Oliveira

Ilustrador: Elisabete Ross

Ano de Edição: 2015

Grupo Etário: 7 aos 12 anos

Género: Livros não-ficcionais narrativos – livro informativo

Temáticas: Saúde

Relação entre texto e imagem:

Narrativa paralela

Narrativa interdependente

Presença de elementos que remetem para a Açorianidade:

Não

Sim

Se sim, quais?

Resumo:

O Frederico vê os adultos a beberem vinho e fica com vontade de o provar. Os pais não permitem. Quando todos se deitam ele vai sozinho à cozinha e bebe vinho. O Frederico sente-se mal e vomita. Os pais fazem-no ver que o que ele fez não foi correto. Ele arrepende-se e não volta a fazê-lo.

Título: O coração de Luana

Autor: Vânia Leal Oliveira

Ilustrador: Elisabete Ross

Ano de Edição: 2015

Grupo Etário: 7 aos 12 anos

Género: Livros não-ficcionais narrativos – livro informativo

Temáticas: Saúde

Relação entre texto e imagem:

Narrativa paralela

Narrativa interdependente

Presença de elementos que remetem para a Açorianidade:

Não

Sim

Se sim, quais?

Resumo:

Esta história ensina o funcionamento do coração e a sua fisiologia, através de uma narrativa construída em torno de uma menina que sofre um problema no coração e que, depois de ser operada, a história encontra um final feliz.

Título: Que stress!!!

Autor: Vânia Leal Oliveira

Ilustrador: Elisabete Ross

Ano de Edição: 2016

Grupo Etário: 7 aos 12 anos

Género: Realismo Contemporâneo - escola

Temáticas: Saúde

Relação entre texto e imagem:

Narrativa paralela

Narrativa interdependente

Presença de elementos que remetem para a Açorianidade:

Não

Sim

Se sim, quais?

Resumo:

A Teresa e a Luana são amigas. Todavia, devido ao excesso de atividades da Teresa, elas nunca conseguem ter tempo para brincar. Em conversa com a mãe, a Luana percebe que esta realidade pode ser prejudicial para a própria saúde da Teresa.

Título: Joaquim Ervilha

Autor: Vânia Leal Oliveira

Ilustrador: Elisabete Ross

Ano de Edição: 2016

Grupo Etário: 7 aos 12 anos

Género: Livros não-ficcionais narrativos – livro informativo

Temáticas: Saúde

Relação entre texto e imagem:

Narrativa paralela

Narrativa interdependente

Presença de elementos que remetem para a Açorianidade:

Não

Sim

Se sim, quais?

Resumo:

O Joaquim é um menino que foi gozado na escola por ser gordo. Em conversa com a tia, ele percebe que deve fazer uma boa alimentação, tanto para ficar magro, saudável e também para evitar os diabetes.

Título: É Carnaval e ninguém leva a mal, pá!

Autor: Ana Isabel Ferreira, Isabel Pita e Almeida, Maria Graça Castanho e Rita Simas Bonança

Ilustrador: Bárbara Jasmins

Ano de Edição: 2015

Grupo Etário: 7 aos 12 anos

Género: Livros não-ficcionais narrativos – livro informativo

Temáticas: Festividades

Relação entre texto e imagem:

Narrativa paralela

Narrativa interdependente

Presença de elementos que remetem para a Açorianidade:

Não

Sim

Se sim, quais?

Carnaval.

Resumo:

A professora Rita explica à sua turma como é o Carnaval na ilha de São Miguel, bem como os costumes próprios da época.

Título: Era uma vez... mais uma vez

Autor: Sónia Sousa

Ilustrador: Frédéric Duhamel

Ano de Edição: 2016

Grupo Etário: 7 aos 12 anos

Género: Fantasia Moderna – seres pequenos

Temáticas: Ambiente

Relação entre texto e imagem:

Narrativa paralela

Narrativa interdependente

Presença de elementos que remetem para a Açorianidade:

Não

Sim

Se sim, quais?

Resumo:

História de uma gotinha de água que vai ao encontro do mar. Atravessa o deserto que representa os obstáculos que vai encontrando pelo caminho. A gotinha tem de ter força para atravessá-lo e superar o medo.

Título: O Anjo do Lago

Autor: Susana Teles Margarido

Ilustrador: Fedra Santos

Ano de Edição: 2010

Grupo Etário: 7 aos 12 anos

Género: Fantasia Moderna – mundos estranhos e curiosos

Temáticas: Natal

Relação entre texto e imagem:

Narrativa paralela

Narrativa interdependente

Presença de elementos que remetem para a Açorianidade:

Não

Sim

Se sim, quais?

Resumo:

As “flores de bruxa” são o elemento que faz desenrolar a ação. Uma mãe, na época do Natal, é envenenada pelos frutos silvestres que comeu e os filhos pensam que foi por causa das ditas flores. A filha vai à gruta da bruxa para acusá-la do mal que fez à mãe e depara-se com uma bruxa à beira da morte. A filha e o irmão salvam a bruxa, que afinal era um anjo enfeitiçado. Pela ajuda, a bruxa retribui o feito das crianças e cura a mãe. O desfecho da história acontece na noite de Natal.

Título: Coleção Contos e encantos das crianças marienses (4 volumes)

Autor: Crianças da ilha de Santa Maria

Ilustrador: Crianças da ilha de Santa Maria

Ano de Edição: 2003, 2005 e 2006

Grupo Etário: 7 aos 12 anos

Género: Fantasia Moderna

Temáticas: Aventuras e situações absurdas

Relação entre texto e imagem:

Narrativa paralela

Narrativa interdependente

Presença de elementos que remetem para a Açorianidade:

Não

Sim

Se sim, quais?

Toda a realidade em torno das histórias sugere uma ambiência açoriana.

Resumo:

Trata-se de um conjunto de histórias, repartidas por quatro volumes, que relatam as aventuras resultantes da imaginação das crianças das escolas de Santa Maria. Todas elas nos surpreendem com acontecimentos inesperados.

Título: O pinhal dos segredos e outras aventuras no Natal

Autor: Rúben Correia

Ilustrador: Aurélio Mesquita

Ano de Edição: 2012

Grupo Etário: 7 aos 12 anos

Género: Fantasia Moderna

Temáticas: Natal

Relação entre texto e imagem:

Narrativa paralela

Narrativa interdependente

Presença de elementos que remetem para a Açorianidade:

Não

Sim

Se sim, quais?

Resumo:

Conjunto de histórias que nos reportam a época do Natal, que nos envolve em diferentes aventuras, em que várias personagens desfilam, como por exemplo, o nosso já conhecido Pai Natal, figuras do presépio e amigos que são convidados a pertencer a este mundo de fantasia.

Título: Vamos à Festa do Senhor Santo Cristo, pá!

Autor: Ana Isabel Ferreira, Maria Graça Castanho, Rita Simas Bonança, Sónia Nicolau e Susana Margarido

Ilustrador: Bárbara Jasmins

Ano de Edição: 2015

Grupo Etário: 7 aos 12 anos

Género: Livros não-ficcionais narrativos – livros informativos

Temáticas: Festividades

Relação entre texto e imagem:

Narrativa paralela

Narrativa interdependente

Presença de elementos que remetem para a Açorianidade:

Não

Sim

Se sim, quais?

Festa do Senhor Santo Cristo.

Resumo:

A Carlota e o resto da turma da professora Rita vão à Festa do Senhor Santo Cristo e aprendem todos os costumes típicos desta festividade.

Título: O Gu e a Tita ajudam a avó Rita

Autor: Sónia Pimentel

Ilustrador: Elisabete Ross

Ano de Edição: 2017

Grupo Etário: 7 aos 12 anos

Género: Livros não-ficcionais narrativos – livros informativos

Temáticas: Saúde

Relação entre texto e imagem:

Narrativa paralela

Narrativa interdependente

Presença de elementos que remetem para a Açorianidade:

Não

Sim

Se sim, quais?

Resumo:

A história fala de duas crianças e dos seus avós. Uma vez que na escola estão a aprender o corpo humano e o seu funcionamento, nasce uma partilha de informações e esclarecimentos de dúvidas entre a realidade escolar e familiar. Através da vivência das personagens existe uma educação para a saúde e para os problemas que possam derivar de uma má alimentação.

Título: Pombois à descoberta

Autor: Sandra de Sousa Bairos

Ilustrador: Carol Roman

Ano de Edição: 2014

Grupo Etário: 7 aos 12 anos

Género: Livros não-ficcionais narrativos- livro informativo

Temáticas: Ambiente

Relação entre texto e imagem:

Narrativa paralela

Narrativa interdependente

Presença de elementos que remetem para a Açorianidade:

Não

Sim

Se sim, quais?

Espécies animais endémicas da ilha de Santa Maria.

Resumo:

A autora fala da natureza e de tudo o que nela deve ser preservado, típico da ilha de Santa Maria, através do relato da importância de Alberto Pombo. Por meio deste livro pretende-se a sensibilização para a preservação do património natural e cultural da ilha de Santa Maria, dando a conhecer as espécies que nela existem e que foram descobertas por esta personalidade.

Título: A Viagem do Pai Natal aos Açores

Autor: Ana Isabel Ferreira

Ilustrador: Michael Hudec

Ano de Edição: 2014

Grupo Etário: 7 aos 12 anos

Género: Dramático

Temáticas: Natal

Relação entre texto e imagem:

Narrativa paralela

Narrativa interdependente

Presença de elementos que remetem para a Açorianidade:

Não

Sim

Se sim, quais?

Saudade; baleias; mar; ilha.

Resumo:

Peça de teatro que decorre na época do Natal, onde desfilam personagens como uma estrelinha, o Pai Natal, a Mãe Natal, a duendina, a menina Clarinha e um polvo. Num ambiente de segredo e mistério vão revelando, a pouco e pouco, uma história de Natal.

Título: Um safari geológico em Santa Maria

Autor: Paula Botelho

Ilustrador: Paula Rocha

Ano de Edição: 2015

Grupo Etário: 7 aos 12 anos

Género: Livros não-ficcionais narrativos - livro informativo

Temáticas: Geologia

Relação entre texto e imagem:

Narrativa paralela

Narrativa interdependente

Presença de elementos que remetem para a Açorianidade:

Não

Sim

Se sim, quais?

Pontos turísticos mais importantes da ilha de Santa Maria.

Resumo:

Um geólogo que dá a conhecer a ilha de Santa Maria a um grupo de alunos. Eles passeiam por toda a ilha e conhecem os pontos principais através do olhar de um professor, cuja especialização é a Geologia.

Título: A Boneca de Trapos vai viajar e outras peças

Autor: Natália de Almeida

Ilustrador: Urbano

Ano de Edição: 2009

Grupo Etário: 7 aos 12 anos

Género: Dramático

Temáticas: Valores morais e éticos

Relação entre texto e imagem:

Narrativa paralela

Narrativa interdependente

Presença de elementos que remetem para a Açorianidade:

Não

Sim

Se sim, quais?

Resumo:

Conjunto de várias peças de teatro dedicadas a serem realizadas com fantoches e outras para palco. Através das personagens o leitor viaja por histórias como *Bilhetinhos de amor*, *A girafa vai ter um irmãozinho*, *Bixidi e Bixidó vão de férias de Páscoa*, *Os males do coração* e *A Boneca de Trapos vai viajar*.

Título: Uma família em apuros

Autor: Graça Castanho

Ilustrador: Joana Dias

Ano de Edição: 2002

Grupo Etário: 7 aos 12 anos

Género: Realismo Contemporâneo – problemáticas sociais

Temáticas: Violência doméstica

Relação entre texto e imagem:

Narrativa paralela

Narrativa interdependente

Presença de elementos que remetem para a Açorianidade:

Não

Sim

Se sim, quais?

Resumo:

História de uma família que, após o desemprego do pai, dá-se o início de uma instabilidade emocional, por parte desta personagem, o que desencadeia em violência doméstica, englobando os dois filhos e a esposa. Posteriormente, dá-se um encaminhamento do pai para acompanhamento psicológico, como também um apoio social no que respeita ao emprego. A partir desta estabilidade, a família volta a ser feliz.

Título: Ilha à vista

Autor: Rita Bonança

Ilustrador: Sandra Pinheiro

Ano de Edição: 2012

Grupo Etário: 7 aos 12 anos

Género: Livros não-ficcionais narrativos- livro informativo

Temáticas: História e património dos Açores

Relação entre texto e imagem:

Narrativa paralela

Narrativa interdependente

Presença de elementos que remetem para a Açorianidade:

Não

Sim

Se sim, quais?

Elementos representativos do arquipélago, nomeadamente o hino; a bandeira; as cores associadas a cada ilha.

Resumo:

História de uma professora que satisfaz a curiosidade dos alunos e dá a conhecer as ilhas dos Açores, desde a sua origem até à significância dos elementos representativos do arquipélago.

Título: A arte de reciclar

Autor: Rita Bonança e Mariana Cymbron

Ilustrador: Sofia Carolina Botelho

Ano de Edição: 2012

Grupo Etário: 7 aos 12 anos

Género: Livros não-ficcionais narrativos- livro informativo

Temáticas: Reciclagem

Relação entre texto e imagem:

Narrativa paralela

Narrativa interdependente

Presença de elementos que remetem para a Açorianidade:

Não

Sim

Se sim, quais?

Resumo:

O Malaquias era visto como o sabichão da escola e tinha o sonho de ser escritor. Um dia, ao ir para a escola, reparou num placard que fazia publicidade a uma gráfica. Ao falar com a professora decidiram fazer uma visita à gráfica e perceber o seu funcionamento. O Sr. Ernesto, gerente da gráfica, explica ao Malaquias todo o processo pelo o qual passa um livro até ser editado, bem como a importância de minimizar os resíduos perigosos gerados durante esse processo e a importância de reciclar. Sensibilizado pelo tema, o Malaquias decide, juntamente com a restante escola, criar um projeto de reciclagem de produtos.

Título: Os sonhos de Inês

Autor: Susana Teles Margarido

Ilustrador: Luis Roque, Ana do Rego Oliveira e Rui Costa

Ano de Edição: 2007

Grupo Etário: 7 aos 12 anos

Género: Fantasia Moderna – seres pequenos

Temáticas: Crença em mundos fantásticos

Relação entre texto e imagem:

Narrativa paralela

Narrativa interdependente

Presença de elementos que remetem para a Açorianidade:

Não

Sim

Se sim, quais?

Expressões textuais açorianas.

Resumo:

Os sonhos de Inês é uma história que alimenta a imaginação e a criatividade das crianças. Através das histórias contadas pela avó da personagem principal, fazem com que a crença num mundo fantástico e nos seres que lá vivem possam atravessar mundos e chegar à realidade. O portal para tal é a força de acreditar de cada criança.

Título: Quadros com histórias

Autor: Ângela Furtado Brum, Ana Rosa Costa, Corália Furtado, Fátima Sequeira Contente, Manuela Vaz de Medeiros, Margarida Enes e Maria do Carmo Correia

Ilustrador: Fátima Madruga

Ano de Edição: 2016

Grupo Etário: 7 aos 12 anos

Género: Literatura Tradicional - contos

Temáticas: Tradições

Relação entre texto e imagem:

Narrativa paralela

Narrativa interdependente

Presença de elementos que remetem para a Açorianidade:

Não

Sim

Se sim, quais?

Vivência açoriana; gastronomia e animais e a relação dos habitantes com esses elementos.

Resumo:

Este livro é resultado de uma aula de escrita criativa, promovida pela professora Ângela Furtado Brum. Trata-se de um conjunto de contos, da autoria das suas alunas, inspirados nos quadros da pintora Fátima Madruga. O leitor pode fazer uma viagem pelos contos *O burrico arco-íris*, *Fátima*, *A casinha misteriosa*, *O patusco sabichão*, *Uma viagem com a Lua*, *Os espantalhos coloridos* e *O Quim na apanha do milho*.

## APÊNDICE VIII – RESPOSTAS AOS INQUÉRITOS DIRIGIDOS ÀS BIBLIOTECAS PÚBLICAS DOS AÇORES

1. Na vossa Biblioteca existe um espaço/sala infantojuvenil?  
Sim.
  - 1.1. Este espaço/sala tem animadores ou responsáveis específicos?  
Sim.
2. A vossa Biblioteca possui livros de Literatura Açoriana para Crianças e Jovens?  
Sim.
  - 2.1. Se sim, quais os títulos dessas obras?  
*A tartaruga alfazema* de Paula Marques; *Princesa sobre rodas* de Flávia Medeiros; outros. (Como o inventário não está completo na seção infantil não é possível completar esta resposta em tempo útil.)
  - 2.2. Estes livros encontram-se separadas das restantes obras?  
Não.
3. A vossa Biblioteca realiza iniciativas para a promoção de obras de Literatura Açoriana para Crianças e Jovens?  
Não.
  - 3.1. Se sim, quais?
    - 3.1.1. Com que frequência?
    - 3.1.2. Essas iniciativas são da exclusiva responsabilidade da Biblioteca ou há articulação com as escolas?
      - 3.1.2.1. Se sim, como se processa essa articulação?
4. A vossa Biblioteca recorre ao Plano Regional de Leitura para a aquisição de obras açorianas para crianças e jovens, bem como para o desenvolvimento de atividades de promoção de leitura?  
Sim.

5. A vossa Biblioteca mantém-se a par das obras de Literatura Açoriana para Crianças e Jovens, que vão sendo editadas?

Sim.

5.1. Se sim, de que forma?

Através de correspondência eletrónica com editoras, DRAC, IAC e outros *sítes* de especialidade.

1. Na vossa Biblioteca existe um espaço/sala infantojuvenil?

R – Existem dois espaços em dois polos da biblioteca: um em Vila Franca do Campo outro na freguesia de Água d’Alto. Em Vila Franca do Campo existe uma Sala Infanto-Juvenil, para além da Sala de Leitura Geral onde também existe uma estante com livros para crianças e jovens; em Água d’Alto a Sala de Leitura Geral tem um recanto para crianças e estantes com as publicações destinadas ao público infantil e juvenil.

Este espaço/sala tem animadores ou responsáveis específicos?

R – Não, tem animadores esporádicos: professoras no Estagiar L, contadores de histórias e os trabalhadores da biblioteca

2. A vossa Biblioteca possui livros de Literatura Açoriana para Crianças e Jovens?

R - Sim

a. Se sim, quais os títulos dessas obras?

Milagre na Biblioteca : O Livro que não Gostava de Computadores / Humberta Maria Araújo ; Il. Lucas Araújo. - Vila Franca do Campo : Ilha Nova, 2002. - 34 p. : il.; 29 cm. -

Os Contadores de Histórias / Nicha Alvim ; Il. Bernardo Carvalho. - Ponta Delgada : Direcção Regional da Cultura, 2007. - 48 p. : il.; 23 cm. - (Retratos ; 1)

Contos de Lá / Direcção Regional das Comunidades ; Il. Margarida de Bem Madruga, rev. Álamo Oliveira. - Ponta Delgada : Presidência do Governo Regional dos Açores, 2009. - 75 p. : Il.; 22 cm. - Oferta da Direcção Regional das Comunidades. -

Princesa sobre Rodas / Flávia Medeiros ; Rev. Maria Elisa Vicente, Fotos Rui Silveira. - 1ª ed. - Ponta Delgada : Nova Gráfica, Lda, 2018. - [28] p. : muito il.; 22 cm. - Livro oferecido pela autora Flávia Medeiros

Orvalho / Flávia Medeiros ; Rev. Ana Lúcia Almeida, Il. Mike Maciel . - 1ª ed. - Angra do Heroísmo : UGA - União Gráfica Angrense, 2016. - [40] p. : il.; 22 cm.

Viagem no Tempo / Cláudia Tavares ; il. Olga Tavares. - Ribeira Grande : Amigos dos Açores, 2008. - 16 p. : il.; 21 cm

Amigos dos Açores com os Golfinhos / Maria Leonor Santos Galhardo. - Ponta Delgada : [S.N.], 1994 ; [Ponta Delgada: -- : Nova Gráf.]. - 12 p. : il.; 21 cm.

As Plantas Invasoras : Uma história contada pela Faia-da-terra / Luís Filipe Dias Silva. - Ponta Delgada : [S.N.], 2007. - 16 p. : il.; 21 cm. - Associação ambiental Amigos dos Açores / Ecoteca da Ribeira Grande

O Mundo das Plantas / Ecoteca. - Ponta Delgada : Secretaria Regional do Ambiente e do Mar, 2005. - 6 p. : il.; 32 cm

Tomás de Borba : Trovador das gentes novas / Duarte Gonçalves-Rosa ; il. Manuel d' Olivares. - Ponta Delgada : Presidência do Governo Regional dos Açores : Direcção Regional da Cultura, 2010. - 51, [2]p. : il.; 23 cm. - (Retratos ; 10). - Livro oferecido pela Direcção Regional da Educação e Cultura de Angra do Heroísmo

À Descoberta das Figuras Mistério / Emanuel Santos. - Ponta Delgada : Publiçor, 2017. - 60 p. 30 cm.

113 Anos do Bilhete Postal Ilustrado Açoriano / José Duarte da Silva Vaz Teixeira. - Vila Franca do Campo : Galeria Dr<sup>a</sup> Augusto Simas, 2007. - 4 p. : il.; 21 cm. - 3 Exemplares. - Exposição de Cartografia, por José Vaz Teixeira, que teve lugar no Centro Cultural de VFC de 22 junho a 25 julho 2007

Menina - Mulher : Poemas / Lucilia B. Alexandre. - Vila Franca do Campo : Ilha Nova, 2004. - 61 p., 21 cm

O Homem que Falava com as Flores : Manuel de Arriaga / José Vaz ; Il. Helena Magalhães. - Angra do Heroísmo : Presidência do Governo Regional dos Açores, 2010. - 41 p. : il.; 23 cm. - (Retratos ; 9). - Livro oferecido pela Secretaria Regional da Educação e Cultura de Angra do Heroísmo

Emigrante do Paraíso : As quatro estações de António Dacosta / Álvaro Magalhães ; il. Pedro Pires. - Angra do Heroísmo : Presidência do Governo dos Açores - Direcção Regional da Cultura, 2010. - [50] p. : il.; 23 cm. - (Retratos ; 6). - Livro oferecido pela Direcção Regional da Educação e Cultura de Angra do Heroísmo

Tenente-Coronel José Agostinho / António Mota ; Il. Júlio Vanzeler. - Angra do Heroísmo : Presidência do Governo Regional dos Açores : Direcção Regional da Cultura, 2010. - 40 p. : il.; 23 cm. - (Retratos ; 7). - Livro oferecido pela Direcção Regional da Educação e Cultura de Angra do Heroísmo

Violante do Canto : Rainha de Angra / Alice Vieira ; Il. Danuta Wojciechowska. - Angra do Heroísmo : Presidência do Governo Regional dos Açores , 2008. - 49, [9] p. : il.; 23 cm. - (Retratos ; 3). - Livro oferecido pela Direcção Regional da Educação e Cultura de Angra do Heroísmo

O Canto livre de Afrodite : Uma biografia de Natália Correia / Ana Saldanha ; il. José Miguel Ribeiro. - Angra do Heroísmo : Presidência do Governo Regional dos Açores, 2010. - 45, [3] p. : il.; 23 cm. - (Retratos ; 8). - Livro oferecido pela Direcção Regional da Educação e Cultura de Angra do Heroísmo

Bartolomeu : Teatro / Daniel de Sá. - Angra do Heroísmo : Direcção Regional dos Assuntos Culturais, 1988. - 71, [6] p. 21 cm. - (Gaivota ; 64)

b. Estes livros encontram-se separadas das restantes obras?

R – Sim e não: uns estão na sala de leitura infanto-juvenil e outros na Sala de Leitura, em Vila Franca do Campo; em Água d'Alto a Sala de Leitura é geral.

3. A vossa Biblioteca realiza iniciativas para a promoção de obras de Literatura Açoriana para Crianças e Jovens?

R - Não especificamente.

a. Se sim, quais?

i. Com que frequência?

ii. Essas iniciativas são da exclusiva responsabilidade da Biblioteca ou há articulação com as escolas?

R - As iniciativas de promoção de leitura na Biblioteca são sempre de iniciativa e exclusiva responsabilidade da Biblioteca e inserem-se no nosso plano de atividades que engloba serviços educativos.

1. Se sim, como se processa essa articulação?

4. A vossa Biblioteca recorre ao Plano Regional de Leitura para a aquisição de obras açorianas para crianças e jovens, bem como para o desenvolvimento de atividades de promoção de leitura?

R – Não.

5. A vossa Biblioteca mantém-se a par das obras de Literatura Açoriana para Crianças e Jovens, que vão sendo editadas?

6. R - Sim

a. Se sim, de que forma?

R – Através da informação recolhida na imprensa ou por divulgação das editoras.

1. Na vossa Biblioteca existe um espaço/sala infantojuvenil?  
Sim. Um espaço infantil e outro juvenil. O infantil encontra-se na zona à entrada da biblioteca e o da juvenil encontra-se na sala de leitura, numa área separada dos adultos.
  - 1.1. Este espaço/sala tem animadores ou responsáveis específicos?  
O Espaço infantil tem responsáveis específicos.
  
2. A vossa Biblioteca possui livros de Literatura Açoriana para Crianças e Jovens?
  - 2.1. Se sim, quais os títulos dessas obras?
    - “A lenda das sete cidades” de Mariana Bradfod, Mariana Magalhães, Joana Medeiros
    - “A história do Zeca Garro” de Filipe Lopes e Carla Goulart Silva
    - Coleção “Férias nos Açores” de Regina Tristão da Cunha
    - “O ciclone e a ilha” de Fraga Goulart
  - 2.2. Estes livros encontram-se separadas das restantes obras?  
Não.
  
3. A vossa Biblioteca realiza iniciativas para a promoção de obras de Literatura Açoriana para Crianças e Jovens?  
Não
  - 3.1. Se sim, quais?
    - 3.1.1. Com que frequência?
    - 3.1.2. Essas iniciativas são da exclusiva responsabilidade da Biblioteca ou há articulação com as escolas?
      - 3.1.2.1. Se sim, como se processa essa articulação?

4. A vossa Biblioteca recorre ao Plano Regional de Leitura para a aquisição de obras açorianas para crianças e jovens, bem como para o desenvolvimento de atividades de promoção de leitura?

Na infantil sim.

5. A vossa Biblioteca mantém-se a par das obras de Literatura Açoriana para Crianças e Jovens, que vão sendo editadas?

5.1. Se sim, de que forma?

Através do Plano Regional de Leitura.

1. Na vossa Biblioteca existe um espaço/sala infantojuvenil?

sim

1.1. Este espaço/sala tem animadores ou responsáveis específicos?

Sim, dois elementos

2. A vossa Biblioteca possui livros de Literatura Açoriana para Crianças e Jovens?

sim

2.1. Se sim, quais os títulos dessas obras?

Todos os títulos da coleção Retratos;

Livros dos autores: Pedro Almeida Maia, Patrícia Carreiro, Flávia Medeiros, Cristina Quental e Mariana Magalhães, Susana Margarido, entre outros.

2.2. Estes livros encontram-se separadas das restantes obras?

A BMDS possui um fundo intitulado Fundo Geral Açores, onde constam obras escritas por Açorianos, ou por residentes nos Açores. No entanto, optamos por incluir estes livros no fundo das salas infantil e juvenil, facilitando desta forma o seu acesso.

3. A vossa Biblioteca realiza iniciativas para a promoção de obras de Literatura Açoriana para Crianças e Jovens?

sim

3.1. Se sim, quais?

Sim, promovemos diversas atividades sobre Daniel de Sá e Onésimo Teotónio de Almeida para o público juvenil.

Ao longo do ano de 2018 foram promovidas atividades baseadas na obra de Susana Teles Margarida, para o público juvenil, numa colaboração entre a BMDS e a Rede Regional de bibliotecas Escolares.

Para o infantil são trabalhadas as obras da coleção onde vamos hoje de Cristina Quental e Mariana Magalhães.

3.1.1. Com que frequência?

A frequência varia de acordo com as solicitações das escolas. Ao longo do ano de 2018 realizamos cerca de 23 sessões para o público juvenil – sobre os autores açorianos.

Ao longo do ano para o público infantil não foram realizadas atividades sobre autores açorianos. Mas foram trabalhadas obras referenciadas pelo Plano Nacional de leitura, numa articulação direta com os professores e educadores de infância responsáveis pelas turmas que frequentam o nosso serviço educativo.

3.1.2. Essas iniciativas são da exclusiva responsabilidade da Biblioteca ou há articulação com as escolas?

Ocorre de ambas as formas

3.1.2.1. Se sim, como se processa essa articulação?

As atividades que são organizadas pela BMDS chegam às escolas e IPSS através da divulgação das mesmas.

Algumas atividades iniciam a sua articulação no ano letivo anterior como é o caso do projeto “Um livro, um sorriso”, destinado ao pré-escolar, sendo um projeto com seguimento.

Participamos ainda em algumas feiras e atividades escolares, fruto de um convite das mesmas.

4. A vossa Biblioteca recorre ao Plano Regional de Leitura para a aquisição de obras açorianas para crianças e jovens, bem como para o desenvolvimento de atividades de promoção de leitura?

Sim, temos feito um esforço neste sentido. Muito embora algumas obras sejam muito difíceis de adquirir.

Algumas obras têm chegado à BMDS fruto de ofertas dos próprios autores, do Governo Regional e de algumas gráficas.

5. A vossa Biblioteca mantém-se a par das obras de Literatura Açoriana para Crianças e Jovens, que vão sendo editadas?

5.1. Se sim, de que forma?

Sim, através de uma aquisição anual de livros de autores açorianos, para os fundos de adultos e crianças.

1. Na vossa Biblioteca existe um espaço/sala infantojuvenil?

Existe sim

1.1. Este espaço/sala tem animadores ou responsáveis específicos?

Tem sim

2. A vossa Biblioteca possui livros de Literatura Açoriana para Crianças e Jovens?

Possui

2.1. Se sim, quais os títulos dessas obras?

Heróis à Moda dos Açores de vários autores

Um Naufrágio nos Açores de Rita Cortez de Matos

A História do Zeca Garro de Filipe Lopes e Carla Goulart Silva

Um Conto de Natal de Gabriela Silva

2.2. Estes livros encontram-se separadas das restantes obras?

Não, encontram-se no fundo infantil e Juvenil

3. A vossa Biblioteca realiza iniciativas para a promoção de obras de Literatura Açoriana para Crianças e Jovens?

Sim

3.1. Se sim, quais?

Horas do conto

Ilustração de excertos de obras

Leitura em voz alta

3.1.1. Com que frequência?

Algumas vezes por mês

3.1.2. Essas iniciativas são da exclusiva responsabilidade da Biblioteca ou há articulação com as escolas?

São da responsabilidade da Biblioteca

3.1.2.1. Se sim, como se processa essa articulação?

4. A vossa Biblioteca recorre ao Plano Regional de Leitura para a aquisição de obras açorianas para crianças e jovens, bem como para o desenvolvimento de atividades de promoção de leitura?

Tentamos estar sempre atualizados com as novidades, mesmo não as adquirindo, mas dando sempre a conhecer aos jovens.

5. A vossa Biblioteca mantém-se a par das obras de Literatura Açoriana para Crianças e Jovens, que vão sendo editadas?

Sim sempre

5.1. Se sim, de que forma?

Através de mail das editoras e da colaboração com outras bibliotecas a nível regional

1. Na vossa Biblioteca existe um espaço/sala infantojuvenil?

Sim

1.1. Este espaço/sala tem animadores ou responsáveis específicos?

Neste momento não.

2. A vossa Biblioteca possui livros de Literatura Açoriana para Crianças e Jovens?

Poucos

2.1. Se sim, quais os títulos dessas obras?

Por exemplo: “Antes morrer livres”, “A história do Zeca Garro”, “Luna e as ilhas fantásticas”, “... se o mundo fosse como eu penso”, “Orvalho”, “<Um >Natal encantado”, “Minha querida avó”, etc.

Como não temos uma classificação específica para os livros de literatura açoriana infantil, não é rápida a recuperação da informação pelo sistema informático.

2.2. Estes livros encontram-se separadas das restantes obras?

Não, estão integrados nas publicações para crianças e jovens, ou na literatura infantil e juvenil.

3. A vossa Biblioteca realiza iniciativas para a promoção de obras de Literatura Açoriana para Crianças e Jovens?

Não especificamente para literatura açoriana, mas no geral, podendo incluir naturalmente livros de literatura açoriana.

3.1. Se sim, quais?

3.1.1. Com que frequência?

3.1.2. Essas iniciativas são da exclusiva responsabilidade da Biblioteca ou há articulação com as escolas?

3.1.2.1. Se sim, como se processa essa articulação?

4. A vossa Biblioteca recorre ao Plano Regional de Leitura para a aquisição de obras açorianas para crianças e jovens, bem como para o desenvolvimento de atividades de promoção de leitura?

Para aquisições, que são raras, recorreremos ao Plano Nacional de Leitura, algumas vezes com a opinião de professores da escola local.

5. A vossa Biblioteca mantém-se a par das obras de Literatura Açoriana para Crianças e Jovens, que vão sendo editadas?

Infelizmente não.

- 5.1. Se sim, de que forma?

1. Na vossa Biblioteca existe um espaço/sala infantojuvenil?

A zona de biblioteca é muito reduzida, portanto esta área foi eliminada.

1.1. Este espaço/sala tem animadores ou responsáveis específicos?

2. A vossa Biblioteca possui livros de Literatura Açoriana para Crianças e Jovens?

Sim.

2.1. Se sim, quais os títulos dessas obras?

A Princesa sobre rodas – Flávia Medeiros;

A Boneca de trapos vai viajar e outras peças – Natália Almeida;

O menino músico – Regina Tristão da Cunha;

Kathy na ilha Terceira– Regina Tristão da Cunha;

Kathy na ilha de São Miguel– Regina Tristão da Cunha;

Kathy na ilha de Santa Maria – Regina Tristão da Cunha;

Kathy na ilha do Pico – Regina Tristão da Cunha;

Kathy na ilha de São Jorge – Regina Tristão da Cunha;

Kathy na ilha do Faial – Regina Tristão da Cunha;

Kathy na ilha da Graciosa– Regina Tristão da Cunha;

Kathy na ilha das Flores– Regina Tristão da Cunha;

Kathy na ilha do Corvo – Regina Tristão da Cunha;

2.2. Estes livros encontram-se separadas das restantes obras?

Não.

3. A vossa Biblioteca realiza iniciativas para a promoção de obras de Literatura Açoriana para Crianças e Jovens?

Sim.

3.1. Se sim, quais?

Semanas da Leitura junto das escolas da ilha e sessões de leitura para bebés.

3.1.1. Com que frequência?

Ambas as iniciativas realizam-se anualmente.

3.1.2. Essas iniciativas são da exclusiva responsabilidade da Biblioteca ou há articulação com as escolas?

Sim.

3.1.2.1. Se sim, como se processa essa articulação?

Esta articulação processa-se através de contatos com os concelhos executivos e as professoras responsáveis pelas bibliotecas.

4. A vossa Biblioteca recorre ao Plano Regional de Leitura para a aquisição de obras açorianas para crianças e jovens, bem como para o desenvolvimento de atividades de promoção de leitura?

Sim, sem dúvida.

5. A vossa Biblioteca mantém-se a par das obras de Literatura Açoriana para Crianças e Jovens, que vão sendo editadas?

Sim, tentamos.

5.1. Se sim, de que forma?

Via online, contudo por vezes verificamos que desconhecemos muitos títulos publicados.

1. Na vossa Biblioteca existe um espaço/sala infantojuvenil?

Existe uma Sala de Leitura Infantojuvenil que possui um Fundo Documental direcionado a estas faixas etárias, bem como a docentes.

1.1. Este espaço/sala tem animadores ou responsáveis específicos?

A Sala de Leitura Infantojuvenil é da responsabilidade da Chefe de Divisão de Biblioteca, e não possui animadores. Todavia, a instituição possui um Serviço Socioeducativo, no qual duas mediadoras da leitura (designação e funções diferentes de uma animadora) dinamizam, em diferentes espaços e para diferentes públicos, atividades de Promoção do Livro e da Leitura, e que fazem também atendimento ao público na referida sala.

2. A vossa Biblioteca possui livros de Literatura Açoriana para Crianças e Jovens?

Sim.

2.1. Se sim, quais os títulos dessas obras?

- A terra dos Biosotis / Madruga, Fátima
- História do Maio / Almeida, Natália
- A velhinha do cestinho dos ovos / Almeida, Natália
- O pássaro de papelão / Madruga, Fátima
- Educar na paz / Direcção Escolar de Ponta Delgada
- Natal / Centro de Recursos Educativos da Direcção Escolar de Ponta Delgada
- Nos 10 anos de autonomia regional : no 1º centenário da criação das escolas Várzea-Sete Cidades / Direcção Escolar de Ponta Delgada
- A filatelia ao serviço do ensino / Direcção Escolar de Ponta Delgada
- Romeiros de S. Miguel : 1534-1984: nos 450 anos da Diocese de Angra e ilhas dos Açores / Direcção Escolar de Ponta Delgada
- Vamos viver o culto do senhor Santo Cristo dos Milagres / Direcção Escolar de Ponta Delgada
- Vamos viver o Natal / Direcção Escolar de Ponta Delgada
- Vamos viver o Pentecostes / Direcção Escolar de Ponta Delgada
- Noções gerais de apicultura / Secretaria Regional de Agricultura e Pescas, Centro Apícola Regional
- Um país chamado infância / Madalena Gomes

- Uma história grandiosa / adapt. do romance vou contar uma história por Natália de Almeida
- A velhinha do cestinho dos ovos / adapt. da narração de Alzira Almeida Pavão por Natália Correia
- A macieira tuti-fruti / Des. e textos...dos responsáveis pela Biblioteca Juvenil, Direcção Escolar de Ponta Delgada
- Uma família em apuros / Graça Castanho
- Contos tradicionais açorianos / Ângela Furtado-Brum
- Quando for grande quero ser pai! / Susana Teles Margarido
- Boneca de trapos: teatro para crianças: A festa na Arribana / Natália Almeida
- A lenda das Sete Cidades / Mariana Bradford, Mariana Magalhães, Joana Medeiros
- Lenga-lengas / Lucília Amaral, Paulo Rocha
- A lenda de Angra do Heroísmo. A lenda das Sete Cidades / Sónia Terra, Paulo Fialho, César Terra ; coord. Maria José Oliveira Lourenço
- Nós e o mar; selecção dos textos [de ]Lúcia Rocha; [textos dos alunos da turma 2 do 7ºano da EB 2, 3 Angra do Heroísmo]
- Professora de Filosofia... que cont(a)os? / Natália Almeida
- À descoberta do mar; coord. Natália Almeida; Escola EB/JI Prof. Dr. Alexandre Linhares Furtado
- Diferentes = iguais em direitos... demonstra / Natália Almeida, Susana Teles Margarido
- O caso do fastio / Natália de Almeida
- Bixidi e bixidó...com o fantasma e outras peças / Natália Almeida
- Os dentes da bruxa Ritucha / Rita Bonança
- O menino perdido / Susana Teles Margarido
- Leonor no Núcleo de Arte Sacra do Museu Carlos Machado / texto de Maria Emanuel Albergaria
- Um Natal encantado / Susana Teles Margarido
- Ciclo do pão / Cristina Quental e Mariana Magalhães
- Ciclo do leite / Cristina Quental e Mariana Magalhães
- Ciclo do mel / Cristina Quental e Mariana Magalhães
- Ciclo do azeite / Cristina Quental e Mariana Magalhães

- Luna e as ilhas fantásticas dos Açores / Susana Teles Margarido
- Kathy em São Jorge / Regina Tristão da Cunha
- Kathy na Graciosa / Regina Tristão da Cunha
- Kathy no Pico / Regina Tristão da Cunha
- Kathy no Faial / Regina Tristão da Cunha
- Kathy no Corvo / Regina Tristão da Cunha
- Kathy nas Flores / Regina Tristão da Cunha
- Kathy em Santa Maria / Regina Tristão da Cunha
- Kathy em São Miguel / Regina Tristão da Cunha
- O menino músico: Francisco de Lacerda / texto de Regina Tristão da Cunha
- A oficina do Pai Natal / Cristina Quental e Mariana Magalhães
- A boneca de trapos vai viajar e outras peças / Natália de Almeida
- Um lugar chamado Açores: descobrimento e povoamento / Alexandra Castela e Elsa A. Melo Gouveia
- Ciclo do arroz / Cristina Quental e Mariana Magalhães
- Ciclo da água / Cristina Quental e Mariana Magalhães
- A arte de reciclar / Rita Bonança e Mariana Cymbron
- O Natal com um sabor diferente / Rita Bonança e Mariana Cymbron
- Indiferença / Rui Jorge Cabral
- D. Silvana / Natália de Almeida
- A menina / Natália de Almeida
- Bixidi e bixidó...fazem a festa juntos e outras peças / Natália Almeida
- Kathy na Terceira / Regina Tristão da Cunha
- Histórias de palmo e meio / Manuel Francisco Anjos
- Ilha à vista / Rita Bonança
- A aventura do Delfim / Mafalda Moniz
- Um lugar chamado Açores: terra de baleeiros / Alexandra Castela e Elsa Melo Gouveia
- Guga e o segredo da estrela da manhã / Paula Casals
- Diário do meu segredo / Susana Teles Margarido
- Ciclo do chocolate / Cristina Quental e Mariana Magalhães
- Tomaz com Z: a história de uma vida feliz / Teresa Viveiros
- A lenda da ilha dos golfinhos / Rita Moniz

- O Natal está em apuros / Rita Moniz
- Gaspar Frutuoso / Cristina Quental e Mariana Magalhães
- O primeiro dia de aulas / Célia Barreto Carvalho, Suzana Nunes Caldeira e Pedro Almeida Maia
- Ciclo da cortiça / Cristina Quental e Mariana Magalhães
- Os vencedores do medo / Célia Barreto Carvalho, Suzana Nunes Caldeira e Pedro Almeida Maia
- Pauleta / Cristina Quental e Mariana Magalhães
- A viagem do Pai Natal aos Açores / Ana Isabel Ferreira
- Sahar a rapariga do véu / Susana Teles Margarido
- A princesa do povo / Helena Ranha e Mariana Marta
- 5 contos para ler e brincar / Ana Isabel Cabral Arruda Ferreira, Ângela Furtado-Brum, Cristina Quental, Mariana Magalhães, Regina de Azevedo Pires Toste Tristão da Cunha
- Contos do rei não sei / João Rodrigues
- Quadros com histórias: avó, conta-me um caso! / Ângela Furtado-Brum, Ana Rosa Costa, Corália Furtado, Fátima Sequeira Contente, Manuela Vaz de Medeiros, Margarida Enes e Maria do Carmo Correia
- Joaquim Ervilha / Vânia Leal Oliveira
- É Carnaval e ninguém leva a mal, pá! / Ana Isabel Ferreira, Isabel Pita e Almeida, Maria Graça castanho e Rita Simas Bonança
- A lenda da Maria Encantada / José Jorge de Melo
- A minha baleia / il. e texto Escola Básica Integrada Canto da Maia; alunos Afonso Pereira
- Orvalho / Flávia Medeiros
- Especialmente / Flávia Medeiros
- O tempo não para / Catarina C. Guimarães e Nuno P. Nunes
- Poesia no jardim / Sandra Fernandes
- Horas de silêncio / Rosália Cordeiro
- As fadas / Antero de Quental

2.2. Estes livros encontram-se separadas das restantes obras?

Sim. Estão em prateleiras identificadas como fundo Açores, o qual é composto por obras de autores açorianos ou obras que versam temáticas açorianas.

3. A vossa Biblioteca realiza iniciativas para a promoção de obras de Literatura Açoriana para Crianças e Jovens?

Não.

- 3.1. Se sim, quais?

3.1.1. Com que frequência?

3.1.2. Essas iniciativas são da exclusiva responsabilidade da Biblioteca ou há articulação com as escolas?

3.1.2.1. Se sim, como se processa essa articulação?

4. A vossa Biblioteca recorre ao Plano Regional de Leitura para a aquisição de obras açorianas para crianças e jovens, bem como para o desenvolvimento de atividades de promoção de leitura?

Não.

5. A vossa Biblioteca mantém-se a par das obras de Literatura Açoriana para Crianças e Jovens, que vão sendo editadas?

Algumas vezes.

- 5.1. Se sim, de que forma?

Nas livrarias, aquando das aquisições.

1. Na vossa Biblioteca existe um espaço/sala infantojuvenil?

*Sim*

1.1. Este espaço/sala tem animadores ou responsáveis específicos?

*Não (já teve!)*

2. A vossa Biblioteca possui livros de Literatura Açoriana para Crianças e Jovens?

*Sim*

2.1. Se sim, quais os títulos dessas obras?

*Colecção da Kathy de Regina Tristão da Cunha, Colecção Retratos (obra editada pela presidência do governo regional), A História de ZecaGarro de Filipe Lopes, O lugar das nuvens azuis, A maldição do Solitá, O Papel misterioso, Aventura nos Açores de André Campos, A Terra dos Biosóti de Fátima Madruga, Luizão no bosque das faias, Zé Grão de Areia e outras histórias, Luna e as ilhas fantásticas dos Açores, Contos de Lá, A Aventura do Delfim, Finalmente árvore, A árvore Afonso Prata, Os vulcões dos Açores - guia infantil, Aventuras e desventuras no verão de 1576 - Corsários franceses atacam Vila do Porto, Quadros com Histórias - Avó, conta-me um caso!, Orvalho e, por fim, Especialmente.*

2.2. Estes livros encontram-se separados das restantes obras?

*Não*

3. A vossa Biblioteca realiza iniciativas para a promoção de obras de Literatura Açoriana para Crianças e Jovens?

*Não*

3.1. Se sim, quais?

3.1.1. Com que frequência?

3.1.2. Essas iniciativas são da exclusiva responsabilidade da Biblioteca ou há articulação com as escolas?

3.1.2.1. Se sim, como se processa essa articulação?

4. A vossa Biblioteca recorre ao Plano Regional de Leitura para a aquisição de obras açorianas para crianças e jovens, bem como para o desenvolvimento de atividades de promoção de leitura? *Não, esta biblioteca não conta com orçamento para aquisição de livros há vários anos!*

5. A vossa Biblioteca mantém-se a par das obras de Literatura Açoriana para Crianças e Jovens, que vão sendo editadas?

*Sim*

5.1. Se sim, de que forma?

*Através da consulta nas editoras, da correspondência recebida das editoras e pela consulta de catálogos bibliográficos de outras bibliotecas*

1. Na vossa Biblioteca existe um espaço/sala infantojuvenil?  
Sim
  - 1.1. Este espaço/sala tem animadores ou responsáveis específicos?  
Não
2. A vossa Biblioteca possui livros de Literatura Açoriana para Crianças e Jovens?  
Sim
  - 2.1. Se sim, quais os títulos dessas obras?  
Kathy em...  
Que stress!  
O bigode picante do avô Roberto  
Joaquim ervilha  
A curiosidade de Frederico  
O coração de Luana  
Uma história grandiosa  
Diferentes = iguais em direitos... demonstra!  
O menino músico
  - 2.2. Estes livros encontram-se separadas das restantes obras?  
Não
3. A vossa Biblioteca realiza iniciativas para a promoção de obras de Literatura Açoriana para Crianças e Jovens?  
Não
  - 3.1. Se sim, quais?
    - 3.1.1. Com que frequência?
    - 3.1.2. Essas iniciativas são da exclusiva responsabilidade da Biblioteca ou há articulação com as escolas?
      - 3.1.2.1. Se sim, como se processa essa articulação?
4. A vossa Biblioteca recorre ao Plano Regional de Leitura para a aquisição de obras açorianas para crianças e jovens, bem como para o desenvolvimento de atividades de promoção de leitura?

Não

5. A vossa Biblioteca mantém-se a par das obras de Literatura Açoriana para Crianças e Jovens, que vão sendo editadas?

Não

- 5.1. Se sim, de que forma?

1. Sim

1.1 Sim

2. Sim

2.1. Princesa Sobre Rodas; Kathy em S. Jorge; Orvalho; Contos Tradicionais Açorianos; O Lugar das Nuvens Azuis; As danças do entrudo, uma festa do Povo; A balada das baleias; Pai, a sua bênção; Arquipélago; Lunetas e Outras Solidões, A fada do Ouvidor.

2.2. Dentro do espaço infanto-juvenil, não, no espaço dedicado aos adultos algumas das obras (juvenis) acima descritas, encontram-se separadas na temática de literatura açoriana.

3. Sim

3.1 Hora do Conto

3.1.1 Pontualmente

3.1.2 Há articulação com escolas e IPSS.

3.1.2.1. Entre os docentes ou responsáveis das instituições e os colaboradores da Biblioteca através de pré-agendamento.

4. Até à data não, mas a próxima aquisição considerou o Plano Regional de Leitura e irá adquirir as obras: Um Natal Encantado; Os Vencedores do Medo; Viagem do Pai Natal aos Açores; A Mulher de Porto Pim; Meridiano 28; Estórias Açorianas; A Borbulha do Rabo. Poemas Terríveis para Meninos Terríveis.

5. Sim

5.1 Através do Plano Regional de Leitura, Divulgações do Governo Regional, catálogos de editoras e conselhos dos próprios leitores.

1. Na vossa Biblioteca existe um espaço/sala infantojuvenil?

Sim

1.1. Este espaço/sala tem animadores ou responsáveis específicos?

Sim.

2. A vossa Biblioteca possui livros de Literatura Açoriana para Crianças e Jovens? Sim.

2.1. Se sim, quais os títulos dessas obras?

A arte de reciclar, Mariana Cymbron;

A maldição do Solitá, Edição da AJISM;

O lugar das nuvens azuis, Edição da AJISM;

5 contos para ler e brincar, Ana Isabel D'Arruda;

A aventura do Delfim, Mafalda Moniz;

Ciclo do Leite + Ciclo do mel + Ciclo do Pão + Ciclo do azeite + Pauleta + Gaspar Frutuoso, Cristina Quental e Mariana Magalhães;

São Miguel à beira-mar, Mafalda Moniz;

Os vulcões dos Açores, Eva Almeida Lima;

Açorianite aguda, Luís Cardoso;

A boneca de trapos vai viajar e outras peças, Natália de Almeida;

A viagem do Pai Natal aos Açores, Ana Isabel Ferreira;

Vasquinho e o pequeno-almoço, Tânia Rocha;

Ilhas à vista, Trita Bonança;

Quadros com histórias, Ângela Furtado-Brum;

Amizade a preto e branco, Patrícia Carreiro;

Os dentes da bruxa Rituxa, Rita Bonança;

Kamel e a lâmpada árabe + O pinhal dos segredos + O planeta fogo, Rúben Correia;

Minha querida avó + Sou diferente sou fantástico + Quando for grande... quero ser pai! + Diário do meu segredo + De outra cor + Luna e as ilhas fantásticas + O anjo do lago, Susana Teles Margarido;

História do Zeca Garro, Filipe Lopes;

A viagem da Aurora, Madalena San-Bento;

A viagem da Mena, Filomena Vale;  
Os vencedores do medo, Célia Barreto Carvalho;  
Tomaz com Z, Teresa Viveiros;  
Coleção Retratos (11 volumes)  
Um lugar chamado Açores: Terra de Baleeiros + Um lugar chamado Açores:  
Descobrimento e Povoamento, Alexandra Castela;  
O guirilampo, Sónia Sousa;  
Contos tradicionais açorianos de Teófilo Braga, Anabela Mimoso;  
Orvalho, Especialmente, Flávia Medeiros;  
Leonor no Núcleo de Arte Sacra do Museu Carlos Machado, Maria Emanuel  
Albergaria;  
As fadas, Antero de Quental;  
Histórias do entardecer, Fernando Aires;  
O Deus dos últimos, Daniel da Sá;  
Mar pela proa, Dias de Melo;  
Por ti Mariana, Helena Ranha;  
Mau tempo e má sorte - contos pouco exemplares, Leonor Sampaio da Silva;  
O barco e o sonho, Manuel Ferreira;  
O museu em sua casa, Museu Carlos Machado;  
As ilhas desconhecidas, Raúl Brandão;  
Herdar estrelas, Tomaz Borba Vieira;  
Que paisagem apagarás + Africa Frente e Verso, Urbano Bettencourt;  
Isabel de Aragão Rainha Santa, Vitorino Nemésio;  
Páginas sobre açorianidade, António M. B. Machado Pires;  
Sonetos completos, Antero de Quental;  
Mau tempo no canal, Vitorino Nemésio;  
Raiz comovida, Cristóvão de Aguiar;  
30 crónicas, Emanuel Jorge Botelho;  
Da Anunciada, Madalena San-Bento;  
Gente feliz com lágrimas, João de Melo.

2.2. Estes livros encontram-se separadas das restantes obras?

Sim.

3. A vossa Biblioteca realiza iniciativas para a promoção de obras de Literatura Açoriana para Crianças e Jovens?

Sim.

3.1. Se sim, quais?

Apresentações de livros, Encontro com Escritores, Feiras do Livro, Horas do Conto.

3.1.1. Com que frequência?

Num ano, entre cinco a seis eventos/atividades.

3.1.2. Essas iniciativas são da exclusiva responsabilidade da Biblioteca ou há articulação com as escolas?

A biblioteca organiza, agenda e dinamiza as atividades, ou no espaço da biblioteca ou junto das escolas.

3.1.2.1. Se sim, como se processa essa articulação?

Consoante disponibilidade ou autonomia de se dirigirem à biblioteca (uma vez que é necessário recurso ao autocarro da autarquia), os pedidos de atividades podem ser feitos pelas instituições à biblioteca ou entramos em contacto com as escolas a convidar turmas a participar num determinado evento.

4. A vossa Biblioteca recorre ao Plano Regional de Leitura para a aquisição de obras açorianas para crianças e jovens, bem como para o desenvolvimento de atividades de promoção de leitura?

Sim.

5. A vossa Biblioteca mantém-se a par das obras de Literatura Açoriana para Crianças e Jovens, que vão sendo editadas?

Sim.

5.1. Se sim, de que forma?

Através dos lançamentos ou apresentações de obras (adquirindo a obra), feiras do livro.

1. Na vossa Biblioteca existe um espaço/sala infantojuvenil?  
Sim
    - 1.1. Este espaço/sala tem animadores ou responsáveis específicos?  
Não
  2. A vossa Biblioteca possui livros de Literatura Açoriana para Crianças e Jovens?  
Sim
    - 2.1. Se sim, quais os títulos dessas obras?  
De momento é impossível referir os títulos uma vez que estamos ainda em remodelações e não temos base de dados informatizada.
    - 2.2. Estes livros encontram-se separadas das restantes obras?  
Não
  3. A vossa Biblioteca realiza iniciativas para a promoção de obras de Literatura Açoriana para Crianças e Jovens?  
Não
    - 3.1. Se sim, quais?
      - 3.1.1. Com que frequência?
      - 3.1.2. Essas iniciativas são da exclusiva responsabilidade da Biblioteca ou há articulação com as escolas?
        - 3.1.2.1. Se sim, como se processa essa articulação?
  4. A vossa Biblioteca recorre ao Plano Regional de Leitura para a aquisição de obras açorianas para crianças e jovens, bem como para o desenvolvimento de atividades de promoção de leitura?  
Não
  5. A vossa Biblioteca mantém-se a par das obras de Literatura Açoriana para Crianças e Jovens, que vão sendo editadas?  
Não
    - 5.1. Se sim, de que forma?
1. Na vossa Biblioteca existe um espaço/sala infantojuvenil?

Sim

1.1. Este espaço/sala tem animadores ou responsáveis específicos?

Não

2. A vossa Biblioteca possui livros de Literatura Açoriana para Crianças e Jovens?

Sim

2.1. Se sim, quais os títulos dessas obras?

O planeta fogo ; Kamel e a lâmpada árabe de Rúben Correia

Kathy na Graciosa de Regina Tristão da Cunha

2.2. Estes livros encontram-se separadas das restantes obras?

Não

3. A vossa Biblioteca realiza iniciativas para a promoção de obras de Literatura Açoriana para Crianças e Jovens?

Não

3.1. Se sim, quais?

3.1.1. Com que frequência?

3.1.2. Essas iniciativas são da exclusiva responsabilidade da Biblioteca ou há articulação com as escolas?

3.1.2.1. Se sim, como se processa essa articulação?

4. A vossa Biblioteca recorre ao Plano Regional de Leitura para a aquisição de obras açorianas para crianças e jovens, bem como para o desenvolvimento de atividades de promoção de leitura?

Não

5. A vossa Biblioteca mantém-se a par das obras de Literatura Açoriana para Crianças e Jovens, que vão sendo editadas?

Não

5.1. Se sim, de que forma?

1. Na vossa Biblioteca existe um espaço/sala infantojuvenil?

Sim.

1.1. Este espaço/sala tem animadores ou responsáveis específicos?

Sim.

2. A vossa Biblioteca possui livros de Literatura Açoriana para Crianças e Jovens?

Sim.

2.1. Se sim, quais os títulos dessas obras?

AUTORES	TÍTULOS
Alexandra Castela et al (il. Elsa Melo Gouveia)	Um lugar chamado Açores – terra de baleeiros
Ana Isabel Ferreira	A viagem do Pai Natal aos Açores
Antero de Quental (il. Raquel Pinheiro)	As fadas
Célia Barreto Carvalho; Suzana Nunes Caldeira; Pedro Almeida Maia	Os vencedores do medo
Cristina Quental; Mariana Magalhães	Ciclo do leite; Ciclo do pão; Ciclo do ovo; Ciclo do arroz; Ciclo do mel; Ciclo da água; Ciclo do livro; A oficina do Pai Natal
Fátima Madruga; Victor Boga	A terra dos Biosótis
Filipe Lopes et al (il. Bernardo Carvalho)	A história do Zeca Garro
Flávia Medeiros	Orvalho
João Gomes de Abreu; Yara Kono	A ilha
Mariana Bradford et al.	O pirata das ilhas de Bruma – narrativa e peça de teatro; A lenda das sete cidades – narrativa e peça de teatro
Mariana Cymbron; Rita Bonança	A arte de reciclar
Nelson Soares	Pipi e Popó

Paula Botelho	Um safari geológico em Santa Maria
Paulo Ramalho (adapt. De)	Aventuras e desventuras no verão de 1576 – corsários franceses atacam Vila do Porto
Regina Tristão da Cunha	Kathy em... (volumes referentes a todas ilhas)
Sónia Pimentel	O Gu e a Tita ajudam a avó Rita
Sónia Sousa	Era uma vez... mais uma vez
Susana Teles Margarido	Sou diferente, sou fantástico
Teresa Viveiros	Tomás com Z
Vânia Leal Oliveira	O bigode picante do avô Roberto; O coração de Luana; A curiosidade do Frederico; Que stress!!!; Joaquim Ervilha
Vários autores	Coleção Retratos (11 vols.)

2.2. Estes livros encontram-se separados das restantes obras?

Temos uma estante para os livros do Plano Regional de Leitura e outra para o Plano Nacional de Leitura.

3. A vossa Biblioteca realiza iniciativas para a promoção de obras de Literatura Açoriana para Crianças e Jovens?

Sim.

3.1. Se sim, quais?

- Apresentação de livros
- Sessões de mediação leitora

3.1.1. Com que frequência?

As características etárias e desenvolvimentais dos grupos vindouros determinam a escolha do repertório a usar nas atividades, e é por aí que as obras de autores açorianos são convocadas, a par de outras de autoria diversa, perseguindo o objetivo prioritário do serviço educativo: promover uma relação afetiva com a leitura.

3.1.2. Essas iniciativas são da exclusiva responsabilidade da Biblioteca ou há articulação com as escolas?

A Biblioteca articula com as escolas, entre outras entidades.

3.1.2.1. Se sim, como se processa essa articulação?

De duas maneiras: mediante uma oferta permanente e consequente marcação de visitas (ações pontuais), ou estabelecendo um contrato/plano anual (projetos de continuidade).

4. A vossa Biblioteca recorre ao Plano Regional de Leitura para a aquisição de obras açorianas para crianças e jovens, bem como para o desenvolvimento de atividades de promoção de leitura?

Sim.

5. A vossa Biblioteca mantém-se a par das obras de Literatura Açoriana para Crianças e Jovens, que vão sendo editadas?

Sim.

5.1. Se sim, de que forma?

Consultando o Portal da Educação Açores.

1. Na vossa Biblioteca existe um espaço/sala infantojuvenil? Sim
  - 1.1. Este espaço/sala tem animadores ou responsáveis específicos? é a equipa da biblioteca
  
2. A vossa Biblioteca possui livros de Literatura Açoriana para Crianças e Jovens?
  - 2.1. Se sim, quais os títulos dessas obras?
    - Quando for grande... quero ser pai /Susan Teles Margarido
    - O contador de histórias /Nicha Alvim
    - Jovens autores de histórias ilustradas/A.A.V.V.
    - A história do Zé Cagarro / Filipe Lopes e Carla Goulart Silva
    - Uma estrela para o meu pai / Sylvia Button
    - Uma história grandiosa / Natália de almeida
    - Emigrante do paraíso: as quatro estações de António Dacosta / Álvaro Magalhães
    - Tomás Borba: trovador das gentes novas / Duarte Gonçalves Rosa
    - O menino músico: Francisco Lacerda
    - Cinco histórias da Xinita / Luís Morgadinho
    - O regresso de Xinita / Luís Morgadinho
    - A viagem da Mena / Filomena Vale
    - História inventada do planeta terra / Adriana Sussekind Mendonça
    - O canto livre de Afrodite: uma biografia de Natáli
    - a Correia / Ana Saldanha
    - Marta, Xispas e a gruta misteriosa / Maria Aurora Carvalho Homem
    - A ilhado menino poeta / José Jorge Letria
    - Lia e Nicoalu nos Parques naturais dos açores / A.A.V.V.
    - Aprende com a Maria Inês a tratar do teu cão / André Caetanos de matos
    - Violante do Canto, rainha de Angra / Alice Vieira
    - Um lugar chamado Açores : terra de baleeiros/ Alexandra Castela e elsa Melo gouveia

- Aventuras e desventuras no verão de 1576: corsários franceses atacam Vila do Porto / recontado por Paulo Ramalho
- Angra do Heroísmo / A.A.V.V.
- Antes morres livres – capitão de Figueiredo e a batalha da Salga / José Jorge Letria
- Teófilo Braga : para além do horizonte azul /Rita Taborda Duarte
- Tenente coronel José Agostinho / António Mota
- Contos e encantos das crianças marienses: o papel misterioso / A.A.V.V.
- A arte de reciclar / A.A.V.V.
- D. Silvana/ Natália de Almeida
- Vitorino Nemésio : grande homem das letras / Nicha Alvim
- Lia e Nicolau: a energia eléctrica nos Açores / A.A.V.V.
- Boneca de trapos vai viajar e outras peças / Natália de Almeida
- O homem que falava com as flores : Manuel de Arriaga / José Vaz
- São Miguel à beira-mar / A.A.V.V.
- Kathy em São Jorge / Regina Tristão da Cunha
- Kathy na Graciosa / “ “
- Kathy no Pico / “ “
- Kathy no Faial / “ “
- Kathy no Corvo / “ “
- Kathy nas Flores / Regina Tristão da Cunha
- Kathy nas Terceira / “ “
- Kathy em Santa Maria / “ “
- Kathy em São Miguel / “ “
- Pombois à descoberta / Sandra de Sousa Bairos
- Histórias de palmo e meio / Manuel Francisco Anjos
- O urso polar com patilhas / Joseph M. Faria
- Um lugar chamado Açores: descobrimentos e povoamento / A.A.V.V.
- Contos e encantos das crianças: a maldição do solitário / a.A.V.V.
- Contos e encantos das crianças marienses : vila moimho / A.A.V.V.
- Contos e encantos das crianças marienses : o lugar das nuvens azuis/ A.A.V.V.

- Diário do meu segredo / Susana Teles Margarido
- Orvalho / Flávia Medeiros
- Criança todos os dias / Nuno Higinio
- A aventura do Delfim / Mafalda Moniz
- Luan e as ilhas fantásticas dos Açores / Susana Teles Margarido
- Contos de lá / A.A.V.V.
- As rochas dos Açores: guia infantil / A.A.V.V.
- Os vulcões dos Açores / A.A.V.V.
- Especialmente / Flávia Medeiros

2.2. Estes livros encontram-se separadas das restantes obras? sim

3. A vossa Biblioteca realiza iniciativas para a promoção de obras de Literatura Açoriana para Crianças e Jovens?

3.1. Se sim, quais? Hora do conto

3.1.1. Com que frequência? não temos frequência, quando surge alguma actividade para comemorar alguma data, por exemplo.

3.1.2. Essas iniciativas são da exclusiva responsabilidade da Biblioteca ou há articulação com as escolas? da biblioteca

3.1.3. Se sim, como se processa essa articulação? Convidamos a comunidade escolar a participar

4. A vossa Biblioteca recorre ao Plano Regional de Leitura para a aquisição de obras açorianas para crianças e jovens, bem como para o desenvolvimento de atividades de promoção de leitura? Não

5. A vossa Biblioteca mantém-se a par das obras de Literatura Açoriana para Crianças e Jovens, que vão sendo editadas? sim

5.1. Se sim, de que forma? Através de websites

## **APÊNDICE IX – RESPOSTAS AOS INQUÉRITOS DIRIGIDOS ÀS BIBLIOTECAS ESCOLARES DOS AÇORES**

1. A vossa Biblioteca possui livros de Literatura Açoriana para Crianças e Jovens?

Sim.

1.1. Se sim, quais os títulos dessas obras?

“O homem que falava com as flores”;

“O bigode picante do avô Roberto”;

“O Coração de Luana”;

“A Curiosidade do Frederico”;

“Engle, a menina da Atlântida”;

“Joaquim Ervilha”;

“Que stress!!”;

“Vem Mergulhar nas Ondas da Fantasia...”.

1.2. Estes livros encontram-se separadas das restantes obras?

Não.

2. A vossa Biblioteca realiza iniciativas para a promoção de obras de Literatura Açoriana para Crianças e Jovens?

Sim.

2.1. Se sim, quais?

Colocação em destaque de obras de Literatura Açoriana.

2.1.1. Com que frequência?

Sem calendarização específica.

3. A vossa Biblioteca recorre ao Plano Regional de Leitura para a aquisição de obras açorianas para crianças e jovens, bem como para o desenvolvimento de atividades de promoção de leitura?

Não.

4. A vossa Biblioteca mantém-se a par das obras de Literatura Açoriana para Crianças e Jovens, que vão sendo editadas?

Não.

4.1. Se sim, de que forma?

1. A vossa Biblioteca possui livros de Literatura Açoriana para Crianças e Jovens?

Sim.

- 1.1. Se sim, quais os títulos dessas obras?

A Coleção **Retratos**; **A Boneca de Trapos vai viajar e outras peças** (Natália Almeida); **5 Contos para ler e brincar** (vários); **Kathy em S. Jorge, Kathy na Graciosa, Kathy no Pico, Kathy no Faial, Kathy nas Flores, Kathy na Terceira, Kathy em S. Miguel, Kathy em Santa Maria** (Regina Tristão da Cunha); **Ciclo do leite, Ciclo do pão** (Cristina Quental, Mariana Magalhães); **O Pirata das Ilhas da Bruma, A Lenda das Sete Cidades** (Mariana Bradford, Mariana Magalhães, Joana Medeiros); **Princesa sobre rodas** (Flávia Medeiros); **O Padre Cunha** (Regina Tristão da Cunha); **O “Menino-do-não-querer” no país das birras gerais** (Assunção Melo); **Sou diferente, Sou fantástico** (Susana Teles Margarido); **Diferentes = iguais em direitos... demonstra!** (Susana Teles Margarido, Natália Almeida)

- 1.2. Estes livros encontram-se separadas das restantes obras?

De momento, não.

2. A vossa Biblioteca realiza iniciativas para a promoção de obras de Literatura Açoriana para Crianças e Jovens?

Não especificamente, apenas de promoção da leitura no geral.

- 2.1. Se sim, quais?

-

- 2.1.1. Com que frequência?

-

3. A vossa Biblioteca recorre ao Plano Regional de Leitura para a aquisição de obras açorianas para crianças e jovens, bem como para o desenvolvimento de atividades de promoção de leitura?

Não.

4. A vossa Biblioteca mantém-se a par das obras de Literatura Açoriana para Crianças e Jovens, que vão sendo editadas?

Não.

4.1. Se sim, de que forma?

-

1. A vossa Biblioteca possui livros de Literatura Açoriana para Crianças e Jovens? Sim.
  - 1.1. Se sim, quais os títulos dessas obras? *Arquipélago; Meridiano 28; Sou diferente, sou fantástico; Sahar a rapariga do véu; diário do meu segredo; de outra cor; quando for grande quero ser pai; Diferentes e iguais em direitos ...demonstrar? Luna; O meu mundo não é deste reino; Mar Rubro; Pena dela saudades de mim; Mar pela proa*
  - 1.2. Estes livros encontram-se separadas das restantes obras? Não.
  
2. A vossa Biblioteca realiza iniciativas para a promoção de obras de Literatura Açoriana para Crianças e Jovens?
  - 2.1. Se sim, quais? Não .
    - 2.1.1. Com que frequência?
  
3. A vossa Biblioteca recorre ao Plano Regional de Leitura para a aquisição de obras açorianas para crianças e jovens, bem como para o desenvolvimento de atividades de promoção de leitura? Sim.
4. A vossa Biblioteca mantém-se a par das obras de Literatura Açoriana para Crianças e Jovens, que vão sendo editadas?
  - 4.1. Se sim, de que forma? Sim, através da consulta de listagens e informações da RRBE.

1. A vossa Biblioteca possui livros de Literatura Açoriana para Crianças e Jovens?

Sim.

1.1. Se sim, quais os títulos dessas obras?

- A boneca de trapos vai viajar e outras peças (Natália de Almeida)
- Diferentes = iguais em Direitos.... Demonstra! (Natália de Almeida

/ Susana Teles Margarido)

- Histórias do Maio (Natália de Almeida)
- D. Silvana (Natália de Almeida)
- A Velhinha do Cestinho de ovos (Natália de Almeida)
- O contador de histórias (Nicha Alvim)
- Histórias do entardecer (Fernando Aires)
- Vitorino Nemésio – Grande homem das letras (Nicha Alvim)
- O lugar das Nuvens Azuis (Associação Juvenil de Sta. Maria)
- 5 contos para ler e brincar (Ana Isabel Arruda e outros)
- O Urso Polar com patilhas (Joseph M. Faria)
- Contos e encantos das crianças marienses (Associação Juvenil de

Sta. Maria)

- A Maldição do Solitá (Associação Juvenil de Sta. Maria)
- O papel misterioso (Associação Juvenil de Sta. Maria)
- Teófilo Braga (Rita Duarte)
- O Menino Músico (Regina Tristão da Cunha)
- Coleção Kathy na... (Regina Tristão da Cunha)
- Orvalho (Flávia Medeiros)
- A Princesa sobre Rodas (Flávia Medeiros)
- Contos Populares do Arquipélago dos Açores (Teófilo de Braga)

1.2. Estes livros encontram-se separadas das restantes obras?

Não.

2. A vossa Biblioteca realiza iniciativas para a promoção de obras de Literatura Açoriana para Crianças e Jovens?

Sim. A atividade “Hora do Conto”.

2.1. Se sim, quais?

A atividade “Hora do Conto” destina-se essencialmente a alunos da Educação pré escolar e 1º CEB.

2.1.1. Com que frequência?

A atividade é mensal, contudo nem todos os meses são para promoção de obras de Literatura Açoriana para Crianças e Jovens.

3. A vossa Biblioteca recorre ao Plano Regional de Leitura para a aquisição de obras açorianas para crianças e jovens, bem como para o desenvolvimento de atividades de promoção de leitura?

Nem sempre.

4. A vossa Biblioteca mantém-se a par das obras de Literatura Açoriana para Crianças e Jovens, que vão sendo editadas?

Não.

4.1. Se sim, de que forma?

1. A vossa Biblioteca possui livros de Literatura Açoriana para Crianças e Jovens?

Sim

- 1.1. Se sim, quais os títulos dessas obras?

*12=12 Poetas Açorianos; 121=121 Poemas Escolhidos; 4 estações4 Paredes1/4; À boquinha da noite; Acordes místicos; Açores, Açorianos, Açorianidade; Açores XX3x20; Os Açorianíadas; Adeus amanhã; Água do céu e do mar; Almas cativas e poemas dispersos; O Anjo do lago; O barco e o sonho; Cicatriz da chuva; Ciclo da lã; Ciclo do Ovo; Ciclo do azeite; Ciclo do mel; Ciclo do leite; Contos tradicionais açorianos; Crónicas do Corvo; Da anunciada; De outra cor; Deixando a ilha do Pico; Deserto de todas as chuvas; O Deus dos últimos; Diário das mulheres toleradas; Diário do meu segredo; Do sonho ao pesadelo; É carnaval; Engle; Entre passos sobrevivem eras; Gente das ilhas; Grotta; Heróis à moda dos Açores; Ilha á vista; Ilha grande fechada; Ilhas Atlânticas; Indiferença; A lagoa dos castores e outras narrativas da minha diáspora; As lendas no imaginário açoriano; Um lugar chamado Açores; Luizão no bosque das faias; As mãos, as crinas; Mar pela proa; Mau tempo e má sorte; Memórias de um baleeiro; A menina azul; Minha querida avó; Munhecas; Na noite Silênciosa; Um natal encantado; O pinhal dos segredos e outras aventuras no natal; Pedras negras; Pintar com palavras Açores; O pirata das ilhas de Bruma; O planeta fogo; Ponta Delgada ficções; Um punhado de areia nas mãos; Quando for grande...quero ser pai; “Quando o mar galgou a terra”; Que paisagem apagarás; Quebra-cabeças e nozes; O romance das ilhas encantadas; As rosas de granada; O silêncio das Margens; A terra dos Biosotis; Vamos à festa do Senhor Santo Cristo, pá! ; Viagem do Pai Natal aos Açores; Virtudes Reis Moscas & outras hortaliças; Voz do longe.*

- 1.2. Estes livros encontram-se separados das restantes obras?

Não, estão identificadas na literatura açoriana no género literário.

2. A vossa Biblioteca realiza iniciativas para a promoção de obras de Literatura Açoriana para Crianças e Jovens?

Sim.

2.1. Se sim, quais?

Através de exposições temáticas, concursos, através do facebook há a divulgação de livros novos, atividade Hora do conto.

2.1.1. Com que frequência?

Em conformidade com o plano anual de atividades da Biblioteca Escolar.

3. A vossa Biblioteca recorre ao Plano Regional de Leitura para a aquisição de obras açorianas para crianças e jovens, bem como para o desenvolvimento de atividades de promoção de leitura?

Sim.

4. A vossa Biblioteca mantém-se a par das obras de Literatura Açoriana para Crianças e Jovens, que vão sendo editadas?

Sim.

4.1. Se sim, de que forma?

Através da consulta da lista do Plano Regional de Leitura sempre que esta está a ser atualizada.

1. A vossa Biblioteca possui livros de Literatura Açoriana para Crianças e Jovens?

Sim.

1.1. Se sim, quais os títulos dessas obras?

- O bigode picante do avô Roberto de Vânia Leal Oliveira
- O coração de Luana de Vânia Leal Oliveira
- A curiosidade do Frederico de Vânia Leal;
- Quando for grande quero ser pai, da Susana Teles Margarido;
- Sou diferente, Sou fantástico, da Susana Teles Margarido;
- Diferentes = em direitos... demonstra?, da Susana Teles Margarido
- ;
- Luna e as ilhas fantásticas dos Açores, da Susana Teles Margarido
- ;
- De outra cor, da Susana Teles Margarido ;
- Diário do meu segredo, da Susana Teles Margarido;
- Coleção Retratos;
- A fada Solária, Flávia Medeiros;
- Regina Tristão da Cunha Kathy em... (volumes referentes a todas as ilhas, menos Ilha Terceira);
- Dias de Melo, Mar pela proa;
- Leonor Sampaio da Silva Mau tempo e má sorte - contos pouco exemplares;
- Onésimo Teotónio de Almeida, Ah! Mónim dum Corisco!;
- Victor Rui Dorez, Crónicas insulares.

1.2. Estes livros encontram-se separados das restantes obras?

Encontram-se na secção da Literatura Infantil e Juvenil.

2. A vossa Biblioteca realiza iniciativas para a promoção de obras de Literatura Açoriana para Crianças e Jovens?

Sim.

2.1. Se sim, quais?

Projeto Ler +, Hora do Conto em todas as escolas da Unidade Orgânica aos alunos do primeiro ciclo e Jardim de Infância, Celebração de dias temáticos.

2.1.1. Com que frequência?

O Projeto Ler + e a Hora do Conto têm uma frequência semanal.

3. A vossa Biblioteca recorre ao Plano Regional de Leitura para a aquisição de obras açorianas para crianças e jovens, bem como para o desenvolvimento de atividades de promoção de leitura?

4. A vossa Biblioteca mantém-se a par das obras de Literatura Açoriana para Crianças e Jovens, que vão sendo editadas?

Sim.

4.1. Se sim, de que forma?

Através das informações da RRBE, do PRL e newsletters da DRAC e IAC.

1. A vossa Biblioteca possui livros de Literatura Açoriana para Crianças e Jovens?

Sim.

- 1.1. Se sim, quais os títulos dessas obras?

*A viagem do Pai Natal aos Açores; Açores, Lendas e outras histórias; A Terra dos Biosótiis; A história de Zeca Garro; O pirata das ilhas de bruma – narrativa e peça de teatro; A lenda das Sete cidades – narrativa e peça de teatro; Kathy em...* (volumes referentes a todas as ilhas); Sou diferente, sou fantástico; As fadas; Um lugar chamado Açores – terra de baleeiros; Contos tradicionais açorianos de Teófilo Braga; As ilhas desconhecidas; Fui ao mar buscar laranjas; Pedras negras; Parques e jardins dos Açores; ;Arquipélago; Mau tempo no canal; Vulcão dos Capelinhos (retrospectivas); O conto literário de temática açoriana; O terceiro servo; Os navios da noite; O imaginário dos escritores açorianos, entre outros.

- 1.2. Estes livros encontram-se separadas das restantes obras?

A biblioteca sofreu uma reorganização espacial, estando, os livros, a ser inventariados, catalogados e organizados conforme a disponibilidade das funcionárias, contudo, o objetivo é dispô-los numa estante destinada ao PRL e a monografias dos/ sobre os Açores.

2. A vossa Biblioteca realiza iniciativas para a promoção de obras de Literatura Açoriana para Crianças e Jovens?

Sim.

- 2.1. Se sim, quais?

Hora do conto e clube de leitura.

- 2.1.1. Com que frequência?

Semanalmente.

3. A vossa Biblioteca recorre ao Plano Regional de Leitura para a aquisição de obras açorianas para crianças e jovens, bem como para o desenvolvimento de atividades de promoção de leitura?

Uma das prioridades da BE este ano era, precisamente, divulgar e explorar obras e textos de âmbito regional, porém, dispomos de poucos títulos, sobretudo do ensino básico. Como agravante, constatou-se que não é fácil a

sua aquisição, dado que as livrarias regionais apostam mais nos livros do PNL e os de leitura recomendada pelos autores das orientações curriculares, o que é lamentável. Sendo o objetivo divulgar o que temos de qualidade sobre e dos Açores, também deveria haver uma preocupação em disponibilizá-los nas várias livrarias da região ou assegurar a sua divulgação e venda online, o que não se verifica.

4. A vossa Biblioteca mantém-se a par das obras de Literatura Açoriana para Crianças e Jovens, que vão sendo editadas?

Sim, dentro do possível, uma vez que na ilha do Corvo não dispomos de livrarias.

4.1. Se sim, de que forma?

Através das atualizações do PRL, de autores que se deslocam à ilha para divulgar as suas obras ou falar das temáticas/problemáticas nelas abordadas, bem como da Direção regional da Cultura que, gentilmente, envia alguns títulos recentemente publicados.

1. A vossa Biblioteca possui livros de Literatura Açoriana para Crianças e Jovens?

**Sim.**

- 1.1. Se sim, quais os títulos dessas obras?

**Os Vencedores do Medo- Célia Barreto Carvalho; Suzana Nunes Caldeira; Pedro Almeida Maia**

**Ciclo do Pão-Cristina Quental; Mariana Magalhães**

**Ciclo do Ovo- Cristina Quental; Mariana Magalhães**

**O bigode picante do avô Roberto- Vânia Leal Oliveira**

**O Coração de Luana- Vânia Leal Oliveira**

**A Curiosidade de Frederico- Vânia Leal Oliveira**

**Engle a menina do mar- Ana A.D. Caldeira**

**A Lenda das Sete Cidades- Mariana Bradford**

**Coleção Kathy em (ilhas dos açores)- Regina Tristão da Cunha**

**Joaquim Ervilha- Vânia Leal Oliveira**

**Coleção Retratos- Vários autores**

**As Fadas- Antero de Quental**

**Os Navios da Noite- João de Melo**

**Arquipélago- Joel Neto**

**Lugar de Massacre- José Martins Garcia**

**O medo- José Martins Garcia**

**A fome- José Martins Garcia**

**Almas Cativas- Roberto Mesquita**

- 1.2. Estes livros encontram-se separadas das restantes obras?

**Não.**

2. A vossa Biblioteca realiza iniciativas para a promoção de obras de Literatura Açoriana para Crianças e Jovens?

**Não.**

**Apenas são realizadas atividades como a “Hora do Conto”, com obras e textos do Plano Nacional de Leitura (Leitura obrigatória).**

- 2.1. Se sim, quais?

2.1.1. Com que frequência?

**Semanalmente.**

3. A vossa Biblioteca recorre ao Plano Regional de Leitura para a aquisição de obras açorianas para crianças e jovens, bem como para o desenvolvimento de atividades de promoção de leitura?

**Não.**

4. A vossa Biblioteca mantém-se a par das obras de Literatura Açoriana para Crianças e Jovens, que vão sendo editadas?

**Ocasionalmente.**

4.1. Se sim, de que forma?

**Através dos média, ou recebendo alguns livros de oferta da Direção Regional da Cultura.**

1. A vossa Biblioteca possui livros de Literatura Açoriana para Crianças e Jovens?

Sim

- 1.1. Se sim, quais os títulos dessas obras?

Os sonhos do infante	Álamo de Oliveira
Já não gosto de chocolates	Álamo de Oliveira
Engle a menina da atlântica	Ana A.D.Caldeira
A Ilha Mágica	Conceição Maciel
Contos de Lá	Direção Regional das Comunidades
... Se o mundo fosse como eu penso	Escola Preparatoria da Horta
A Terra dos Biosótis	Fatima Madruga
Munhecas contos	Florêncio Terra
Maria Encantada	José Jorge de Melo
A Maria Bé e o Zé Finorio	Manuel Ferreira
A Lenda das sete cidades	Mariana Bradford
A Menina	Natalia de Almeida
PIPI e POPÓ apenas para quem educa!	Nelson Soares
Era uma vez... Mais uma vez...	Sónia Sousa
Diário do Meu Segredo	Susana Teles Margarida
quando for grande... QUERO SER PAI!	Susana Teles Margarido
Sou Diferente, Sou Fantástico!	Susana Teles Margarido
De Outra Cor	Susana Teles Margarido
Luna e as Ilhas Fantásticas dos Açores	Susana Teles Margarido
Minha Querida Avó	Susana Teles Margarido
Diferentes=Iguais em direitos...Demonstra!	Susana Teles Margarido
Isabel de Aragão Rainha Santa	V.Nemésio

- 1.2. Estes livros encontram-se separadas das restantes obras?

Não. Encontram-se na estante de literatura infanto-juvenil

2. A vossa Biblioteca realiza iniciativas para a promoção de obras de Literatura Açoriana para Crianças e Jovens?

Sim

- 2.1. Se sim, quais?

Sou Diferente, Sou Fantástico!	Susana Teles Margarido
De Outra Cor	Susana Teles Margarido

- 2.1.1. Com que frequência?

2 sessões por cada turma (2x13=26)

3. A vossa Biblioteca recorre ao Plano Regional de Leitura para a aquisição de obras açorianas para crianças e jovens, bem como para o desenvolvimento de atividades de promoção de leitura?

Sim

4. A vossa Biblioteca mantém-se a par das obras de Literatura Açoriana para Crianças e Jovens, que vão sendo editadas?

Sim

- 4.1. Se sim, de que forma?

Através do Plano Regional de Leitura

1. A vossa Biblioteca possui livros de Literatura Açoriana para Crianças e Jovens?

**Sim.**

- 1.1. Se sim, quais os títulos dessas obras?

**A BE da EBI da Maia possui, na sua biblioteca central e cinco bibliotecas de núcleo, cerca de 250 títulos de autores açorianos, para crianças e jovens, que por razões óbvias não vou discriminar.**

- 1.2. Estes livros encontram-se separadas das restantes obras?

**Sim, numa secção de temática açores, na secção infantil e na secção juvenil.**

2. A vossa Biblioteca realiza iniciativas para a promoção de obras de Literatura Açoriana para Crianças e Jovens?

**Sim.**

- 2.1. Se sim, quais?

**Pequenas dramatizações, projeto Ler Mais, Aulas abertas e Oficinas de Escrita e Oficinas de leitura com autores açorianos.**

- 2.1.1. Com que frequência?

**Três a quatro por período.**

3. A vossa Biblioteca recorre ao Plano Regional de Leitura para a aquisição de obras açorianas para crianças e jovens, bem como para o desenvolvimento de atividades de promoção de leitura?

**Sim.**

4. A vossa Biblioteca mantém-se a par das obras de Literatura Açoriana para Crianças e Jovens, que vão sendo editadas?

**Sim.**

- 4.1. Se sim, de que forma?

**Através da Secretaria Regional da Educação e Cultura; da Rede Regional de Bibliotecas Escolares e dos docentes do Departamento de Línguas da Escola.**

1. A vossa Biblioteca possui livros de Literatura Açoriana para Crianças e Jovens?

Sim.

1.1. Se sim, quais os títulos dessas obras?

✓ **Literatura Açoriana para Jovens**

- 10 anos de vila a cidade de Rui Carvalho e Melo
- S. Miguel Nordeste e no principio era a ilha de Adelaide Baptista/ Homem Cardoso
- Vila Franca do Campo de Rui de Sousa Martins
- Vila Franca do Campo em desenvolvimento de Rui Carvalho e Melo
- Ponta Garça, alguns dados históricos e demográficos de Maria Gaspar
- Irró, Santo Irró a festa dos homens do mar dedicada a São Pedro Gonçalves de Maria Gaspar
- Agua D`Alto comemora os 150 anos da sua igreja 1855-2005 de Vários Autores
- Vila Franca do Campo na ilha de São Miguel igreja matriz de Prior Jorge Furtado da Ponte
- Escavações Arqueológicas em Vila Franca do Campo 1967-1982 de Carlos Melo Bento
- Coisas da Vila de Manuel Soares Ferreira
- Viagens no Tempo de Bento Sampaio
- Viagens no Tempo por outeiros e canadas de Bento Sampaio
- A Senhora da Paz na tradição popular vila-franquense de Teotónio Machado de Andrade
- VI CAMPANHA estação arqueológica das terras do engenho de Manuel de Sousa D`Oliveira
- Paróquia do apóstolo São Pedro de Vila Franca do Campo de Padre Manuel José Pires

✓ **Literatura Açoriana para crianças**

- O lugar das nuvens azuis de Judite Fernandes
- Vila moinho de Judite Fernandes

- O canto livre de Afrodite de Ana Saldanha
- Violante do canto rainha de angra de Alice Vieira
- Antes morrer livres ciprião de figueiredo e a batalha da salga de José Jorge Letria
- O contador de histórias de Nicha Alvim
- Emigrante do Paraíso de Álvaro Magalhães
- O menino músico Francisco de Lacerda de Regina Tristão da Cunha
- Tomás Borba trovador das gentes novas de Duarte Gonçalves-Rosa
- O homem que falava com as flores: Manuel de Arriaga de José Vaz
- Tenente-coronel José Agostinho de António Mota
- Teófilo de Braga para além do horizonte azul de Rita Taborda Duarte
- Vitorino Nemésio grande homem das letras de Nicha Alvim
- Bruxas em Quarentena de Flávia Medeiros
- Leonor no Núcleo de Arte Sacra do Museu Carlos Machado de Maria Emanuel Albergaria

1.2. Estes livros encontram-se separadas das restantes obras?

Estes livros estão nas estantes da Literatura juvenil.

2. A vossa Biblioteca realiza iniciativas para a promoção de obras de Literatura Açoriana para Crianças e Jovens?

Sim.

2.1. Se sim, quais?

Leitura e posterior Teatro de Sombras do livro *Sou diferente, sou fantástico* de Susana Teles Margarido.

2.1.1. Com que frequência?

Uma vez por mês.

3. A vossa Biblioteca recorre ao Plano Regional de Leitura para a aquisição de obras açorianas para crianças e jovens, bem como para o desenvolvimento de atividades de promoção de leitura?

Sim.

4. A vossa Biblioteca mantem-se a par das obras de Literatura Açoriana para Crianças e Jovens, que vão sendo editadas?

Sim.

4.1. Se sim, de que forma?

Através do Plano Nacional de Leitura e do Currículo Regional.

1. A vossa Biblioteca possui livros de Literatura Açoriana para Crianças e Jovens?

Sim.

1.1. Se sim, quais os títulos dessas obras?

Sou diferente, sou fantástico, Susana Teles Margarido.

... (de cor, não sei)

1.2. Estes livros encontram-se separadas das restantes obras?

Não.

2. A vossa Biblioteca realiza iniciativas para a promoção de obras de Literatura Açoriana para Crianças e Jovens?

Sim.

2.1. Se sim, quais?

Ler + no 1º ciclo.

Vinda de escritores à escola.

2.1.1. Com que frequência?

Ao longo do ano letivo.

3. A vossa Biblioteca recorre ao Plano Regional de Leitura para a aquisição de obras açorianas para crianças e jovens, bem como para o desenvolvimento de atividades de promoção de leitura?

Sim, de acordo com o orçamento disponível.

4. A vossa Biblioteca mantém-se a par das obras de Literatura Açoriana para Crianças e Jovens, que vão sendo editadas?

Sim.

4.1. Se sim, de que forma?

Através da correspondência enviada e do PRL.

1. A vossa Biblioteca possui livros de Literatura Açoriana para Crianças e Jovens?

Sim.

- 1.1. Se sim, quais os títulos dessas obras?

Entre outros, destaco os seguintes títulos, pois são os mais requisitados pelos nossos jovens alunos:

A distância que nos uniu;

A vida no campo;

A Madona;

A ilha grande fechada;

Na noite silenciosa

- 1.2. Estes livros encontram-se separadas das restantes obras?

2. A vossa Biblioteca realiza iniciativas para a promoção de obras de Literatura Açoriana para Crianças e Jovens?

Sim.

- 2.1. Se sim, quais?

Exposição de livros; redação de biografias dos autores e respetivas obras.

- 2.1.1. Com que frequência?

Uma a duas vezes por ano letivo.

3. A vossa Biblioteca recorre ao Plano Regional de Leitura para a aquisição de obras açorianas para crianças e jovens, bem como para o desenvolvimento de atividades de promoção de leitura?

Sim.

4. A vossa Biblioteca mantém-se a par das obras de Literatura Açoriana para Crianças e Jovens, que vão sendo editadas?

Sim.

4.1. Se sim, de que forma?

Através das publicidades que vão sendo enviadas para a escola.

1. A vossa Biblioteca possui livros de Literatura Açoriana para Crianças e Jovens?

Sim.

1.1. Se sim, quais os títulos dessas obras?

*121 Poemas escolhidos (1954-1997)*

*A balada das baleias*

*A boneca de trapos vai viajar e outras peças*

*A brincar aprenderás*

*A cor cíclame e os desertos – contos*

*A curiosidade do Frederico*

*A Descoberta da Cidade e outras histórias*

*A fome*

*A história do Zeca Garro*

*A lenda das Sete Cidades*

*A mulher de Porto Pim*

*A Terra e o mar. Crónicas do meu sentir*

*Açores, Açorianos, Açorianidade. Um Espaço Cultural*

*Açores, Lendas e Outras Histórias*

*África Annes: o nome em vão*

*Ah! Mónim dum corisco!*

*Almas cativas*

*Arquipélago*

*As fadas*

*As ilhas desconhecidas*

*Autópsia de um mar de ruínas*

*Ciclo do azeite*

*Contos infernais*

*Da Anunciada*

*De outra cor*

*Engle a menina do mar*

*Estórias Açorianas*

*Fui ao mar buscar laranjas*

*Gente feliz com lágrimas*

*Histórias do entardecer*

*Ilha grande fechada*  
*Insularidade e continentalidade*  
*Joaquim Ervilha*  
*Kathy em...*  
*Lugar de massacre*  
*Luz e sombras no século XIX em Portugal*  
*Mar pela proa*  
*Mau tempo e má sorte*  
*Mau Tempo no Canal*  
*Na distância deste tempo*  
*Narcole*  
*Novas estórias açorianas*  
*O barco e o sonho*  
*O bigode picante do avô Roberto*  
*O conto literário de temática açoriana. Estudos e antologia*  
*O coração de Luana*  
*O Deus dos Últimos*  
*O Editor*  
*O medo*  
*O mistério da casa indeterminada*  
*O Morro e o Gigante*  
*O pastor das casas mortas*  
*O peso do hífen*  
*O pirata das ilhas de bruma*  
*O terceiro servo*  
*Orvalho*  
*Os Açores e o domínio filipino, 1580-1590*  
*Os expostos*  
*Os navios da noite*  
*Os vencedores do medo*  
*Pai, a sua bênção!*  
*Pedras negras*  
*Permanências*  
*Pipi e Popó*

*Poesia I (1916-1940)*  
*Poesia II (1950-1959) tomo I*  
*Poesia II (1963-1976) tomo II*  
*Porto do mistério do Norte*  
*Portugal atlântico*  
*Que paisagem apagarás*  
*Que stress!!!*  
*Raiz comovida*  
*Rosas de Granada*  
*Rufina*  
*Terra de Lídia*  
*Vida e obra do Infante D. Henrique*  
*Vulcão dos Capelinhos*

- 1.2. Estes livros encontram-se separadas das restantes obras?  
Não
2. A vossa Biblioteca realiza iniciativas para a promoção de obras de Literatura Açoriana para Crianças e Jovens?  
Não
  - 2.1. Se sim, quais?
    - 2.1.1. Com que frequência?
3. A vossa Biblioteca recorre ao Plano Regional de Leitura para a aquisição de obras açorianas para crianças e jovens, bem como para o desenvolvimento de atividades de promoção de leitura?  
Sim, quando há verba.
4. A vossa Biblioteca mantém-se a par das obras de Literatura Açoriana para Crianças e Jovens, que vão sendo editadas?  
Não.
  - 4.1. Se sim, de que forma?

1. A vossa Biblioteca possui livros de Literatura Açoriana para Crianças e Jovens?

Sim.

1.1. Se sim, quais os títulos dessas obras?

Livros do PRL.

1.2. Estes livros encontram-se separadas das restantes obras?

Algumas, sim.

2. A vossa Biblioteca realiza iniciativas para a promoção de obras de Literatura Açoriana para Crianças e Jovens?

Sim.

2.1. Se sim, quais?

Encontros com escritores.

2.1.1. Com que frequência?

Cerca de 2 vezes por ano letivo.

3. A vossa Biblioteca recorre ao Plano Regional de Leitura para a aquisição de obras açorianas para crianças e jovens, bem como para o desenvolvimento de atividades de promoção de leitura?

Sim, recorremos às recomendações nacionais e às regionais.

4. A vossa Biblioteca mantém-se a par das obras de Literatura Açoriana para Crianças e Jovens, que vão sendo editadas?

Sim.

4.1. Se sim, de que forma?

Através dos media e através da atualização anual das existências das obras do PRL na biblioteca.

1. A vossa Biblioteca possui livros de Literatura Açoriana para Crianças e Jovens?

Sim.

1.1. Se sim, quais os títulos dessas obras?

<b>Título</b>	<b>Autor</b>
Contos Tradicionais Açorianos de Teófilo Braga	Anabela Mimoso
Os vencedores do medo	Célia Barreto Carvalho; Suzana Nunes Caldeira; Pedro Almeida Maia
A Terra dos Biosótiis	Fátima Madruga; Victor Boga
A Ilha	João Gomes de Abreu; Yara Kono
Leonor no Núcleo de Arte Sacra do Museu Carlos Machado	Maria Emanuel Albergaria
O bigode picante do avô Roberto	Vânia Leal Oliveira
O coração de Luana	Vânia Leal Oliveira
A curiosidade do Frederico	Vânia Leal Oliveira
Sou diferente, sou fantástico	Susana Teles Margarido (il. Marília Ascenso et Fedra Santos)
O bigode picante do avô Roberto	Vânia Leal Oliveira
O coração de Luana	Vânia Leal Oliveira
A curiosidade do Frederico	Vânia Leal Oliveira
Joaquim Ervilha	Vânia Leal Oliveira

1.2. Estes livros encontram-se separadas das restantes obras?

Não.

2. A vossa Biblioteca realiza iniciativas para a promoção de obras de Literatura Açoriana para Crianças e Jovens?

Quando possível.

2.1. Se sim, quais?

Exposição das obras, palestras promovidas pelos próprios escritores.

2.1.1. Com que frequência?

Anualmente.

3. A vossa Biblioteca recorre ao Plano Regional de Leitura para a aquisição de obras açorianas para crianças e jovens, bem como para o desenvolvimento de atividades de promoção de leitura?

Sim.

4. A vossa Biblioteca mantém-se a par das obras de Literatura Açoriana para Crianças e Jovens, que vão sendo editadas?

Sim.

4.1. Se sim, de que forma?

Através da Internet ou da feira do livro.

1. A vossa Biblioteca possui livros de Literatura Açoriana para Crianças e Jovens?

1.1. Se sim, quais os títulos dessas obras?

PRL

1.2. Estes livros encontram-se separadas das restantes obras?

Não.

2. A vossa Biblioteca realiza iniciativas para a promoção de obras de Literatura Açoriana para Crianças e Jovens?

2.1. Se sim, quais? Sim: encontros com escritores, dramatização de peças, hora do conto

2.1.1. Com que frequência? Com alguma frequência.

3. A vossa Biblioteca recorre ao Plano Regional de Leitura para a aquisição de obras açorianas para crianças e jovens, bem como para o desenvolvimento de atividades de promoção de leitura?

Não. Não temos verba para aquisição de obras. Sempre que conseguimos angariar algum dinheiro damos prioridade aos livros de leitura obrigatória, após consultarmos os docentes de português.

4. A vossa Biblioteca mantém-se a par das obras de Literatura Açoriana para Crianças e Jovens, que vão sendo editadas?

4.1. Se sim, de que forma? Sim, através da RRBE e da informação disponível online.